
CRÔNICAS DE
RICARDO GONDIM
SEM
PERDER A
ALMA

Sem perder a alma

Ricardo Gondim

Digitalizado por: Jolosa

Sem perder a alma
Copyright © Ricardo Gondim
Publicado por MK Editora

•

O selo MK Editora faz parte do
Grupo MK de Comunicação.
Proibida a reprodução parcial ou total
do texto sem a autorização
por escrito da editora.

•

Todos os direitos em língua portuguesa
reservados por:



MK EDITORA
Rua Gotemburgo, 211 - São Cristovão
CEP 20941-080 - Rio de Janeiro - RJ
Tel. 3891-9300
Fax. 3891-9343
Televendas: 0300 -789-2502
www.mkeditora.com.br

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Gondim, Ricardo, 1954 –
Sem perder a alma / Ricardo Gondim – Rio de Janeiro : MK Editora, 2008
200p.

ISBN 978-85-7845003-8

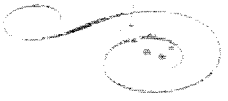
1. Espiritualidade. 2. Vida cristã. I. Título.

08-3171 CDU 23



À Silvia Geruza,
minha Dulcinéia querida
fiel companheira de

Apresentação



A apresentação de um livro deve ser um aperitivo que abre o apetite do leitor. Terei muito cuidado do mundo com as minhas primeiras palavras porque quero que você me acompanhe até a última página. Este livro nasceu, na verdade, porque Yvelise de Oliveira se apaixonou com o que leu. Não sei explicar o que aconteceu, mas os meus textos mexeram com o seu coração. Fico sensibilizado com o carinho com que ela abraçou o projeto de publicar-me.

Comecei a escrever bem tarde na vida. Eu me especializava na comunicação falada, mas percebi que a linguagem oral não bastava. Caso quisesse cravar alguns conceitos, precisaria escrever. As palavras são fluidas, voláteis, refratárias. Só quem escreve tem permanência. Pouco se guarda do que se ouve, mas o que se lê fica para sempre.

Entretanto, quando me atrevi a tornar-me um escritor, notei que não bastava procurar correção semântica e conceitual. As pessoas exatas são muitas vezes maçantes. Eu queria escrever com beleza. Mas logo percebi que a arte da literatura desafiaria para além de minha capacidade. Eu teria que me exceder.

A Silvia Geruza, minha mulher, me avisou que eu jamais seria um escritor se não lesse bastante. Enfiei a cara nos clássicos da literatura portuguesa, brasileira e moçambicana. Tornei-me um Machadiano. Apaixonei-me com os regionalistas Graciliano Ramos e José Lins do Rego. Devorei "Os Sertões" de Euclides da Cunha. E não parei mais: Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Eça de Queiroz, Lobo Antunes, Vergílio Ferreira, Mia Couto, todos me extasiaram.

Notei minha deficiência e me matriculei em um curso de criação poética. Finalmente eu estava apaixonado pela poesia. A genialidade das metáforas, das rimas, das métricas e dos ritmos me deixou boquiaberto em Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Chico Buarque de Holanda, Djavan, Gonzaguinha, Lenine.

Deus é um grande poeta – mais de 80% de toda a Bíblia foram escritos com poesia. Quando conheci Paulo Brabo, dei mais um passo. Ele me apresentou a Jorge Luis Borges e aos seus contos fantásticos. As narrativas bíblicas ganharam uma nova intensidade. Era como se eu nascesse de novo. Abandonei as interpretações absolutas e áridas, engrenadas em rodas de aço inoxidável. Quis antecipar as verdades com graça – em Jesus graça veio antes da verdade.

Neste livro, os capítulos não são catequéticos. Não objetivo fazer discípulos, formar escolas de pensamento ou fundar qualquer instituição espiritual. Meu propósito é repartir o que desafia, alegra, entristece, intriga e enriquece meu coração.

Procuro fazer literatura para exprimir a minha alma. Ambiciono a estética do texto porque amo o admirável. Quero que as palavras ressaltem as cores dos meus sentimentos.

Não sigo uma linha com começo, meio e fim porque não sinto necessidade de me manter coerente. Os mais críticos perceberão que eu me contradigo em alguns capítulos. Essa inconsistência é proposital. Cedo notei que as pessoas mais lógicas são plásticas. O esforço para não deixar que a vida influencie o humor acaba adoecendo o espírito. Quando triste, escrevi com melancolia. Quando feliz, tentei mostrar minha alegria. Não me escondi da esperança. Aceitei com a mesma hospitalidade a visita tanto da fortuna como da frustração.

Escrevo para ser devorado pelos meus leitores. Portanto, seja meu convidado. Sente-se e coma cada linha como se ouvisse a lenha no fogão a crepitar. Bom apetite. Sinto-me honrado por servir a sua mesa.

Ricardo Gondim.

Sumário

Parte 1 - Guardando amor, fé e contentamento, 11
Prece, 15
Menos lucidez e mais vida, 17
Meu amor pelo livro, 21
Riquezas, 27
A senda do amor, 31
Como eu amo a tua lei!, 35
Contentamento, 39
Sem perder a alma, 45

Parte 2 - Expressando indignação, lamento e inconformidade, 49
Eclesiastes agoniado, 53
Minha cautela contra a soberba, 55
Chega de promessa de bênção, 57
A gente acaba aprendendo, 61
Mania de perseguição, 63
O velho e o mar, 69
Igrejas infectadas, 73
Arrependimento, 77
Eu aceito, eu rejeito, 81
Gramáticos e poetas, 85
Saudade, Senhora sinistra, 89
Futuro sombrio, 91
Pessimismo religioso, 95

Decepções, 99
Lições que nascem da dor, 103
Todos somos irmãos, 107
Recado aos meus censores, 109
Pergunto por que me angustio, 113

Parte 3 - Dando sentido à luta, coragem e busca, 115
A busca, 119
Experiência radical, 121
Carta a um jovem, 125
Com medo de ser feliz, 129
Coisas abomináveis e louváveis, 135
Meu inimigo sou eu, 139
Catarses, 145
Viver não é para amadores, 147
A bem-aventurança que ainda não alcancei, 151

Parte 4 - Promovendo luz, amizade e esperança, 155
Desejos espirituais, 159
Confissões de um peregrino, 163
Benditos supérfluos, 167
Para uma espiritualidade libertadora, 171
Ao amigo desconhecido, 177
Donos do mundo, 181
Em respeito aos tristes, 183
A mais dura lição, 187
Minha prece ao Todo-Poderoso, 191
Sou feliz, 197

SEM PERDER A ALMA



Guardando
amor,
fé
e contentamento

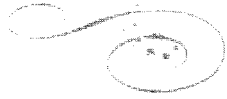
PRECE



Dê-me um mundo enorme, do jeito que eu enxergava quando menino.



Prece



Dê-me uma biblioteca em profundo silêncio. Dê-me uma neblina espessa na madrugada. Dê-me um ombro. Dê-me um soneto com versos viscerais. Dê-me canários desengaiolados. Dê-me uma caverna com estalactite. Dê-me velas com cheiro de canela. Dê-me as lágrimas das mães do Congo. Dê-me um alvorecer de pescador. Dê-me a tragédia das Óperas. Dê-me o lamento do sax.

Dê-me um córrego de águas claras. Dê-me uma catedral com sinos a dobrar. Dê-me um céu sem lua e sem nuvens. Dê-me um feriado na segunda-feira. Dê-me um mundo enorme, do jeito que eu enxergava quando menino. Dê-me a cadeira de balanço ao lado do ancião. Dê-me a resiliência palestina. Dê-me a gargalhada dos bebês. Dê-me a chance de pedir a bênção do papai e ouvir pela última vez: "Deus te abençoe, meu filho!"

Dê-me uma conversa de calçada na boquinha da noite. Dê-me a colcha de crochê da mulher triste. Dê-me o cheiro de café no bule. Dê-me a Bíblia da adolescência. Dê-me a aula de datilografia com intermináveis *asdfg*. Dê-me o campinho onde fui estrela de um futebol sem platéia.

Dê-me o gosto ácido das frutas verdes, roubadas com estilingue. Dê-me o ranger da rede que embalou meu sono. Dê-me o espargir do líquido amniótico que precedeu a vida dos meus filhos. Dê-me o assombro de perceber que Alguém me acompanha de perto.

Precisamos de menos prece por consolo
e mais busca do Espírito para que nos
transformemos em resposta de oração.



Menos lucidez e mais vida

Sou do tempo em que as denominações sentiam necessidade de publicar algumas verdades em forma de credo porque temiam perder sua identidade evangélica. Sempre vi aquelas listas com uma ponta de suspeição, por achar que a fé cristã não pode ser resumida a uma pequena coluna de revista ou jornal. Também não me sentia bem com aquele esforço de querer restringir os ensinos de Jesus a poucos conceitos teológicos.

Deve vir daí meu crescente desdém por uma espiritualidade racional e dogmática. Já não quero repetir verdades alheias e nem me especializar em pormenores bíblicos. Não creio que o Evangelho de Jesus careça de mais detalhamento técnico ou que os crentes, munidos de milhares de comentários bíblicos, saibam particularizar minuciosamente o texto sagrado. Precisamos de menos lucidez teológica e mais vida.

O barco evangélico faz água com sucessivos escândalos éticos; a sociedade brasileira se escandaliza com os porões do poder religioso; o braço da lei se estende na direção de líderes que, "pesados e achados em falta", precisam fugir.

Anseio por outra igreja, pois, à semelhança da geração que saiu do Egito, sinto que esta não cumprirá o propósito de Deus.

Anseio ver emergir uma nova comunidade cristã sem ufanismos. Desejo ver os crentes vivendo de forma singela, procurando vestir os nus, visitando os enfermos, alimentando os famintos e anunciando aos pobres que chegou o reino de Deus. Espero pelo

dia em que se tornarão ridículas as afirmações mercadológicas prometendo "explosão de milagres".

Anseio por uma espiritualidade com menos espetáculo. Desejo que o culto deixe de ser um show, e que não precisemos de holofotes com produções mirabolantes para adorar a Jesus de Nazaré. O Cristianismo não necessita de que os pastores sejam artistas, e os adoradores, estrelas do entretenimento. Jesus iniciou seu ministério com pescadores e donas de casa. Quanto mais bem produzidos comercialmente se tornarem nossos cultos, mais distantes nos encontraremos das raízes judaicas de nossa fé.

Anseio por uma espiritualidade comunitária. Desejo que nossas igrejas deixem de ser balcões de serviços religiosos e voltem a ser espaços de relacionamentos verdadeiros. Os crentes não podem ser tratados como clientes, e nem as igrejas como meras provedoras de ajuda espiritual. A fé cristã não se alicerça em funcionalidade, mas em intimidade. Pastores e líderes precisam parar de ensinar técnicas de como conseguir bênçãos e passar a falar do amor de Deus.

Anseio por comportamentos menos infantis dos crentes. A maioria quer se relacionar com Deus com o intuito de levar vantagem na vida. As pessoas querem passar no vestibular por meio da oração; ambicionam ser promovidas no emprego reivindicando promessas de que "são cabeça e não cauda"; acham que, anulando maldições, conquistarão grande sucesso. Precisamos de cristãos que apelam menos ao favor divino, mas que se dispõem como cooperadores de Deus. Precisamos de menos prece por consolo e mais busca do Espírito para que nos transformemos em resposta de oração.

Anseio pelo retorno da Bíblia como regra de fé e prática. Chega de chavões, frases de efeito e dos lugares comuns. Não, não precisamos que eruditos tomem conta dos nossos cultos, basta que pregadores íntegros se derramem com verdade por meio de seus sermões. Ouço contínuas reclamações de pessoas que se sentiram agredidas com reflexões superficiais da Bíblia. Que voltem os tribunos que falam com autoridade.

Anseio por uma fé menos idealista. Os evangélicos precisam parar de dourar a pílula existencial. Cristãos também sofrem, também são destratados em ambulatórios pobres e também precisam esperar em longas filas para matricular seus filhos nas escolas públicas. Vivemos uma realidade perversa e não podemos prometer, irresponsavelmente, que os evangélicos serão protegidos em redomas.

Anseio por um genuíno avivamento cristão no Brasil. E que ele venha com novos paradigmas, novos pressupostos e novas atitudes. Precisamos de menos clareza racional e mais concretização da vida de Cristo. Não basta a repetição de palavras e credos; o mundo precisa testemunhar nossas boas obras para glorificar o Pai que está nos céus.

Meu amor pelo livro



Meu pai lia obsessivamente. Todas as vezes que o surpreendia, abrindo a porta do seu quarto sem bater, eu o flagrava com um livro na mão. Ele assinava pelo menos duas revistas de notícias semanais e vários pasquins. Ele comprava folhetos subversivos não sei onde e os trazia perigosamente para casa. Papai era professor de história, mas seu fascínio maior era a II Guerra Mundial. Em sua biblioteca, sobravam tomos, fotografias e artigos sobre o conflito que marcou sua infância.

Só há um tipo de consumismo a que não me oponho: comprar livros. Aliás, todas as vezes que entro numa livraria, gasto mais do que posso – divido em prestações o que não consigo pagar à vista. Não cogito fazer qualquer viagem de avião sem ler o tempo todo. Só há um momento em que odeio o sono, quando estou avidamente envolvido com um romance.

Antigamente eu resumia minha leitura a textos conceituais, de não-ficção. Por causa da minha necessidade de aprender a escrever – faltei às aulas de português do Liceu – aprendi a devorar literatura brasileira e portuguesa. Hoje abocanho com igual apetite biografias, romances, poesias, ficção científica e contos. Os livros grossos já não me metem medo. Sou capaz de perseverar em mil páginas.

Tenho tanta avidez de compensar os anos perdidos em que não abri uma página, que faço vigília até altas horas da madrugada para terminar um livro – só não passo a noite em claro, porque, casado, obedeço a ordens superiores, que zelam pela minha saúde.

Acredito que o livro faz parte da conspiração divina. Quando Deus quis falar aos homens, não fez pirotecnia celestial, apenas inspirou homens que escrevessem. Por isso, todas as vezes que Moisés subia à montanha, Jeová mandava que trouxesse um bloco de anotações. Tem razão a frase latina: *Scripta manent, verba volant* – "O escrito fica, as palavras voam".

Digo sem medo: todo livro é sagrado. O livro é relicário santo no qual se registram as memórias, as fantasias, as angústias, os medos, as bravuras, a grandeza e os pecados da humanidade.

Não existe livro impuro, apenas o mal escrito. Literatura é a mais completa de todas as artes. Se um personagem, numa pintura, escultura ou cinema, aparecer contemplando um relvado, ninguém conhecerá com exatidão o que ele pensa. O bom escritor, contudo, discerne não só os seus pensamentos como o que move suas entranhas.

Louvado seja o livro, pois sem ele não conheceríamos o amor trágico de Tristão e Isolda, de Romeu e Julieta e de Bentinho e Capitu; jamais celebraríamos a coragem enlouquecida de Dom Quixote; não saberíamos sobre a força do ciúme em Otelo; e nunca partilharíamos da coragem do capitão Acabe.

Jorge Luis Borges afirmou que, em sua vida, procurou mais reler do que ler: Ele dizia: *"Creio que reler é mais importante que ler, embora para reler seja preciso haver lido."*

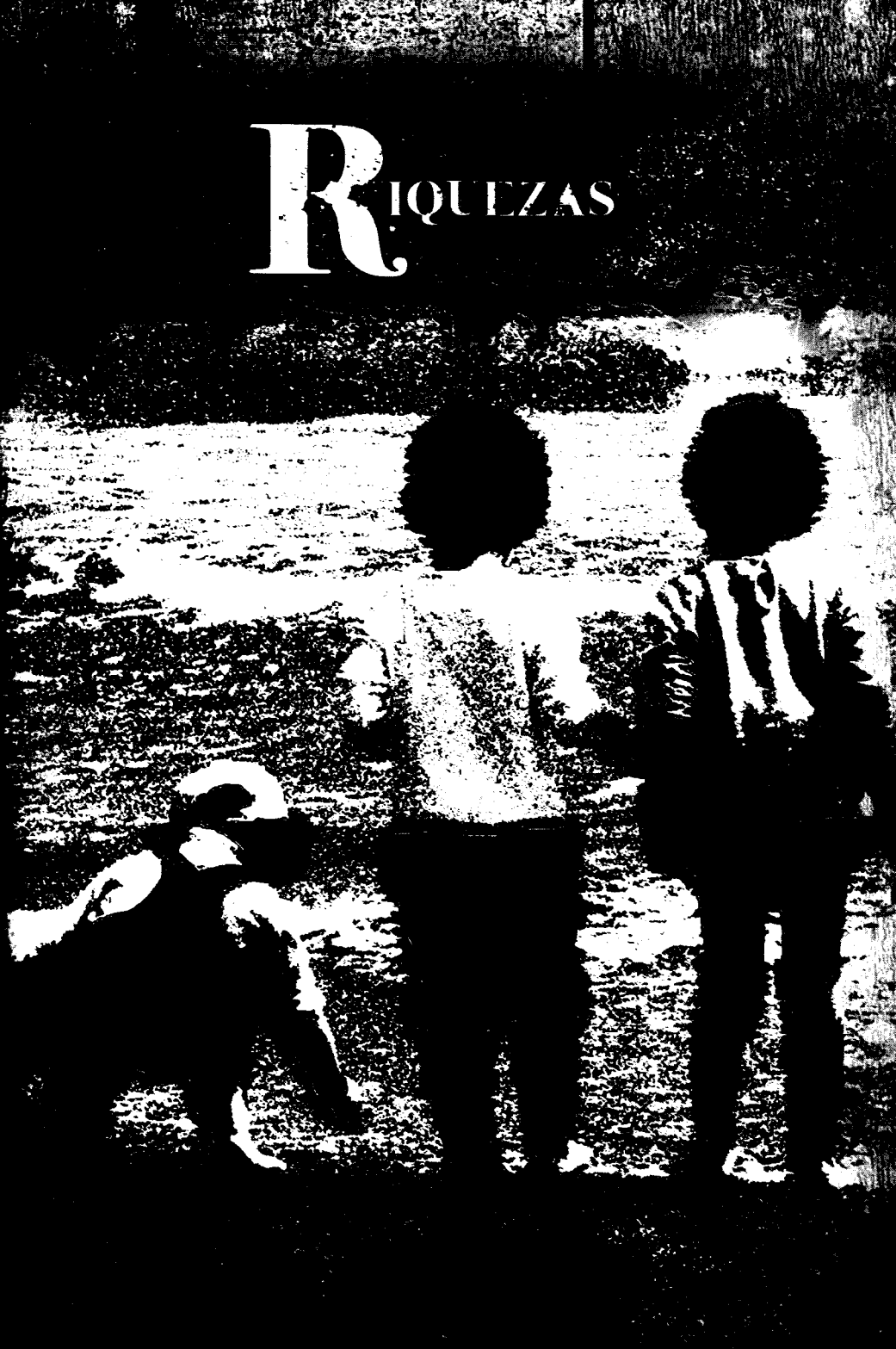
Borges, já sem enxergar, fez uma linda declaração de amor ao livro:

> Continuo fingindo não ser cego; continuo comprando livros, continuo enchendo minha casa de livros. Há poucos dias fui presenteado com uma edição de 1966 (ele escreveu isso em 1978) da Enciclopédia Brockhaus. Senti a presença dessa obra em minha casa; eu a senti como uma espécie de felicidade. Aí estavam os vinte e tantos volumes, com uma letra gótica que não posso ler, com mapas e gravuras que não posso ver; e, no entanto, o livro estava aí. Eu sentia como que uma gravitação amistosa do

livro. Penso que o livro é uma das possibilidades de felicidade que temos, nós, os homens.

A humanidade não vive só de pão, mas de palavras. No livro não se acha sabedoria pura e simples, nele está a fonte da felicidade. Deus é escritor, e os que querem se achegar a ele devem aprender a gostar de ler.

RIQUEZAS



Riquezas

No dia dos pais, meus filhos me presentearam com um verso de Fernando Pessoa: *"Tenho pensamentos que, se pudesse revelá-los e fazê-los viver, acrescentaria nova luminosidade às estrelas, nova beleza ao mundo e maior amor ao coração dos homens."* Como a Cynthia recortou o cartão artesanalmente, eu o guardo como uma relíquia.

Recentemente, um catedrático da Universidade de São Paulo ganhou uma festa de despedida no dia de sua aposentadoria. Na cerimônia, permitiram que o auditório fizesse algumas perguntas e um amigo aproveitou para indagar o que ele considerava a maior riqueza de um homem com mais de 70 anos. O decano respondeu: "A capacidade de discernir entre o que é importante e o que não possui nenhum valor."

Realmente! Nós chegamos a uma idade em que carecemos de siso redobrado para não errar mais. O tempo, uma riqueza não renovável, se torna escasso, e precisamos desfrutar a vida com muito cuidado.

Tento segurar os ponteiros para poder acompanhar meus netos em seus momentos mais inocentes. A Gabriela zomba de minha careca cantando: "Eu vi uma barata na careca do vovô..." O Naran me desafia para lutas homéricas na cama, em que ele é o Super-Homem e eu não posso passar de um reles Homem Aranha, sem direito a me valer da criptonita. O Felipe é quem mais me dá beijo no mundo e eu me sinto amado como nunca. Eles se tornaram mais

importantes que os aplausos aduladores de quem não me conhece, mais valiosos do que as honrarias plásticas que nada significam.

Hoje, recuso-me a adiar qualquer oportunidade de celebrar a vida ao lado da mulher de minha mocidade. Ela é minha Dulcinéia, que caminha ao meu lado e me defende como uma leoa. Sou feliz em ver como ela, obstinadamente, insiste em não permitir que nosso dia-a-dia se torne monótono, zelando para que nosso amor não esmoreça. Nunca nos entristecemos ao mesmo tempo. Quando ela se cansa, eu a ajudo, e, quando me deprimo, acolho suas palavras, que me afirmam carinhosamente.

Depois de tantas decepções, guardo os poucos amigos que me restam no lado esquerdo do peito. Aprendi a valorizar a fidelidade como uma virtude raríssima; sei ser grato pela mão estendida; sinto-me endividado pelo amor gratuito. Como é bom tomar café com pão de queijo perto de quem a gente sente liberdade para rir, chorar e sonhar.

Aprendi a olhar para Deus com menos cobranças religiosas. Sinto que ele abre as portas de sua casa como um hospedeiro que unge a minha cabeça com óleo e prepara uma mesa na presença de meus inimigos. Abandonei a presunção infantil de exigir que o Senhor me dê uma vida blindada ou que ele me privilegie com favores especiais. Hoje, desejo municiar-me com os valores do Reino, com as verdades de Jesus para enfrentar a vida com coragem.

Desejo ler as Escrituras com a credulidade infantil, com a sensibilidade poética, com a honestidade bereana e, principalmente, com a verdade do Espírito Santo.

Cheguei à idade em que não me impressiono mais com os arroubos pretensiosos dos religiosos ufanistas. Dou de ombros para os títulos, para as estatísticas elásticas que provam uma dotação carismática. Desdenho o oportunismo do mercadejador de esperanças, que usa o sagrado para enriquecer. Não respeito quem enxerga a igreja como um nicho de mercado.

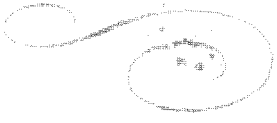
Existem riquezas que outrora não valorei, mas que agora são importantíssimas. Ler um bom livro e ouvir uma música calma

se tornaram valores preciosos. Tardiamente, passei a admirar os tenores eruditos, os poetas contemporâneos e os cronistas que registram o cotidiano.

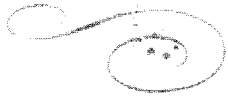
Viver me enche de entusiasmo. Não tento mais matar o tempo. Quero sorver a vida com tudo o que ela tiver de bom e de ruim. Como um colecionador de borboletas, procurarei guardar, daqui para frente, todos os meus momentos em estojos de cristal.

A vida é rara, só a experimentamos uma vez. Devemos tratá-la como o dom mais sagrado que recebemos de Deus. Quem não souber valorizá-la, antecipa o inferno. Portanto, meu versículo bíblico predileto passou a ser: *"Ensina-me a contar os meus dias, para que meu coração alcance sabedoria"* (Sl 90.12).

Para que o amor aconteça, as gaiolas
devem ser abertas, os cadeados
destravados e os caminhos liberados.



A senda do amor



Não há sentimento mais nobre, mais intrigante, mais desejado que o amor. Quando amamos não alcançamos a consciência exata do que estamos fazendo. Muitas vezes, só nos damos conta do amor muitos anos depois. Em algumas circunstâncias o apego não é solução, mas complica ainda mais a vida da gente. Entregues e fragilizados, sofremos horrores.

Nem sempre o amor coincide. Amamos quem nos despreza e esperamos por quem nos vira as costas. Pais amargam o abandono dos filhos. Rapazes choram o desdém da namorada. Mulheres se sentem punidas com a deserção do amante.

A senda do amor tem canteiros com roseiras e abrolhos. Os que se atreverem a trilhá-la precisam saber de antemão que podem ser premiados com alegria, mas se arriscam a amargar profunda tristeza. Ao contrário do que prometem os folhetins e dramalhões baratos, amar requer coragem. A íntima relação entre amor e virtude faz com que o amor precise de alguns atributos.

Amor e coerção se contradizem. Para que o amor aconteça, as gaiolas devem ser abertas, os cadeados destravados e os caminhos liberados. Um casal não pode tentar segurar a relação com ameaça, suborno ou manipulação. Um pai não pode pretender ganhar o amor do filho à força. Na parábola do filho pródigo, o pai deixou o filho partir porque sabia que a única força que o traria de volta era o seu testemunho de integridade e bondade. "Vou voltar. Na casa do meu pai os empregados são tratados com dignidade", repetia o rapaz. Amor acontece no limite

do abandono, mas se fortalece com a livre decisão de dizer: "Contudo, eu quero".

Amor e traição não combinam. Para ser real, o amor precisa da segurança de que as palavras sejam autênticas, os gestos sinceros e as intenções puras. A suspeita mata o amor; o engano o asfixia. Só com confiança existe carinho. Apenas a sinceridade transmite força ao bem-querer.

Amor e altruísmo quase são sinônimos. Os egoístas, os avaros, nada percebem sobre afeição. Para o relacionamento ser significativo precisa esquecer de si para dedicar-se ao outro. Quem ama não contabiliza custos. Quando presenteia, não mede esforços para dar o melhor. O amante sai da lógica do mínimo; pensa em superlativos.

Amor e inclemência se anulam. Só os apaixonados se idealizam. Quem ama não desiste mesmo reconhecendo as imperfeições do outro. Para o amor continuar é necessário perdão — algumas vezes setenta vezes sete em um só dia.

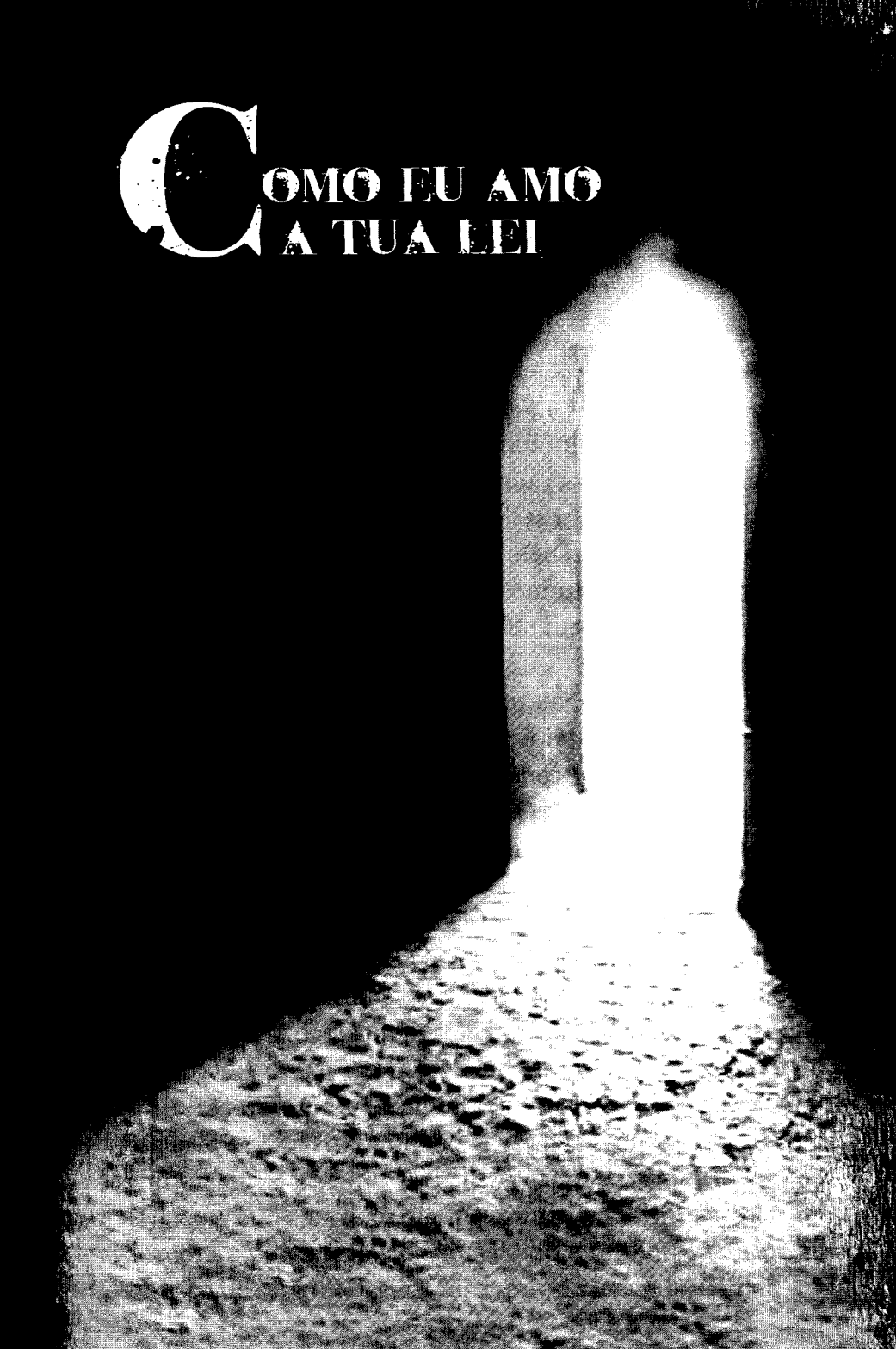
Todos esses princípios são nobres e bonitos, mas para um homem amar uma mulher, mas amar de verdade, é preciso saber fazer cafuné; em seu louvor espalhar um canto; andar de mãos dadas; escrever bilhetes ridículos; ter preocupação infundada; chorar com poesia triste; acompanhá-la vez por outra para fazer compras; notar o novo corte do cabelo e jamais, em hipótese alguma, dizer que ela engordou.

Para um amigo amar o amigo é preciso saber silenciar; nunca fazer pergunta indiscreta; não cobrar atenção; estar perto na hora do sufoco; manter-se longe na hora da vergonha; não esperar para ser chamado.

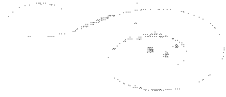
Para um pai amar os filhos é preciso saber elogiar os garranchos a lápis como obras de arte; não alegar que na sua juventude nunca teve as oportunidades que proveu para família; ficar feliz se o filho preferir ser poeta e não engenheiro, músico ao invés de médico, artesão no lugar de aviador.

Amar não é complicado, nem difícil. Basta ter o coração dócil como as crianças, sincero como os adolescentes, cuidadoso como os adultos e prudente como os idosos. Amar é um presente gratuito de Deus, porque ele é amor.

COMO EU AMO A TUA LEI



Como eu amo a tua lei!



Aconteceu num feriado. O sol já caminhava na metade do seu percurso quando preguiçosamente resolvi sair da cama. Sem coragem de tomar um ônibus para ir à praia, optei ficar em casa e ler. Fui até a estante, sempre abarrotada e sempre empoeirada, querendo um livro que me servisse de companhia naquele dia, que eu supunha sem importância. A Bíblia de capa preta se sobressaiu; parecia pedir-me que a escolhesse.

Eu já tentara ler a Bíblia, mas nunca consegui atravessar seu quarto livro, Números. Aquelas estatísticas intermináveis me faziam cochilar. Hesitei, mas parecia que duas mãos se estendiam do dorso, suplicando que eu a pegasse. Aquiesci e elegi o tomo negro. Adolescente, eu não cogitava grandes mudanças de vida. Ledo engano: depois daquele dia, jamais seria o mesmo.

Deitei-me e comecei a folheá-la; lembrei que meus amigos crentes haviam me aconselhado a ler o Novo Testamento. Abri em Mateus e em poucos minutos cheguei ao Sermão do Monte. Cada versículo alongava-se das páginas como um punhal, lacerando minha alma. As verdades proferidas pelos lábios de Jesus me encurralaram. Mateus 7.13,14 levou-me a nocaute: *"Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram por ela. Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida! São poucos os que a encontram."* Assim, no começo da tarde, com a porta trancada, ajoelhado e resoluto, assumi um compromisso de seguir a Jesus Cristo por essa vereda estreita.

Desde aqueles verdes anos procurei referenciar minha vida neste livro magnífico. Tentei estudá-la; meditei em seus versículos em minhas horas tranqüilas; fiz palestras e sermões em suas verdades. Mas sinto que ainda não consegui chegar às margens da profundidade do conhecimento e sabedoria da Palavra de Deus. Quanto mais me detenho em seus ensinos, maior é meu espanto, meu maravilhamento.

A Bíblia é uma coletânea de livros com a história de pessoas, famílias, nações e, sobretudo, a linhagem do Messias. Fascinam-me os relatos milenares do comportamento humano nas crônicas, a sabedoria popular dos provérbios, a indignação dos profetas, as orações dos Salmos e a sistematização de verdades eternas das epístolas.

Alguns detalhes da Bíblia me deixam admirado. Ela nunca foi homogeneizada pelo poder eclesiástico. As histórias de seus heróis não foram retocadas. Assim, sabe-se que o patriarca Abraão mentiu e agiu impensadamente em diversas ocasiões; que Moisés, o homem mais manso que o mundo conheceu, irou-se; que Davi, o mais amado rei em Israel, adulterou e ainda tramou o assassinato de um soldado leal. A Bíblia não mascara que a igreja primitiva teve de aprender a conviver com pontos de vista distintos — Pedro e Paulo travaram debates ríspidos sobre usos e costumes; as igrejas plantadas no primeiro esforço missionário tinham idiossincrasias seriíssimas — a igreja de Corinto chegou a vulgarizar o sacramento da Eucaristia.

Ao contrário de outros livros sagrados, a Bíblia não alega ter sido ditada ou psicografada. Em 2 Pedro 1.21, o apóstolo reconhece que sua origem é divina, mas respeita a singularidade dos autores: *"Pois jamais a profecia teve origem na vontade humana, mas homens santos falaram da parte de Deus, impelidos pelo Espírito Santo."* O conceito teológico para sua "inspiração" significa que Deus respeitou a liberdade e as ambigüidades humanas, permitindo até possíveis contradições dos relatos históricos. Diante de circunstâncias diversas, os autores demonstraram que a revelação das verdades eternas podia se dar dentro de contextos geográficos, sociais e culturais distintos.

Contudo, a maior grandeza da Bíblia vem da encarnação. A chegada do Messias, seu breve tempo de vida na terra, seu curtíssimo ministério fazendo o bem e anunciando a chegada do reino de Deus, sua morte e ressurreição constituem a mais alvissareira notícia já impressa. Até Jesus Cristo vir, Deus resumia-se a uma especulação filosófica ou religiosa. Os gregos afirmavam que, assim como um pássaro não pode voar até o infinito, os seres humanos, mortais, jamais poderiam alcançar a divindade eterna. No Cristianismo, Deus fez o caminho inverso. *"Aquele que é a Palavra tornou-se carne e viveu entre nós. Vimos a sua glória, glória como do Unigênito vindo do Pai, cheio de graça e de verdade"* (Jo 1.14). A singularidade da Bíblia vem da encarnação de Jesus. O filho de Maria fez Deus conhecido da humanidade. Paulo ressalta essa verdade em sua carta aos colossenses (Cl 2.9): *"Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade."*

Em João 14.8,9, Felipe pediu a Jesus o que toda a humanidade mais deseja: uma revelação completa de Deus: *"Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta."* Jesus respondeu: *"Você não me conhece, Filipe, mesmo depois de eu ter estado com vocês durante tanto tempo? Quem me vê, vê o Pai. Como você pode dizer: Mostra-nos o Pai?"*

Todas as vezes que ouço a Bíblia sendo exposta, sei que suas verdades brilharão como feixes de luz, guiando o viajante pelas tortuosas estradas da vida, pois o Salmo 119.105 afirma: *"A tua palavra é lâmpada que ilumina os meus passos e luz que clareia o meu caminho."* Quando encontro alguém arqueado de culpa, gosto de recomendar o Evangelho de João. Qualquer um pode se colocar no diálogo entre Jesus e uma mulher prestes a ser apedrejada: *"Mulher, onde estão eles [os seus acusadores]? Ninguém a condenou? Ninguém, Senhor, disse ela. Declarou Jesus: Eu também não a condeno. Agora vá e abandone sua vida de pecado"* (Jo 8.10,11).

Passados milênios desde que a Bíblia Sagrada foi escrita, estudiosos se revezam tentando analisá-la, mas ela permanece um mistério. E diante do mistério reconhece-se a limitação humana. Razão e método não abrangem todo o "conselho de Deus". Por isso,

Paulo afirmou em Romanos 11.33-36: *"Ó profundidade da riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e inescrutáveis os seus caminhos! Quem conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro? Quem primeiro lhe deu, para que ele o recompense? Pois dele, por ele e para ele são todas as coisas. A ele seja a glória para sempre! Amém."*

Neste mundo sedento de esperança, a Bíblia pode tornar-se um manancial de vida, desde que volte a ser o livro de cabeceira que alimenta a vida devocional e o alicerce dos princípios que nortearão as decisões do dia-a-dia.

Contentamento

De que mais carece um homem senão de um olhar que não o condene, principalmente no momento tenebroso em que se sente arqueado de culpa? E que lhe devolva a sensação de saber-se acolhido por pura gratuidade, sem pedir explicações; deixando-o pleno de paz, sem cobrar nada.

De que mais carece um homem senão de um ombro que se ofereça para dividir a carga, de um parceiro que não considere a ajuda um sacrifício? E que, ao caminhar ao lado desse amigo, possa dizer que sua companhia é mais valiosa que uma jazida de ouro.

De que mais carece um homem senão de um irmão que lhe estenda a mão no corredor escuro, quando as opções se mostrarem arriscadas? Basta que ele diga: "Vamos tentar acertar uma dessas portas, não importa o quanto errarmos", e desaparecerá o medo dos labirintos, das armadilhas, das setas malignas.

De que mais carece um homem senão de um ouvido para desabafar? Ele se sentirá feliz em encontrar o confidente que não precisa responder, mas, calado, quer esquecer. Sim, um amigo com amnésia para nunca alegar inconveniências antigas; não cobrar o porquê das insensibilidades despercebidas; um teimoso que deseja continuar ao lado, mesmo quando não for chamado.

De que mais carece um homem senão de poesia para fazê-lo vivenciar a linguagem criadora do universo? Somente o poema vai fazê-lo vagar pelos sentimentos indizíveis do artista e sofrer com a

angústia do profeta. Só a beleza da palavra é pão; só o verbo, carne; só o verso, um copo d'água.

De que mais carece um homem senão de música para embalar seus sonhos, descansar seu corpo fatigado e devolver graça às suas pernas trôpegas? Com melodia, ninguém perde leveza para acabar insensato. Cantar torna as pessoas íntimas, nunca distantes; graves, nunca pessimistas.

De que mais carece um homem senão de colo para deitar-se e sentir-se amado? Todos carregam uma enorme nostalgia do aconchego uterino, todos desejam retornar ao ninho primordial para poder orar a Deus que também é mãe. *"Que meus olhos sejam tão mansos para com os outros como os teus são para comigo. Porque, se for feroz, não poderei acolher a tua bondade. Ajuda-me para que não seja enganado pelos maus desejos. E livra-me daqueles que carregam a morte nos próprios olhos"* (Rubem Alves).

De que mais carece um homem senão de uma noite insone para virar-se ao avesso e dialogar com suas sombras sem horrorizar-se? Nessas inquietações, sem relaxar, é possível identificar dores que precisam de cura. Nos conflitos internos, aprende-se a apalpar a asa ferida e evita-se o vôo precipitado, antes que a madrugada chegue com suas réstias de esperança.

De que mais carece um homem senão de dormir profundamente e sonhar? E, nessa experiência que prenuncia a morte, atravessar o deserto do silêncio até aprender a amá-lo; no descanso profundo e total, dialogar com a eternidade, vaga e misteriosa, até perder o medo da solidão e encontrar Deus.

De que mais carece um homem senão de espelhos que reflitam seu olhar sereno mesmo quando enfrenta a mais terrível tribulação? E, mirando-se, não esquecer que, sobretudo, deve manter guarda constante de si mesmo para continuar solidário, misericordioso e amigo da justiça.

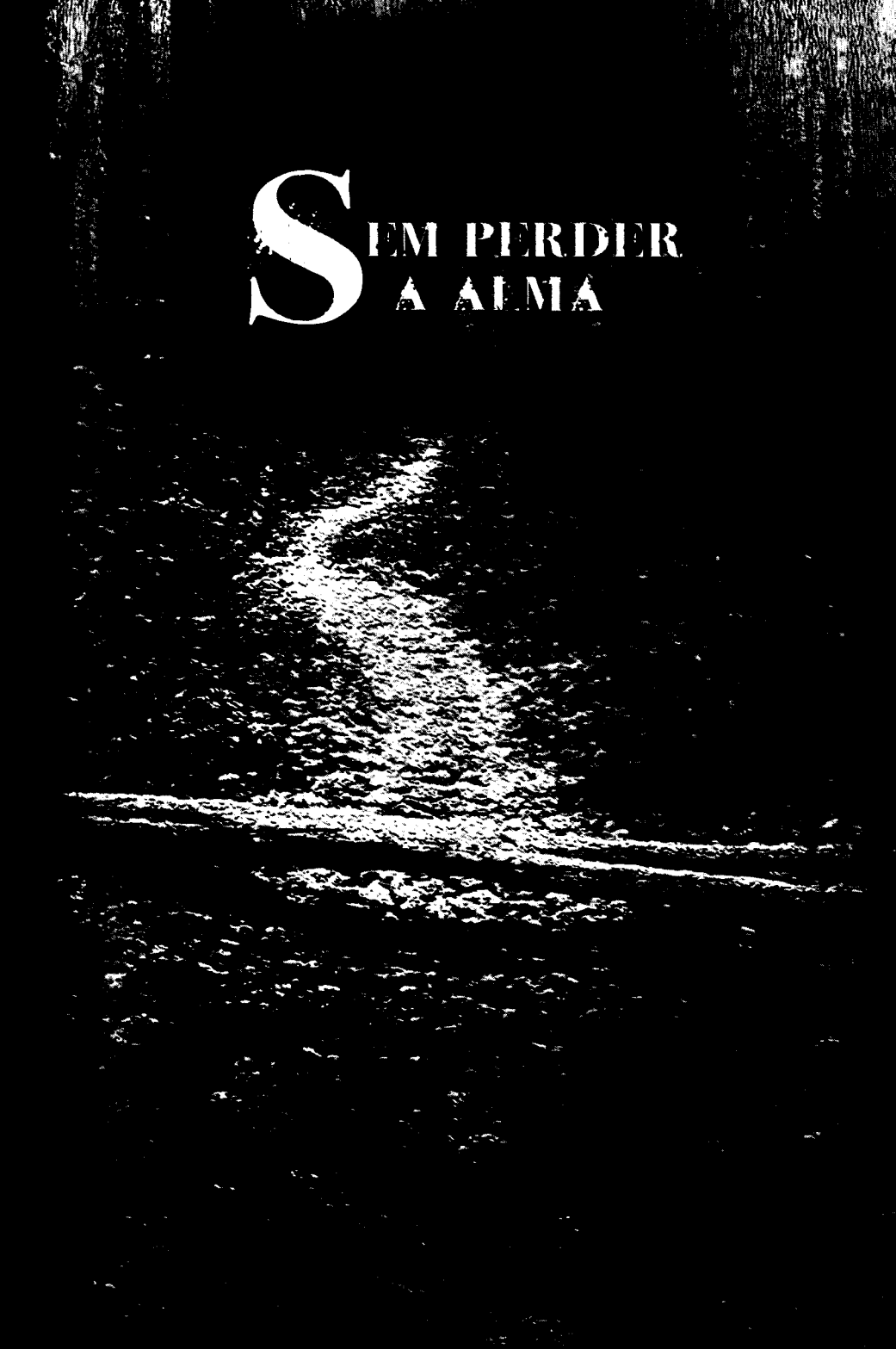
De que mais carece um homem senão de um Salvador que se pareça com um cordeiro, não com um leão? E que seu Senhor o inspire a voltar o coração para os sofredores, a identificar-se

com a sorte das ovelhas, não dos lobos; dos condenados, não dos carrascos.

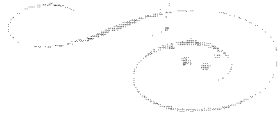
De que mais carece um homem senão de paixão para acordar pleno de entusiasmo a cada manhã? E, revestido de ideais, transformar-se em um hino que confronta os egoístas, fazendo da sua teimosia um sino que convoca o medíocre a abandonar seu discurso raso e irrelevante.

De que mais carece um homem senão de uma esperança que o desafie como o horizonte de um vasto oceano? E que ela esteja para além da história, para além do tempo, para além da vida; e, semelhante a um veleiro, não busque achar um porto, preferindo a aventura de navegar ao sabor do vento indomável.

SEM PERDER A ALMA



Eu já quis ganhar cidades,
mas hoje tenho um projeto mais fascinante:
luto para preservar meu coração.



Sem perder a alma

A gente chega a uma idade em que parece já ter visto de tudo e do seu reverso. Em meus 30 anos de convívio entre os evangélicos, tenho a sensação de que nada mais pode me surpreender.

Fui privilegiado em conhecer heróis e heroínas da fé; gente que, para evangelizar, enfrentou o cinzento do sertão, a umidade inclemente da Amazônia e o frio gaúcho. Já me arrepiei com o denodo de pastores que sobem morros perigosos, com a persistência de rapazes que dedicam tardes de domingo visitando hospitais, presídios e sanatórios, com a ternura de mulheres que cuidam de orfanatos.

Contudo, do mesmo modo, testemunhei horrores praticados em nome de Deus, escandalizei-me com evangelistas escarnecendo de paralíticos, revoltei-me com a manipulação exagerada de falsos milagres. Espantado, presenciei evangelistas ávidos por demonstrar o tamanho de sua unção e inventar manifestações sobrenaturais.

Depois de conhecer os bastidores de algumas igrejas evangélicas, percebi o risco de tornar-me cínico. Diante de tanta ambigüidade na esfera religiosa, eu poderia aprender a me comportar como uma hiena, sarcasticamente rindo por dentro perante tanto paradoxo. Sei que é possível desdenhar de tudo o que se faz em nome de Deus. Confesso que às vezes dá vontade mesmo de zombar dos arroubos ufanistas daqueles que tentam me fazer embarcar em projetos megalomaníacos.

Depois de tanto perambular pelos corredores religiosos, pregando em congressos e ouvindo conversas de corredor, conscientizei-me de que preciso guardar o coração. Infelizmente, convivo com tantos doentes espirituais que também corro sério risco de me desumanizar. Sei que posso sucumbir à tentação de ganhar o mundo inteiro e, no processo, perder minha alma; posso me despersonalizar só para ter trânsito denominacional.

Conheci líderes com traquejo nos palcos religiosos, mas que já não beijam seus filhos há tempo. Posso citar vários que nunca leram poesia, jamais contemplam a beleza de um pôr-do-sol, não jogam bola com os netos e desconhecem a alegria de se deixar conduzir por uma melodia calma; muitos esqueceram que é possível ouvir o inaudível no cicio de uma brisa.

Vez por outra eu me flagro assaltado pelo farisaísmo, por isso dou de ombros para a vida em nome da minha instituição. Também me assombro quando me vejo armando esquemas para ganhar algum reconhecimento. Entristeço-me quando percebo que ambiciono ter o status de messias. Fui tardio em desconfiar que meu ambiente religioso fosse tão perigoso e não me precavi do fermento dos fariseus.

Para não asfixiar a alma, senti a necessidade de achar respiradouros onde pudesse renovar meu ser.

Assim, passei a ler diversificadamente. Aprendi a gostar de poesia, biografias, romances e crônicas. Hoje, sonho ao lado de mestres das metáforas como José Lins do Rego; compenso a crueldade do mundo viajando pelos universos paralelos imaginados por gente como Tolkien, Gabriel Garcia Márquez e Rachel de Queiroz; refresco meu coração com a sublimidade poética de Vinicius de Moraes. Em minhas tristezas, sinto-me atraído pelos Salmos de Davi e por Fernando Pessoa.

Assim, procurei ritualizar minhas refeições. Hoje, almoço sem pressa. Quero consagrar cada abraço que dou e recebo, e considerar meus presentes como sacramentos do cuidado de Deus. Como alquimista, busco transformar cada instante de minha breve vida numa gostosa saudade.

Assim, desejo aprender a conversar despretensiosamente com meus amigos. Hoje sei que preciso antecipar-me aos meus inimigos para poder oferecer-lhes um pedaço de minha paz e pedir que me ajudem a construir pontes.

Assim, anseio por ler a Bíblia sem a obrigação de conseguir tirar "verdades práticas" do seu texto. Tenho sede de meditar vagarosamente nas histórias, parábolas e ensinos dos dois Testamentos. Ainda hei de descobrir o que o salmista quis comunicar quando escreveu: *"Provai e vede que o Senhor é bom."*

Assim, aspiro aprender a calar-me na presença de Deus. Hoje, quero exercitar-me na oração contemplativa. Reconheço que ainda engatinho nessa disciplina espiritual, mas anelo aprender o sentido mais profundo do batismo no Espírito Santo.

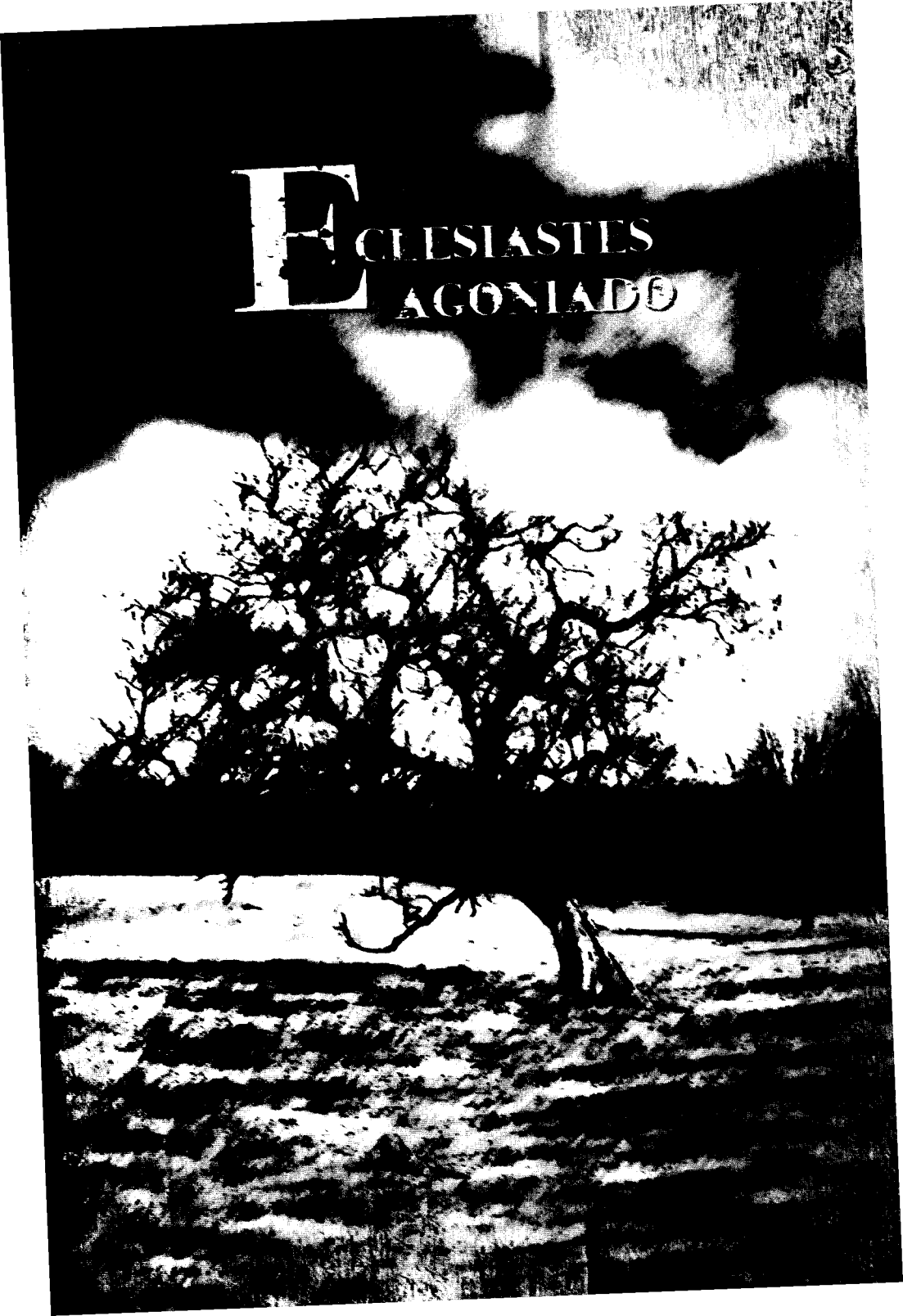
Eu já quis ganhar cidades, mas hoje tenho um projeto mais fascinante: luto para preservar meu coração.

SEM PERDER A ALMA

Expressando
indignação,
lamento
e inconformidade

Na fresta das eternidades,
antecipamos o sol, que nos consumirá.




ECLESIASTES
AGONIADO

Eclesiastes agoniado

Depois de tudo, fica a sensação do dever descumprido. Resta um oco de mundo que vai para além da senda finita. Tudo parece se alongar na madrugada escura. Quanto mais se tenta, nada se alcança; quanto mais espera, menor a grande guinada. Sobra o olhar triste do menino afegão. O andar soturno do iraquiano desperdiçado pela guerra desalenta. O choro quieto da sertaneja mirando a cova do filho estupidifica.

Depois de tudo, fica o vestígio corroído de rostos, gestos e cheiros; resta o daguerreótipo amarelado de amores perdidos e abraços esquecidos. Quanto mais se procuram, mais aparecem amigos sem nome, lugares sem registro, dias sem data. Na mesa, as garrafas vazias; no sorriso, a alegria postiça; no olhar, o passado borrado.

Depois de tudo, ficam a noite insone, os pensamentos acelerados, a tristeza sem causa; resta o pânico inconsistente que nasce tanto da timidez exangue como da inflexão incômoda. Quanto mais se corre, mais falta sangue; quanto mais se tenta gritar, menos fôlego; quem insistir perceberá o garrote que aperta a alma.

Depois de tudo, ficam a cisma, o vilipêndio, a intimidação; restam a circunspeção alarmada, o cálculo frio, a pusilanimidade fugidia. Quanto mais esforço, mais passos inexistentes apavorando. Censuras irreais embotam o espírito; fatigam as falsas malquerenças. A reprimenda soa como danação eterna e outros, energúmenos.

Depois de tudo, fica a insignificância da vida diante da fúria do tempo. Os relógios viram loucos varridos, os calendários, ti-

gres famintos e nós, centelhas diminutas. Na fresta das eternidades, antecipamos o sol que nos consumirá. Do mirante da juventude, despencamos para a garganta da morte. Liliputianos, terminaremos insubstanciais.

Depois de tudo, fica a sede pelo transcendente. Resta uma vontade doida de repetir: "Ainda não, ainda não." E rogar: "Por favor, não nos deixe, o dia já está quase findando e estamos com medo desta noite tenebrosa!"

Minha cautela contra a soberba

Vez por outra, sobressaltado, descubro que sou um terrível inimigo de mim mesmo. Assombrado, percebo que me recostei numa cama tecida de louros, embriagado com o mosto barato de minhas parcas conquistas.

Noto como criei uma ansiedade messiânica de me convencer de que minhas idéias eram definitivas; fiz uma leitura absolutizada da vida; percebi-me presenteado com uma fina sensibilidade para escutar a voz audível de Deus e ser seu profeta preferido.

Nesse torpor narcíseo, manejei os mecanismos de autocensura, buscando manter-me bem quisto dentro do sistema religioso. Consegui alienar-me da capacidade de questionar, antecipei o discurso preferido do grupo, e assim perdi minha verve criativa. Senti-me contente em repetir enfadonhamente o trabalho do pensar alheio. Aluguei minha consciência, esmagado pelo imperativo da sobrevivência. Depois, envaidecido, acabei vendendo minha alma como a prostituta faz com seu corpo.

E, para maquiar esta condição patética, procurei conferir autoridade absoluta às minhas verdades, condenando os que não aceitaram cabrestos tão justos. Afoguei-me em pequenas poças d'água, defendi ortodoxias que nem sabia definir corretamente.

Aprendi a manter-me solidário às idéias mais que às pessoas. Entrincheirado nas plataformas da retórica, pronunciei conceitos e vociferei discursos invertebrados. Soube manter meu coração protegido das pessoas, entulhando minha mente com idéias reno-

vadoras. Preferi esconder-me atrás de uma biblioteca e regurgitar frases de impacto a expor-me diante das pessoas que podiam ferir meu egoísmo.

Lamento que eu tenha me inspirado no que a religiosidade tinha para alimentar minha presunção. Fortaleci-me comendo esse pão mofado, mas desaprendi a chorar diante do grande drama humano; julguei precipitadamente os fracos e fui lento em dar espaço para que meu próximo vivesse suas contingências. Minha implacabilidade não passava de um recurso para esconder minhas crises espirituais.

Sem atinar que fé nasce da incerteza, tentei colocar minhas convicções espirituais nas categorias mais exatas. Vivi uma hipocrisia velada sem conseguir admitir meus dilemas e sem poder revelá-los. Eu temia que os religiosos me julgassem um fraco que perdeu sua alma.

Venho aprendendo a descansar na gratuidade do amor de Deus. Sinto que não preciso me provar para ele e para ninguém.

Os traumas do que vivi nos corredores eclesiásticos são dolorosos; há muito que reaprender. Agora, pelo menos, percebo-me mais livre e menos rigoroso comigo e com o próximo. Ando mais consciente de que viver é tão complexo que posso contar com a paciência compreensiva de Deus enquanto celebro minha existência como marido, pai, irmão e amigo.

Chega de promessa de bênção

Não dá mais para agüentar tanta promessa de bênçãos. Enche ter de ouvir pastores oferecendo os mais ricos votos de felicidade e proteção divina a cada culto. Ser abençoado tornou-se quase uma obsessão evangélica nacional. Prometem-se tanta riqueza, saúde física e felicidade que, pelo número de campanhas de oração realizadas, o Brasil já deveria ter melhorado em algum dos índices de qualidade de vida das Nações Unidas; com algum alívio na distribuição de renda ou menos filas nos ambulatórios públicos.

Chega de promessa de bênção. A espiritualidade cristã com suas orações, ritos e expectativas não gira em torno da vontade de ganhar o benefício celestial. A ênfase dos Evangelhos não se resume a um só tema. Jesus lembrou seus primeiros discípulos de que antes de se preocuparem em salvar a vida, eles precisariam estar dispostos a perdê-la (Mc 8.35). A grandeza de uma causa não é determinada pelo que seus seguidores ganham ao segui-la, mas pelo preço que estão dispostos a pagar por ela.

Chega de promessa de bênção. Os auditórios lotados de pessoas ávidas por receber mais favor divino favorecem o egocentrismo. Quanto mais se promete, mais se quer receber. Esse caminho não tem fim. O Salmo 106 narra o comportamento dos judeus no período da sua libertação do cativeiro egípcio. Depois de sucessivos milagres, o povo parecia não se saciar, sempre exigindo mais. Esse fascínio pela próxima intervenção transformou-se em cobiça e o

versículo 15 traz uma dura sentença: *"[Deus] concedeu-lhes o que pediram, mas fez definhar-lhes a alma."*

Chega de promessa de bênção. A Bíblia não pode ser encolhida a uma caixinha de afirmações otimistas. Para continuar com seu discurso de caráter prático, a maioria dos pastores só cita textos tirados do Antigo Testamento e, ainda, do período judaico anterior ao exílio. Os sermões que procuram enfatizar bênçãos deixam de lado os textos contundentes do Novo Testamento em que os cristãos são convocados a viver em um mundo cruel e doloroso. Jesus não tentou dourar a pílula e nem encobriu a verdade: *"No mundo, passais por aflições"* (Jo 16.33). Paulo advertiu a igreja a não se imaginar numa redoma de prosperidade: *"E, tendo anunciado o Evangelho naquela cidade e feito muitos discípulos, voltaram... fortalecendo a alma dos discípulos, exortando-os a permanecer firmes na fé; e mostrando que, por meio de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus"* (At 14.21,22). Jesus revelou à igreja de Esmirna, no Apocalipse, o teor de sua missão: *"Não temas as coisas que tens de sofrer"* (Ap 2.10).

Chega de promessa de bênção. Quem se obriga verbalmente a dar tudo, se adorado, é o diabo, nunca Deus (Mt 4.9). A espiritualidade judaico-cristã não se estabelece sobre utilitarismos. Deus não quer adoração por aquilo que ele dá, mas por quem ele é. No livro de Jó, Satanás fez uma acusação gravíssima contra Deus. Ele tentou incriminar Jeová por só ser amado por seus filhos por suborno: *"Porventura, Jó debalde teme a Deus?"* (Jó 1.9). A narrativa poética do livro inteiro deixa claro que o Senhor não era amado por suas inúmeras bênçãos sobre a vida e a família de Jó que, pobre, ainda pôde exclamar: *"Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei; o Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!"* (Jó 1.21).

Chega de promessa de bênçãos. A virtude cristã que se deve buscar prioritariamente é justiça. De acordo com o Sermão da Montanha, os que tiverem fome e sede de justiça serão fartos (Mt 5.6). Quando o Cristianismo destaca a promoção da justiça, todas as demais bênçãos se tornam secundárias (Mt 6.33). Aliás, não existe

pregação legitimamente evangélica sem a busca do direito: *"O reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo"* (Rm 14.17). Antes de quererem para si a benevolência do Senhor, os crentes deveriam almejar a promessa de Isaías 61.3: *"A fim de que se chamem carvalhos de justiça, plantados pelo Senhor para a sua glória."*

A igreja evangélica cresce velozmente no Brasil, mas será que percebeu todas as implicações do que significa seguir a Cristo?

A gente acaba aprendendo

A gente não devia, mas acaba aprendendo. A vida é dura; os dias, maus; a convivência com os outros, complicada; por isso, nos especializamos na arte de enganar.

A gente acaba aprendendo a disfarçar as angústias mais profundas. Bastam algumas sessões fotográficas para o desenho da boca não denunciar qualquer dor e os olhos deixarem de ser janelas da alma. Cumprimentamos polidamente; mudamos de assunto (vai chover hoje?); olhamos em outra direção. Qualquer movimento serve, desde que nunca se evidenciem nossas fragilidades, nossos medos, nossas ansiedades.

A gente acaba aprendendo a empurrar com a barriga, a não se afobar, a adiar, a procrastinar. Não nos inquietamos com o disperder da vida; somos azes em projetar para o além o dever de existir hoje. Complacentes, esquecemos de querer bem, de cuidar do próximo, de fazer diferença.

A gente acaba aprendendo a não balançar o barco. Não é difícil perceber o tipo de conversa que as pessoas querem; se for triviliadade, esse será o papo; se querem ser enganadas, oferecemos ilusões. Ensinaram-nos que "é melhor um covarde vivo, do que um herói morto". Assim, criativos, reciclamos os chavões do senso comum e ficamos "numa boa com a galera". "Deixa quieto", repetimos para nós mesmos e preservamos nossa reputação, garantimos nosso salário; e ninguém vai se magoar com a nossa vidinha.

A gente acaba aprendendo a arte do bom-mocismo; cedo nos especializamos em bajular o professor, a enrolar a namorada, a tapear o patrão, a arranjar desculpas para os atrasos. Depois, tudo fica fácil: fazemos orações aos berros e impressionamos com nossa "ousadia de desafiar Deus"; aprendemos a eleger uns poucos mandamentos que nos parecem bem fáceis e intimidamos nossos adversários com uma auréola de "santidade"; dramatizamos com uma cara de humilde e emplacamos como os únicos herdeiros do reino de Deus.

A gente acaba aprendendo a ser altruísta quando for vantajoso; a perdoar como uma vingança; a mostrar paciência para usufruir da "lei da semeadura e da ceifa"; a abrir mão dos direitos, porque existem promessas de que Deus abençoa os mansos.

A gente acaba aprendendo a usar máscara, a trocar de fantasia, a mimetizar os ambientes, a vestir saco e cilícios. Personificamos qualquer personagem. Quando necessário, encenamos bardos, parnasianos, românticos, pierrôs, anedotistas, vestais, místicos. E que ninguém nos acuse de coisa alguma, pois somos os mais probos, os mais cândidos, os mais angélicos.

E assim, de decoro em decoro, de incorruptibilidade em incorruptibilidade, de sobriedade em sobriedade, tornamo-nos sepulcros caiados, guias cegos, serpentes, raça de víboras; enfim, fariseus hipócritas.

Acho que chegou a hora de desaprender.

Mania de perseguição

Os evangélicos convivem com muita paranóia. Aliás, a mentalidade evangélica é belicosa; e uma espécie de síndrome persecutória acompanha o movimento faz tempo. Outrora, acreditava-se que os comunistas haviam se organizado para destruir a fé e que era necessário treinar os pastores para lutar contra os "vermelhos". O comunismo mirrou e não foram os crentes que acabaram com ele. Depois, os homossexuais foram eleitos como inimigos. Eles, ao lado dos defensores do aborto, provocariam a queda da cristandade e fechariam igrejas.

Os muçulmanos também estão na alça de mira dos evangélicos. Propaga-se que eles representam uma verdadeira ameaça à civilização e aos ensinos de Cristo. Se estes inimigos se tornaram alvo de uma guerra santa global, no Brasil os oponentes da igreja são outros.

Espanto-me com alguns evangelistas que afirmam e bradam de pés juntos que existe uma conspiração da mídia para perseguir as igrejas. E que os pastores são alvos de tramas engendradas no inferno, mas deflagradas pelos grandes jornais e, principalmente, pela Rede Globo.

Alguns gostam de falar das conspirações do Vaticano para bloquear o crescimento evangélico, como se a Igreja Católica fosse uma agência do diabo e que seus cardeais e o Papa varassem noites analisando como semear escândalos que maculem a boa reputação dos protestantes, e, assim, neutralizem o seu avanço.

Espalham-se teorias conspiratórias estapafúrdias com notícias de que satanistas decretaram jejum com o intuito de "derrubar" os pastores.

Já participei de cultos em que as janelas foram untadas de óleo para evitar a entrada de demônios; já soube de pastores que, em caravana, arrancaram quadros, decorações e enfeites de alguns lares, sob o pretexto de que aqueles objetos estavam possessos de demônios. Em um congresso de atletas cristãos, tive de aconselhar um jogador de futebol que, em pânico, tinha medo de acabar com sua carreira por ter participado de um jogo com chuteiras que teriam sido amaldiçoadas.

De onde vem tanta mania de perseguição? Por que o culto evangélico precisa de uma enorme dose de medo para ser intenso?

Concordo que os quatro Evangelhos mencionam perigos na trajetória da igreja. Reconheço que os que "desejam viver corretamente sofrerão perseguição". Mas, espera lá, o que vem acontecendo no Brasil não é bem do jeito que a Bíblia relata.

A perseguição da mídia ocorre devido à repercussão de alguns escândalos promovidos pelos evangélicos. Desde 1989, quando houve uma primeira bancada evangélica com número significativo de deputados federais para desequilibrar as votações do Congresso, começaram as levas de escândalos que parecem não parar mais, chegando às "sanguessugas", que desviaram verbas do Ministério da Saúde. Se a mídia mostra menos pecados católicos, não isenta os evangélicos da obrigatoriedade de reconhecerem que precisam ser sal da terra e luz do mundo.

Existe muita vaidade em se achar perseguido. Percebo alguns evangelistas tomados de um enorme messianismo, achando-se tão importantes, que acreditam mesmo que o mundo inteiro maquina uma maneira de destruí-los; são tão auto-referenciados que projetam sobre si mesmos o ódio que o diabo revelou contra o apóstolo Pedro.

Acontece que a igreja evangélica vem tropeçando em várias questões éticas; repetindo entre o clero os mesmos erros dos líderes

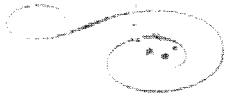
políticos; amando o dinheiro, igualzinho ao mundo. A pergunta inconveniente, mas necessária, é: para que o mundo precisaria perseguí-la? Os evangélicos são inimigos de si mesmos. Réus e vítimas de suas próprias doenças não provocam a indignação de ninguém; pelo contrário, são, muitas vezes, dignos de pena.

Para que o mundo odiasse a igreja, ela precisaria de uma moral que não só condenasse o vício do cigarro ou da maconha, mas procedimentos íntegros em outras áreas menos abordadas; de uma teologia que não prometesse apenas o céu, e sim engajamento transformador da miséria, dos preconceitos e das injustiças; de uma espiritualidade que não tentasse usar Deus, mas promovesse intimidade com o Pai.

Antes de ter medo do mundo e do diabo, que mais crentes tenham medo de si mesmos.


O VELHO E O MAR

O velho e o mar



O Velho e o Mar foi um dos últimos livros do escritor americano Ernest Hemingway. Alguns o consideram sua obra-prima, pois lhe rendeu o prêmio Pullitzer e foi decisivo para que o autor ganhasse o Prêmio Nobel. Com uma narrativa simples, Hemingway conta a história de Santiago, um cubano que se sentiu desafiado a voltar a pescar aos 84 anos de idade. Como passara a vida no mar, o velho queria provar seu vigor aos mais jovens.

E, como era conhecedor dos segredos do ofício, Santiago lançou-se numa empreitada audaciosa: fisgar o maior peixe de sua vida. Não foi fácil. Depois de amargar dias sem comer, quase cego pelo sol, finalmente pegou um peixe de mais de cinco metros. A batalha foi renhida, mas o velho perseverou e venceu. Amarrou o peixe morto ao lado do barco e iniciou seu retorno. A volta, porém, foi decepcionante. Tubarões atacaram e comeram seu troféu – no caso, o peixe. Quando Santiago finalmente chegou à praia, só tinha um esqueleto para mostrar aos jovens. Seu projeto de vida havia se reduzido a nada.

O Velho e o Mar tornou-se um sucesso porque identificava o sentimento daqueles que chegam ao fim da vida carregando pesadamente nas costas a carcaça do objeto pelo qual batalharam a vida toda.

Em meados de 1975, tranquei matrícula na faculdade de Administração de Empresas para estudar num instituto bíblico, pois tinha certeza de que Deus me chamava para o ministério. Depois

que fui batizado no Espírito Santo, desejei tanto servir ao meu Senhor que, ingênuo, não identificava desvios religiosos nos lugares por onde andei. Passados os anos, somaram-se grandes decepções. Hoje, apesar de não ser ainda velho, já me identifico com o pescador de Hemingway.

Dói pensar que chego a essa idade, temeroso de que o projeto ao qual me dei por tantos anos esteja se reduzindo a uma carcaça. Observo o avanço das superstições na espiritualidade evangélica e antecipo que logo não se acreditará mais na suficiência da cruz. Com a proliferação dos amuletos e das intermináveis campanhas de oração, prevejo muitas igrejas retrocedendo aos tempos medievais, com um evangelho de obras. Quando escreveu sua Epístola aos Gálatas, Paulo tinha uma equação em mente. Acrescentar algum rito à cruz – naquele caso, a circuncisão – não diminuía os méritos redentores de Cristo, simplesmente os anulava. Não se pode somar nada ao Calvário; tudo está consumado.

Entristece-me observar o esvaziamento dos conteúdos da fé. Privilegiam-se as coreografias e ressaltam-se os carismas, mas se esquecem os significados mais profundos da mensagem. Assombra-me pensar que a proposta do Reino venha se resumir a chavões sem conteúdo. Deploro imaginar que muitos pastores se contentem com frases que, de tão repetidas, já perderam seu valor. Não se pode deixar a notícia mais alvissareira acabar em ditado de pára-choque de caminhão.

Sinto necessidade de alertar as igrejas sobre as novas pressões que sofrerão à medida que crescerem numericamente. Quanto mais visíveis, mais cobiçadas por oportunistas e demagogos. Auditórios lotados encantam políticos em busca de votos, atraem marqueteiros ansiosos por novos mercados e seduzem aqueles ambiciosos pelos "15 minutos de fama". Temos de nos precaver para que o Corpo de Cristo não vire negócio, e os crentes, meros consumidores.

O sucesso de Santiago foi ilusório. Apesar de fisgar um grande peixe, só lhe sobrou um esqueleto carcomido. Jesus advertiu seus discípulos de que cuidassem para que, no esforço de ganhar o mundo

inteiro, eles não perdessem a alma. E devemos compreender essa perda de alma não só no sentido de morrer e ir para o inferno, mas de arruinarem-se os afetos, a sensibilidade humana e a solidariedade para com os que sofrem. Hoje, mais do que nunca, o movimento evangélico precisa tomar muito cuidado para, no último dia, não se apresentar diante de Jesus com a alma atrofiada. A igreja de Laodicéia, mesmo operosa, ouviu: "*Você diz: Estou rico, adquiri riquezas e não preciso de nada. Não reconhece, porém, que é miserável, digno de compaixão, pobre, cego, e que está nu*" (Ap 3.17).

Que Deus nos ajude a resgatar a centralidade do Evangelho, pois só assim nosso trabalho não será vão no Senhor.

Igrejas infectadas



Aos 25 anos de idade, depois de várias febres, muita rouquidão e um péssimo hálito, dei o braço a torcer e aceitei que o médico operasse as minhas amídalas. Resisti quanto pude porque sabia que as amídalas existem para proteger as vias respiratórias. Contudo, o médico conseguiu me convencer de que as minhas estavam imprestáveis; tão infectadas que já não protegiam, mas contaminavam o resto do organismo. Só restava uma opção: arrancá-las fora. A partir daquele dia, aprendi que um órgão – qualquer um – pode perder a sua função original e passar a atacar o corpo.

Nas relações humanas e sociais acontece o mesmo. Quando se perdem as finalidades originais, morrem casamentos, empresas, igrejas. Serve o exemplo da família: pai e mãe devem oferecer um ambiente em que os filhos aprendam a ter confiança, segurança, dignidade. Mas, quando acontecem muitas brigas com ódio, quando falta paz, aquela família perde a função de fomentar auto-estima e segurança. Assim, deixa de ajudar e passa a desajustar as crianças.

As religiões também podem virar amídalas infectadas. Bastar ver na história. Inúmeras igrejas criaram ambientes doentios e desumanizadores, quando deviam ser espaços de humanização. Devido ao meu site (www.ricardogondim.com.br), recebo milhares de mensagens sobre assuntos variados; a grande maioria, entretanto, pede ajuda. Muitos não suportam os sermões vazios com promessas mirabolantes e ameaças de maldição. Entristeço-me, mas fica

óbvio para mim que as lógicas e práticas da igreja evangélica não conseguem responder às complexidades do século XXI. Os espaços evangélicos estão febris.

É preciso detectar, rapidamente, onde a infecção se tornou aguda para combatê-la com doses maciças de antibióticos espirituais e éticos; com um bom diagnóstico, não será preciso operar o foco da contaminação e ainda preservar o organismo.

Estão infectadas as igrejas que priorizam programas, e não relacionamentos. Jesus não tratou a "Igreja" como uma instituição, mas como uma comunidade. Igreja são mulheres e homens com um estilo de vida nobre, verdadeiro, que inspiram os outros a glorificar a Deus. Portanto, para o seu eterno propósito dar certo, Jesus não precisa de eventos sofisticados, basta que seus seguidores amem-se uns aos outros.

Estão infectadas as igrejas que priorizam poder, e não serviço. Nas Escrituras, poder só tem sentido quando mobiliza para a solidariedade, compaixão, humildade. A busca do poder pelo poder é *luciferiana* em sua essência. Jesus criou o mundo, mas se esvaziou, encarnou e morreu numa cruz. Os cristãos não almejam tronos, mas bacia e toalha para lavar os pés alheios. Sem esperar aplausos, sentem-se privilegiados de servir.

Estão infectadas as igrejas que priorizam espetáculo e não discrição. Jesus ensinou que não se devem cobiçar os primeiros lugares; considerou que a autêntica piedade acontece num quarto de portas fechadas; falou que a mão esquerda não deve conhecer o que a direita oferece. Quando Jesus ressuscitou uma menina, respeitou a privacidade da família e não deixou que estranhos entrassem para testemunhar o milagre. Sobram exemplos de seu recato. Certamente, Jesus não se agrada de saber que alguns tentam transformar a fé num show.

Estão infectadas as igrejas que priorizam milagre, e não coragem existencial. Paulo considerou tudo como esterco pela excelência do conhecimento de Cristo – este, somente este, deve ser o alvo da espiritualidade cristã. Não se cultua a Deus para descobrir um jeito

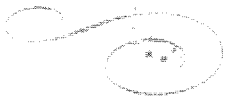
certo de "alcançar milagre" ou de ter uma fé mais "eficiente". No culto, celebra-se o amor gratuito e unilateral de Deus. O Evangelho é boa notícia porque todos são aceitos sem exigências. Deus quer bem sem fazer distinção; não se ganha o favor de Deus com obras. Graça é o chão onde todos podem alicerçar a vida com liberdade e sem culpa. O cristão não precisa de que Deus conserte as dificuldades da vida, basta a sua companhia.

O Apocalipse foi taxativo com uma igreja infectada: *"Lembre-se de onde caiu! Arrependa-se... Se não se arrepender, virei a você e tirarei o seu candelabro do lugar dele."* O evangélicos precisam, como nunca, ouvir esta exortação.

Se, antigamente,
escondi-me nos discursos etéreos,
a escrita passou a exigir
que eu me fizesse carne.



Arrependimento



Lamento ter redirecionado meus talentos da oralidade para a escrita. Antigamente eu falava muito e escrevia pouco. De uns tempos para cá, venho tentando concentrar meus pensamentos no texto. Ah, como isso me trouxe problemas!

Primeiramente, viciei-me. Agora não consigo mais dormir em paz. Todas as noites me deito ruminando idéias, concebendo metáforas, procurando dar vida a personagens, imaginando temas inéditos. Quando pareço contente, repentinamente sou atormentado por um espírito que vem do mundo onde habitam poetas, cronistas e romancistas. Esse misterioso ser me humilha, escancarando minha mediocridade. Varo noites repetindo para mim mesmo que me contentaria de só engraxar os sapatos dos gênios da literatura.

Escrever tornou-se um problema para mim. Na dissertação, descobri como necessito ser exato na semântica. Escrevendo, percebi que não posso simplesmente despejar palavras no texto, pois isso não só o empobrece como me condena a tornar-me inconseqüente.

Nos tempos em que eu só falava, o dito ficava pelo não dito. Quando ouso redigir, noto que as palavras se eternizam. Quantas vezes já fui consumido por não encontrar um vocábulo adequado, por não saber ordenar os pensamentos numa construção gramatical compreensível, por não manter os raciocínios límpidos. Em um artigo banal, preciso das lupas de um Sherlock para escolher a metáfora que transmita melhor o que me está camuflado na

alma. Tenho algumas idéias que se mimetizam tão rapidamente que não consigo fazer o devido paralelo entre meus desassossegos e a redação.

Arrependo-me de ter aceitado o desafio de redigir porque acabei me expondo além do que devia. Em meus devaneios autobiográficos e nas minhas crônicas reais e fantasiosas, deixei-me comer por canibais anônimos; alguns ferozmente se aproveitaram de meus pequenos deslizes para me estraçalhar. Desde cedo eu havia aprendido que deveria manter o grande público do lado de fora dos meus jardins, quintais e, principalmente, de minha alma. Caramba! Deu errado. Já não sei escrever sem me derramar, sem me despejar em reminiscências, sem abrir minhas entranhas.

Arrependo-me de ter começado a escrever porque acordei para minhas muitas incoerências. No passado, quando articulava discursos, não ligava se me contradizia. Agora, consciente do que grafei, preciso manter a robustez dos pensamentos sobre Deus, sobre a vida, sobre o sofrimento humano. O texto corrige miopias, refina conjecturas e censura descuidos. Ele exige que o autor defenda suas idéias até as últimas conseqüências. Confesso sentir saudade da época em que fui menos criterioso e tagarelei diante de grandes auditórios sem que ninguém me cobrasse exatidão.

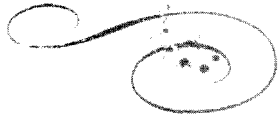
Arrependo-me de ter aliciado algumas pessoas para meu texto. Atraí alguns imprudentes leitores e eles, coitados, passaram a gostar das minhas doidices autofágicas, das minhas apostasias teológicas e dos meus delírios existenciais. Pior, condenei-me a continuar escrevendo para alimentar esses famintos pintassilgos que, de bico aberto, esperam o insípido pão que regurgito em forma de palavra.

Arrependo-me de querer transformar minha carne em verbo. Só depois que me aventurei por esse território onde vivem os deuses é que entendo por que os substantivos almejam virar verbos. Amor, substantivo abstrato, sonha um dia tornar-se concreto. Os pensamentos querem existir em forma de ação e as palavras, vertebrar-se em atos. Se, antigamente, escondi-me nos discursos etéreos, a escrita passou a exigir que eu me fizesse carne.

Arrependo-me de ter ousado escrever porque agora sei um pouco mais – "a quem muito foi dado, muito será cobrado". Lamento ter alcançado níveis mais largos de consciência.

Bem que devia ter continuado falando, falando...

Um dia ainda aprenderei a ser gente grande.
Por enquanto, quero aprender a viver.
E isso me basta.



Eu aceito, eu rejeito



Aceitar e rejeitar sempre foram dois verbos difíceis para mim. Minha mãe me ensinou a não aceitar favores de estranhos, eles poderiam ser maus; depois, aprendi a não rejeitar a mão estendida dos amigos, eles poderiam expressar os favores divinos; assim continuo sem discernir em quais momentos devo acolher ou recusar.

Antes preciso dizer que já aceito caminhar de mãos dadas com gente que valorize relacionamento além da reputação, lealdade acima das censuras sociais; aceito o olhar ingênuo do amigo que nada exige e nada promete senão sua companhia.

Também preciso esclarecer que rejeito me sentar à mesa do presunçoso, daquele que evita entrar em contato com sua própria alma. Reconheço minha inabilidade em perceber esquemas maldosos, portanto, fugirei dos sagazes.

Por último, não quero me forçar a nada; abandonei o desejo de fazer adeptos, seguidores ou discípulos. Desejo oferecer, tão-somente, minha débil consciência, meus parcos conhecimentos e minha sofrida percepção do divino. Os que aceitarem não precisam dar qualquer retorno a mim – até porque presenteio o que tenho e o que sou por razões egoístas.

Preciso vazar o que considero precioso e que se acumula dentro do meu peito. Quem não gostar, ou não aceitar, e se sentir importunado com minhas inquietações basta descer a calçada e caminhar para a do lado oposto, assim não seremos obrigados a nos ver cara a cara.

Por mais que tente, continuo claudicante; não consigo resolver enigmas, resolver meus paradoxos para encerrar os capítulos de minha história. Sei que sou um homem maduro, mas reconheço que minha maturidade não condiz com a minha idade.

Lamento! Mas é essa a minha cruel constatação depois de tudo o que li, tudo o que estudei e tudo o que já orei. Permaneço um esboço numa prancheta, uma massa sem levedo, um ninho abandonado, uma sutura mal cicatrizada.

Nessa confusão mental, nesse turbilhão espiritual e nessa sofrida maratona, busco coragem para optar pelo sim ou pelo não.

Contudo, aceito sorrisos francos, abraços despretensiosos, mensagens redigidas com gramática ruim, bolos assados com carinho e telefonemas rapidinhos, só para saberem como estou.

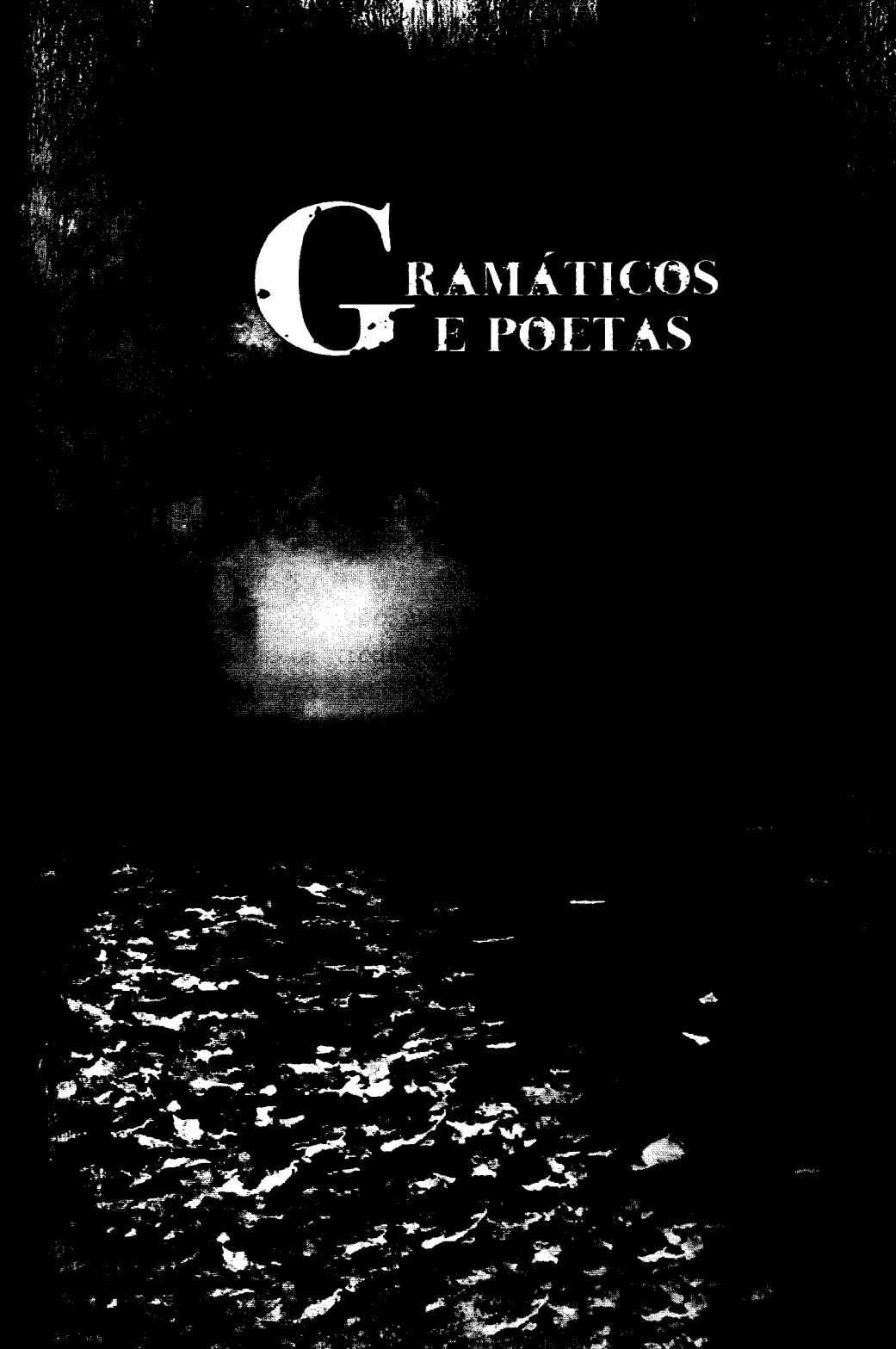
Rejeito amizades gasosas, textos canônicos, santos gabolas, sermões irretocáveis, certezas sobre a maldade alheia; enfim, hipérboles religiosas.

Aceito fragilidades inconfessadas, discórdias leais, críticas honestas, ignorâncias sensatas, racionalidades humildes.

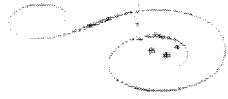
Rejeito pedantismo acadêmico, erudição afetada, linguajar hermético, sabedoria presumida e preconceitos intelectuais.

Um dia ainda aprenderei a ser gente grande, por enquanto quero aprender a viver. E isso me basta.

GRAMÁTICOS E POETAS



Gramáticos e poetas



Infelizmente, o mundo continua dividido entre feiticeiros e químicos, cientistas e filósofos, gramáticos e poetas. Digo infelizmente porque não foi sempre assim.

Houve tempo em que os astrônomos se enamoravam pelo piscar das estrelas, os físicos acreditavam que uma linda bordadeira havia costurado o universo e os biólogos celebravam que o ser humano respirasse, mesmo tendo sido um boneco de barro.

Houve tempo em que os jumentos falavam, as estéreis geravam filhos (extra)ordinários, os anjos matavam milhares de soldados agressores, os cajados secos floresciam e o sol parava para esperar que os mais frágeis prevalecessem na guerra.

Houve tempo em que as fadas ajudavam as órfãs, o beijo do príncipe ressuscitava a princesa do sono, os espelhos se rebelavam para responder com honestidade e as crianças, talhadas em madeira, viravam gente.

Houve tempo em que a metáfora reinava na literatura. A copa das árvores era um cálice verde de onde respinga orvalho da manhã, a saudade, uma mulher que arruma o quarto do filho que já morreu e a alma da lua se escondia na garganta do galo que soluça seu canto na madrugada.

Houve tempo em que se falava de Deus como suspiro, olfato ou paladar.

Nele, encontrávamos o colo materno, perdido desde a adolescência. Deus era pastor solitário que, sentado numa pedra, espiava

suas ovelhas a pastar numa montanha distante; era o amante que abandonava um harém para cortejar sua amada; era o juiz que assumia a briga dos mais frágeis; era o médico que trazia um bálsamo para aliviar a dor da alma; era o amigo que se achegava como irmão; era o rei que anunciava a chegada de uma nova ordem; era o pai que educava seus filhos para uma existência madura e autônoma.

Houve tempo em que se liam os textos sagrados com reverência. Diante do numinoso, o mortal tremia; diante do sagrado, o pecador temia; diante do infinito, o finito se perdia; diante do eterno, o humano encolhia.

Lentamente, teólogos e exegetas, cientistas e técnicos, gramáticos e lingüistas minaram os sonhos e fantasia dos meninos, esvaziaram a verdade dos poetas, quiseram explicar o mistério, captar a verdade, sistematizar Deus, dissecar o poema e criticar a alegoria. E conseguiram!

Eles exilaram os magos que correm atrás das estrelas; sumiram com os profetas alucinados que falam de rodas de fogo no céu; queimaram as mulheres que sentem no corpo o êxtase do divino.

Esses assassinos da beleza, no ímpeto de explicar o impossível e mapear os rumos do Espírito, deixaram o mundo mais pobre, a fé mais segura, a oração menos incerta e Deus ficou pequeno.

Agora, quem precisar de milagre pode dispor de hábeis evangelistas que ajudam a abrir as janelas do céu; quem tiver dúvidas, pode comprar exaustivos manuais sobre Deus; quando a vida parecer ameaçadora, é possível domesticá-la, contratando profetas de aluguel.

Minha alma, porém, anseia pela poesia que me abandone reticente; pela prosa que me ferva o sangue; pela ficção que me comova as entranhas; pelo drama que me arrepie a pele; pelos personagens que saltem dos palcos para encarnar em mim.

Sinto que Deus ainda vive no sonho das crianças; ainda habita onde reside a musa do poeta; ainda se revela no desejo do profeta; ainda se move além do horizonte utópico do guerreiro.

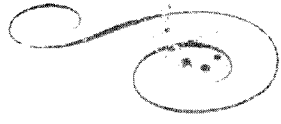
Sinto que sua habitação fica no vazio, no nada, e que sua glória se esconde numa nuvem espessa e ofuscante.

Sinto que posso perceber sua verdade no desconhecido absoluto e no inaudível, escutar sua voz.

Sinto que Deus é vento imperceptível, verdade diáfana e mistério espantoso.

Portanto, morro para o anseio de fazer análise sintática ou crítica textual dos textos sagrados. Já não invejo os apologetas, só quero que me devolvam o que roubaram de mim: a alma dos poetas, o coração dos meninos e a leveza dos bailarinos.

Minha saudade é incontrolável; sabota os fossos mais resistentes do coração. Faz metáfora do tudo; busca trazer à tona a vida submergida.



Saudade, senhora sinistra



Noite passada meu inconsciente montou palco e encenou um tempo em que eu era feliz e sabia. Meu sonho não foi entrecortado, mas detalhado; cumpriu até roteiro, como se houvesse um diretor a conduzi-lo. Acordei sussurrando o Fagner: *"Quando a gente tenta de toda maneira dele se guardar. Sentimento ilhado, morto, amordaçado. Volta a incomodar."*

Tento desapegar da alma o passado que considerava extinto sob a poeira do tempo. Tento convencer-me de que não adianta reviver a frágil felicidade, espremida em horas tão medrosas. Tento engolir a tristeza da despedida malfeita; aquele não era meu mundo. Tento convencer-me de que tudo não passou de fantasia. Aí vem o maldito inconsciente e escancara um teatro com cenas do que eu supunha morto e amordaçado.

Já chamei saudade de feiticeira. Ela é, sim, sinistra senhora que sabe ressuscitar o que jazia nos escombros do passado. No contrapé noturno, revivo o tempo de minha efêmera felicidade. Racional, argumento que saudade não passa de uma sensação enganosa. Mas e o resto da vida? Não é tudo ficção? Será que o que sonhei não é a realidade? Pesadelo não é o dia áspero?

Minha saudade é incontrolável; sabota os fossos mais resistentes do coração. Faz metáfora do tudo; busca trazer à tona a vida submergida. Cheiros, temperos, ruas, músicas, poemas se transformam em trilhas para o universo segredado nos porões do espírito.

Quimeras ganham concretude, as densidades se tornam diáfanas e eu choro no secreto.

Quando parecer melancólico, com um olhar triste, não se espante. Estou com saudade.

Futuro sombrio



No limiar de um novo ano, é bom refletir para aonde vamos. O futuro virá como resultado das escolhas presentes. Não adianta fazer votos de um ano cheio de paz e prosperidade se insistirmos nos erros que produziram os desastres atuais.

Caso não aconteçam mudanças radicais nas políticas de governo de toda a comunidade internacional, o meio ambiente vai se deteriorar. Não é preciso conhecimento científico para perceber que o derretimento das calotas polares, fruto do aquecimento global, devastará o mundo em curtíssimo prazo. Se a indústria não mudar para novas fontes energéticas, que não poluam tanto quanto a queima do petróleo, logo cidades praianas serão inundadas pelas marés. O Brasil tornou-se um dos maiores poluidores do planeta com as queimadas na Amazônia. Nosso crime ambiental é duplamente qualificado, pois, além de dizimar a mais rica biodiversidade, compromete a saúde de mais de seis bilhões de almas. A consciência ecológica tem de se tornar tema recorrente dos sermões. As igrejas deveriam marchar pela preservação da vida animal e vegetal, e conseguir debater melhor sobre ecologia, vendo sua importância com a Teologia.

O abismo entre as nações ricas e pobres crescerá. A atual ordem econômica do mundo não contribui para o desenvolvimento dos países do terceiro e quarto mundo. Devido às relações comerciais protecionistas dos poderosos e à vantagem desproporcional que levam ao negociar tecnologia por produtos agríco-

las, os bolsões de miséria da África, Ásia e América Latina não se acabarão. O resultado dessa macroinjustiça social produzirá levas migratórias com grande rejeição dos ricos, que fecharão suas fronteiras aos menos favorecidos; recrudescerão os ódios raciais, proporcionando um clima perfeito para radicalismos religiosos e étnicos. Se as multinacionais financeiras, industriais e tecnológicas tivessem um pouco mais de alma, haveria clima para propor um perdão às dívidas externas dos países mais pobres, estancando a sangria de dinheiro dos mais miseráveis para os grandes bancos – muitas, produzidas por regimes ditatoriais, como a brasileira.

As megalópoles continuarão crescendo sem conseguir dar qualidade de vida aos seus habitantes. O número de cidades com mais de um milhão de habitantes duplicará em poucos anos, gerando demandas altíssimas de água potável, energia elétrica, alimentos, esgoto e reciclagem de lixo. Para viver em centros tão grandes, as famílias se submeterão à baixa qualidade de vida, perigosa e impessoal. Aumentará o controle estatal sobre a vida das pessoas, com câmeras fiscalizando cada pequeno delito dos cidadãos e multando cada infração do trânsito. A vida urbana encarecerá com uma carga tributária pesadíssima.

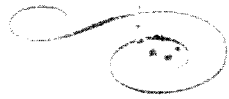
Com todos os avanços tecnológicos como telefone celular, internet e aviões a jato, as pessoas continuarão sem tempo. As crescentes demandas por eficiência e a competitividade do mercado de trabalho exigirão longas horas de atividade profissional e acarretarão pouco tempo para o lazer e para aprofundar relacionamentos humanos. Os casamentos durarão menos, multiplicando os divórcios. Isso produzirá crianças menos equilibradas emocionalmente e menos dispostas a se abrir para os riscos de amar. A pornografia seduzirá, pois as pessoas buscarão se satisfazer sexualmente sem precisar se expor ao próximo.

O mundo está muito doente e prestes a entrar em estado terminal. Nunca se precisou tanto da união de todos. Necessitamos nos despir de nossos orgulhos nacionalistas, nossos preconceitos

ideológicos, nossos medos religiosos e trabalhar para entregar um mundo melhor à próxima geração.

As mensagens que se ouvem dos púlpitos continuam exageradamente espiritualizadas, transferindo para o sobrenatural decisões humanas. As expectativas geradas pela relação dos crentes com Deus são ensimesmadas e burguesas. A comunidade evangélica brasileira não pode enterrar a cabeça diante da urgência da hora. O novo ano está próximo e mais uma vez precisamos agir como astros e luzeiros no meio de uma geração corrompida e perversa.

Pessimismo religioso



Vamos parar de posar de triunfantes. Todo mundo é farsante, vaidoso, instável e interesseiro (eu também). As muitas falas não escondem que a alma está desajustada do espelho e os atos não conferem com as reais intenções.

Vamos parar de escrever sobre a nobreza. Coitada da sinceridade, vive pisoteada; pobre do bem, vive subindo ladeiras íngremes; triste da virtude, vive rouca.

Vamos parar de encenar perfeição; chega de cara de Amélia arrependida. Ninguém se engane: existe vilania bruta, armações mefistofélicas, ambientes infames. São reais a molecagem das sacristias, a velhacaria das tesourarias, a sordidez dos gabinetes e a cafajestice do púlpito.

Vamos parar de bancar os impolutos da última hora. Os indignos conseguem, sim, senhoras e senhores, fantasiar sua indiferença com as lantejoulas da ortodoxia; eles sabem socar a boca dos profetas.

Vamos parar de altruísmos. As estradas continuam pontilhadas de semimortos e são raríssimos os "Bons Samaritanos". A teologia foi substituída pela egologia; todos miram o bico dos seus sapatos, e os campos de refugiados da ONU continuam entulhando miseráveis.

Vamos parar de cretinice "gospel"; de bons mocismos evangelicais e de encenações santarronas.

Batamos no peito e façamos um "mea culpa" discreto; choremos sentados sobre cinzas, pode ser que ainda reste esperança.

Decepções



Decepções

Eu sou decepcionado. Lamento desapontar os que esperavam um otimismo menos cinzento. Mas, cedo, me decepcionei com minha terra, meu padre e meus pastores. Adulto, as decepções vieram em cascata e fui acabrunhando, entristecendo, murchando. Hoje não me iludo com a natureza humana. Para mim, qualquer um pode trair, abandonar, rir pelas costas, assassinar.

Recentemente, conversei com uma amiga que me confidenciou sua exaustão. Disse-me que sua pequena empresa se tornara um festival de egos inflados. Depois de inúmeros menosprezos e ingratidões, não agüentava mais: "Estou exausta. Tenho vontade de vender o negócio, largar o que já foi a razão da minha vida e sumir." Tentei ajudá-la, mas vi-me sem muita autoridade; disse que nos últimos tempos eu me tornara um especialista em decepções.

Todo decepcionado foi assassinado. Acertaram uma bala no coração de seus ideais; sem sangue persistente, só vai adiante por inércia. Amordaçado pelo dever, o decepcionado se vê tangido pelas horas e vive encalacrado pela lógica do "espetáculo que não pode parar". É um anjo sem asas, caneta sem tinta e de ponta estragada. Sem seiva, joga em estádios vazios e abandona as avenidas para viajar por becos escuros.

Todo decepcionado curou-se de miopia – todos os que amam são doentes dos olhos. Quem ama consegue enxergar o que não existe, acredita em fantasias, ilude-se. Quando o cristalino dos decepcionados é restaurado, eles passam a ver vaidades, sordidez, invejas.

As sombras se tornam maiores do que a luz e as maldades, próprias dos humanos, que antes eram despercebidas, ficam nítidas. Os desalentados têm olhos de águia e sempre carregam lupas no bolso.

Todo decepcionado jogou fora seus ideais. A resolução para lutar, que vinha da antiga turbina dos ideais, parou. Jogaram areia no dínamo das suas iniciativas e, sem girar, a energia se apagou. O decepcionado não passa de um palito de fósforo retorcido. Ele acorda e só espera obrigação, dever. O trabalho se torna um fardo, as horas, um arrastar monótono, e a vida, um castigo. O desgostoso vive exausto.

Todo decepcionado caminha claudicante. Suas escolhas não revelam qualquer determinação; ele hesita a todo instante. O desolado esconde a resignação com rabugice. Devido à sua incerteza, fica irascível; indeciso, reage com estupidez. O decepcionado é mais severo que um senhor de escravos; é impaciente como um delegado prestes a se aposentar.

Obviamente só Deus pode curar os decepcionados. Entretanto, atrevo-me a sugerir algumas recomendações.

Não pôr todos os ovos numa mesma cesta é um bom conselho para os cabisbaixos. Indico que não fixem os olhos nas artimanhas dos espertos, não se impressionem com os gestos adultos, mas se inspirem na simplicidade das crianças, voltem a ouvir a sinfonia dos pássaros, percebam os diferentes tons de verde das matas, assistam a mais pores-do-sol, molhem os pés em riacho que desce da montanha.

Poesia é excelente remédio para desapontamento. Um poema pulsa no ritmo do universo e contém o segredo da terapia divina. Se matemática é linguagem cósmica, música e poesia são idiomas do Divino. Melodia ressuscita a alma machucada, poesia pinça feridas do espírito para estancar a hemorragia da vida. Ouvir, ler, recitar um soneto é bálsamo inigualável. Depois de ler um poema, qualquer desiludido se transforma em floricultor.

Acolher os necessitados, os esquecidos, os indignos cura qualquer decepção. O clamor do pobre é o clamor de Deus. Nada mais

satisfatório para o abatido do que cuidar de um prostrado. Jesus acertou quando disse que todos os que desprezam os primeiros lugares acham a vida, e só o samaritano, que se ajoelhou diante de um moribundo, foi salvo.

Jesus se decepcionou com o povo que só queria pão, com Jerusalém que desprezou o dia da sua visitação e com os sacerdotes que conspiraram sua morte. Porém, ele não morreu digno de pena porque ouviu o clamor de um ladrão, cuidou de sua mãe e entregou o espírito a Deus. Portanto, bem-aventurados os decepcionados, pois neles mora a possibilidade de a vida se refazer sem o brilho mentiroso dos holofotes, sem os aplausos falsos da lisonja, sem o fascínio irreal das onipotências, sem o embotamento do narcisismo.

Lições que nascem da dor

Eu e João corremos juntos um dia. Como tinha 25 anos de idade e era magro, não precisava esforçar-se para manter o meu ritmo. De repente, falou-me que se sentia deprimido. Perguntei-lhe se identificava uma causa para sua depressão. "Medo de fracassar", retrucou, sem hesitação. Pelo restante do percurso, procurei mostrar que Deus ama sem cobrar desempenhos e que, mesmo nunca alcançando êxito, continuamos queridos; falei que Deus não desiste dos malsucedidos. Porém, duas semanas depois, chorei: João se suicidou.

Sua morte me abateu. Eu o amava. João temia o futuro e, por mais que se esforçasse, não conseguia reverter seu pessimismo. Meus conselhos, orações e o cuidado de outros cristãos não ajudaram. Nada, absolutamente nada, reverteu sua morbidez, e ele se puniu com a mais desastrosa decisão – castigando todos nós.

Angústia e depressão fazem parte da nossa existência. Vários personagens históricos e bíblicos tentaram fugir para cavernas escuras em momentos semelhantes; abatidos, mal cogitavam achar forças que lhes devolvessem esperança. Essa apatia não lhes tirava apenas o sono. Acordados, tinham de conviver com um pessimismo infinitamente triste.

Nessa tragédia, aprendi que a maioria das pessoas não teme morrer, mas se apavora em não saber viver. A inevitabilidade da morte não as assusta; elas só querem evitar a insignificância, que é a noção de que existimos, mas sumiremos sem importância. Milan

Kundera afirmou: *"Todo o mundo tem dificuldade de aceitar o fato de que desaparecerá, desconhecido e despercebido, num universo indiferente."* Isso explica por que algumas pessoas se esforçam tanto para realizar alguma coisa extraordinária – até cometer algum crime. Elas querem é ser valorizadas em vida e lembradas depois de mortas.

Meses depois, me contaram que João se angustiava com o desejo de agradar a seu pai, dizendo para si mesmo que nunca conseguiria satisfazê-lo. Ainda criança, jogava tênis olhando para a arquibancada, na esperança de ganhar um sorriso de aprovação. Ele se formou em engenharia, envergonhado por não alcançar nota máxima em todas as matérias. Assim, ao projetar sua vida futura, sofria imaginando não galgar os píncaros da glória e riqueza.

Preocupa-me que o mundo religioso venha ressaltando apenas as exigências rigorosas de uma divindade muito complicada de ser agradada. A maioria dos crentes brasileiros não concordaria com o Gilberto Gil quando canta: *"Se eu quiser falar com Deus/ Tenho que aceitar a dor/ Tenho que comer o pão/ Que o diabo amassou/ Tenho que virar um cão/ Tenho que lamber o chão."* Contudo, o comportamento da grande maioria confirma o conteúdo dessa música. Existe uma espiritualidade que se difunde e que oprime as pessoas com um fardo excessivo. São igrejas que não deixam ninguém esquecer suas dívidas com uma lei duríssima. Nessas religiões, culpam-se as inadequações humanas pelos revezes da vida, e todo contratempo é visto como fruto de pecado ou de eventuais "brechas" por onde o diabo entra.

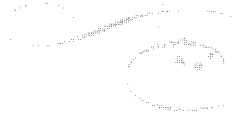
As pessoas lotam essas igrejas com o desejo de agradar a um Deus complicadíssimo. Desse modo, nunca se esperam afetos ou compaixão da parte dele. Se alguém almeja "conquistar" o amor divino, precisará sempre fazer sacrifício.

As pessoas não precisam desse tipo de religião, elas carecem de uma mensagem diferente. Oxalá, mais pregadores anunciem: "Deus não desistirá de amar, mesmo quando seus filhos não merecem. Seu amor é leal. Nada diminuirá seu compromisso de oferecer o

melhor de si para que seus filhos cresçam." Na Parábola do Pródigo, o pai disse ao filho mais velho: *"Tudo o que tenho é seu."* Essa frase precisa ressoar na mente de todos os cristãos, pois nela está a promessa bíblica de que somos co-herdeiros com Cristo. Ninguém é estimado por cumprir mandamentos ou alcançar níveis excelentes de santidade. Deus ama de graça.

Chorei com a morte do João, mas aprendi a mais linda verdade: Deus quer bem aos seus filhos sem esperar desempenho. Ele não abandona os malogrados. E já que ninguém precisa fazer jus ao seu amor, todos podem festejar seu amor e se colocar no fantástico projeto de ser transformados na imagem de Jesus Cristo.

Todos somos irmãos. Ninguém é melhor do que ninguém. Todos sofrem e todos riem; iguais no nascimento e na morte; criados com uma lacuna infinita, que só o próprio Deus pode completar.



Todos somos irmãos

Todos são estrangeiros em sua própria pátria. Ninguém se sente realizado. As experiências existenciais são incompletas. As fontes d'água não dessedentam; nenhuma festa é perfeita; nenhuma aventura satisfaz. Viver não basta. Não adianta querer sonhar a mesma coisa duas noites seguidas. O sexo de ontem não será igual ao de amanhã. A onda do mar nunca retorna como era; o rio morre a cada instante.

Todos têm dúvidas. Só os imbecis vivem com certezas. Os psicopatas não conhecem culpa. O convívio dos que se amam é complicado. Intolerâncias recrudescem quando se defendem absolutos; invejas se escondem nas convicções; frustrações se sublimam nas militâncias; covardias se chamam de prudência.

Todos são frágeis. Violências camuflam fraquezas; os hostis são patéticos; os estúpidos, ordinários; os poderosos, pequenos. Os leões não comandam as selvas; as lebres não superam as tartarugas; os tubarões não tiranizam os oceanos. No coração dos imperadores habitam crianças indefesas; mesmo o perverso torturador tem carências; os cáusticos religiosos se enternecem com belezas.

Todos são medrosos. A busca insana por segurança denuncia precariedade; o medo do amanhã gera ansiedades; a contingência existencial pesa como solidão. Perdeu-se o aconchego do útero e não há como fugir da orfandade universal. Ecoa pelas galáxias um grito que implora por um Pai. Ouve-se a pergunta: "cadê o colo da

minha mãe divina?" A fase oral da humanidade não acabou e todos buscam aquele seio que lhes nutriu a vida.

Todos são frustrados. A história não se desenrolou como prevista. A miséria esbofeteia os idealistas; nenhuma resposta conseguiu explicar o pranto desesperado de milhões de crianças; as hecatombes são perversas demais para que se acolham respostas simplistas. Os holocaustos, a morte parcimoniosa dos pobres, a injustiça capitalista, os sistemas políticos ensimesmados continuam desafiando teodicéias, humanismos, ideologias e existencialismos. Não se conseguiu solução concreta para os desmandos da história. As espadas nunca se transformaram em arados. Ninguém enxugou as lágrimas das mães que lamentaram seus filhos em covas rasas. A Nova Cidade ainda não desceu do céu.

Todos são angustiados. A morte espreita os lares feito uma bruxa de mau agouro. A beleza das cores, o prazer do vinho, a alegria do amor têm data marcada para terminar. A vida é efêmera. Ninguém tolera conviver com uma guilhotina prestes a descer. Tudo é imprevisível. Passarão o ar fresco da montanha, o canto da cigarra, o riso espontâneo do palhaço, o grito de gol nos estádios. É preciso aprender a dizer adeus. O tempo, inclemente, cobre a vida de fuligem. O poema mais comovente um dia não será recitado; a orquestra, diáfana como um véu de noiva, se esgarçará. A canção que ressuscita saudade tem o mesmo destino do perfume mais caro, lavado com sabão.

Todos somos irmãos. Ninguém é melhor do que ninguém. Todos sofrem e todos riem; iguais no nascimento e na morte; criados com uma lacuna infinita, que só o próprio Deus pode completar.

Recado aos meus censores

Hoje, acordei querendo gritar: Meu Deus, quanta infantilidade. Meu Deus, quanta maldade. Há uma turminha bem mediocrizinha que caminha nos corredores escuros do mundo eclesiástico. Esses homens são ferozes. Já senti a força de seu ódio, mesmo quando estão bem envernizados de um pieguismo doce. Outrora eu me ressentia com suas investidas dissimuladas. Temia seus processos inquisitórios e exílios programáticos. Contudo, cheguei a um tempo em que a idade (ou foram os desencantos?) me levou a dar de ombros para essas censuras que nascem da inveja.

Tudo começou com uma pequena brecha de minha teologia. Para alguns, que já mapearam Deus com a precisão de um relojoeiro, qualquer pergunta, afirmação ou especulação fora de suas formas é um escândalo. Coitado de mim que ousei caminhar na direção do impensável e indaguei: O que me ensinaram engloba toda verdade? Por isso, fui rotulado de herege, liberal, frio e, ultimamente, leitor de ateus e judeus – oopss!, calma, pode-se ter uma bandeira de Israel no púlpito, mas não é permitido ler um teólogo de lá?

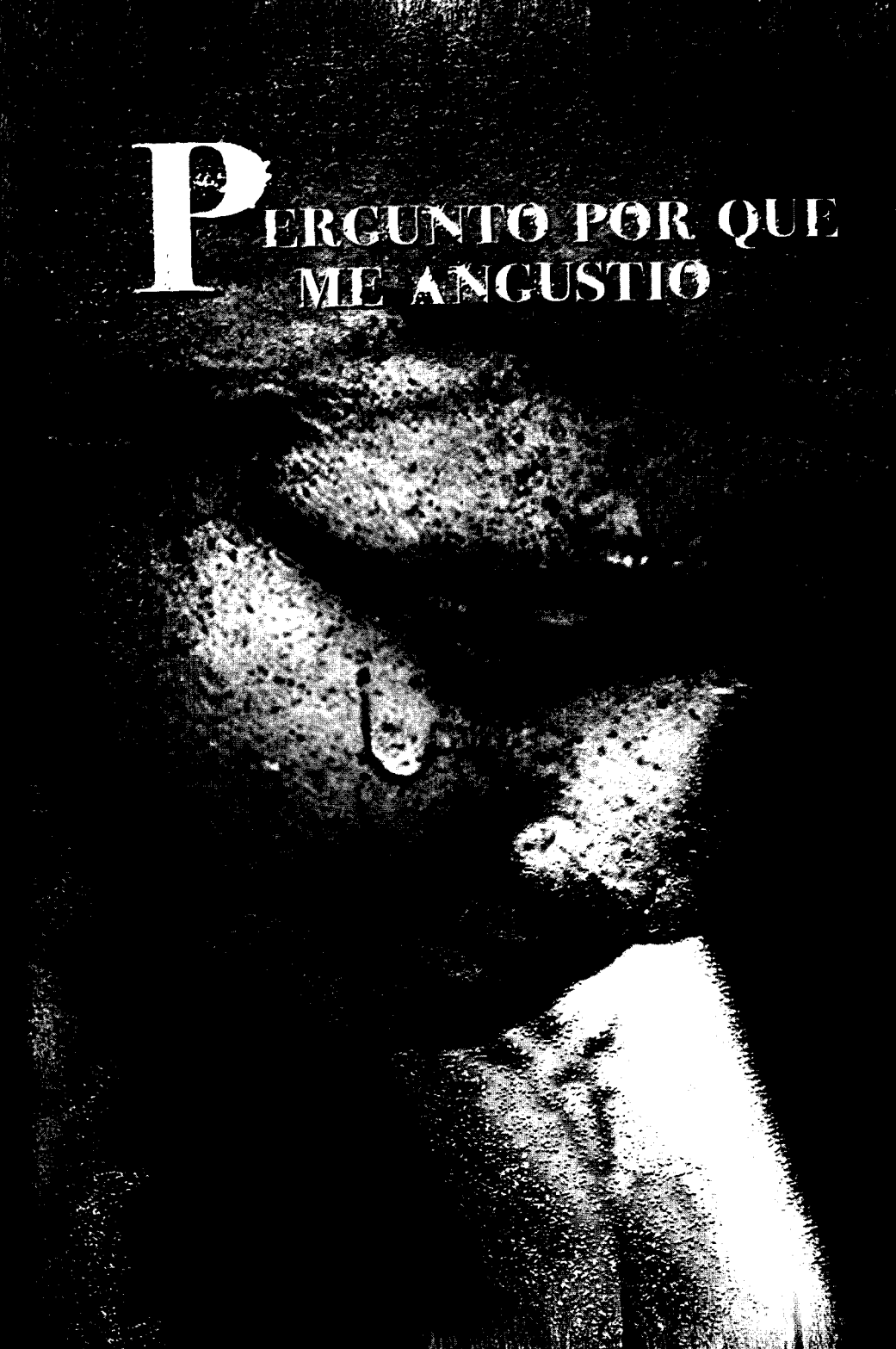
Professores de seminário advertiram seus alunos a me evitar, riscaram meu nome de eventos multidenominacionais e alguns tentaram me vetar nas poucas revistas em que escrevo. Quero facilitar a vida de meus censores: não caibo mais nas estreitas prateleiras em que vocês se acostumaram a catalogar as pessoas. Não sou calvinista, nem arminiano, nem evangélico, nem católico, nem pentecostal, nem liberal. Na verdade, na verdade, sou apenas um peregrino que

nada sabe, nada entende, nada quer, senão ficar mais parecido com Jesus de Nazaré, fazendo o bem e procurando caminhar humildemente com seu Deus. Não me importo com a categoria teológica, desejo apenas viver com o pouco do que entendo como meu dever humano. Se isso não bastar, paciência.

Ultimamente, procuram mostrar um legítimo cuidado com minha alma. Comenta-se pelos centros da fofoca gospel que estou deprimido, cansado e bem perto de desistir da minha vocação, e até da própria fé. Agradeço consternado as preocupações, mas dispenso todas, pois percebo nelas um veneno terrível. Querem invalidar meus contrapontos ao triunfalismo que permeia o discurso evangélico com a afirmação: "Coitado do Gondim, ele anda tão deprimido, e por isso, diz o que diz." Não aceito me infantilizarem quando faço uma literatura mais "cinzenta". Meus pessimismos literários procuram expressar a alma humana com suas dores, algo incomum no ufanismo religioso dos evangélicos. Além disso, não vou aliviar meus textos quando afirmo que ando exausto com o besteirol que assola meu tempo. Continuo cansado, mas minha fadiga não passa de um esforço para demonstrar que qualquer pessoa, com um mínimo de lucidez intelectual e com uma pitada ética, ficaria com náusea do que sou obrigado a contemplar nos bastidores do movimento evangélico.

Ao contrário do que pensam, estou alucinado de paixão pela vida. Ando com pessoas maravilhosas e minha comunidade de fé me renova semanalmente. Em meus verdes anos, nunca imaginei que um dia choraria com um poema do Vinicius, com uma escultura de Michelangelo e com a ternura da freira que cuida do orfanato perto de minha casa.

Por isso, e por tudo mais que só meus amigos mais íntimos sabem, posso gritar: Aleluia, este é o dia que o Senhor fez, vou regozijar-me nele.


PERGUNTO POR QUE
ME ANGUSTIO

Pergunto por que me angustio

A fé cristã não deveria promover simplicidade e desprezar qualquer pompa?

Os crentes não teriam obrigação de chorar a morte dos chacinados em becos desertos com as mesmas lágrimas que vertem quando morrem pessoas famosas?

Não precisaria haver uma comoção maior pelo assassinato de 100 mil iraquianos, meros efeitos colaterais de uma guerra mentirosa, do que preocupação pelos ricos que viram suas casas pegar fogo?

Secaram-se as lágrimas para os haitianos que vivem como ratos entre monturos?

Por que não se escutam lamentos pelo holocausto de milhões de meninas e meninos africanos que agonizam com Aids?

Não deveria haver um dia para protestar contra o abandono de brasileiros idosos que mendigam o pão diário antes de partir desta vida?

Por que as bandeiras dos paços públicos não ficam hasteadas a meio pau pelo homicídio negligente e silencioso nos corredores dos hospitais públicos?

Se as igrejas anunciam um Deus que odeia a balança enganosa, por que tratam alguns valendo mais do que outros?

Onde estão os líderes cristãos que desejam mais parecer executivos bem-sucedidos do que discípulos de Jesus de Nazaré?

Não seria obrigação da igreja fugir da ostentação; evitar o luxo das vestimentas clericais e a suntuosidade de suas catedrais?

O culto a Deus precisa virar espetáculo?

Os piedosos crentes que temem o avanço homossexual não deveriam também denunciar a complacência material ou o desprezo ambiental?

Vale a lógica de que os fins justificam os meios, quando esses fins forem divinos?

SEM PERDER A ALMA

Dando sentido
à luta,
coragem
e busca


A BUSCA

A busca

Tenho sede do eterno apesar da minha decepção com os gerenciadores da verdade; apesar do horror que sinto pelos mercadejadores da esperança – eles infantilizam as multidões; apesar da minha ojeriza por quem manipula o sagrado com cinismo.

Busco uma transcendência que enfrente a verdade de existir com tudo o que a vida traz de bom e de ruim. Que o desejo de viajar até Paranapiacaba não me seja uma fuga, apenas uma esperança. Quero uma espiritualidade que reviva a voz profética; que eu não me intimide de lutar contra todas as forças da antivida, do anticristo, do demônio. Quero virar alquimista que faz renascer o sonho da cidade celeste.

Busco uma transcendência que acenda a flama do Espírito, esgote a soberba onipotente e revista a todos de virtude. Desejo a mesma bruma que tanto entesa a caravela como sacode a bandeira no bravo combate. Preciso da coragem que acompanha o sopro primordial. Só com o sussurro silencioso do Supremo assumo a coragem de persistir.

Busco uma transcendência suave, delicada como o vôo das pombas, indefesa como o olhar do cordeiro, despretensiosa como o fluir do regato. Necessito esvaziar o desejo de reluzir e resgatar a riqueza da simplicidade. Ainda vou resistir ao anseio pelo poder e lembrar a mim mesmo que toda sanha é luciferiana.

Busco uma transcendência que não fuja do palco da vida. Abro mão do mágico para consagrar o cotidiano, para transubstanciar

as águas inodoras em vinhos apetitosos, para fazer do quarto de dormir uma cela de oração, para tratar os amigos como discípulos e mestres. Rasgo mapas geopolíticos, desfaço as lógicas colonialistas e chamo a todos de irmãs e irmãos. Exorcizo o medo para empenhar a minha sorte na defesa de mulheres e homens de boa vontade.

Busco uma transcendência que ame o belo e o disforme, o funcional e o deficiente; o lépido e o claudicante. Quero alimentar o ser com tudo o que for louvável e de boa fama. Ainda hei de me emprenhar de virtude.

Sem porto para atracar, faço da vida um sempre por navegar, pois viver não é preciso.

Experiência radical

Numa fábula árabe, as mariposas queriam entender sobre a luz. Elas desejavam saber o segredo de se sentirem tão fascinadas pela chama de uma vela. O que as deslumbrava? Seria a luz ou o calor? Pediram a ajuda da mariposa-rainha. Depois de meditar sobre o assunto, ela aconselhou que cada uma, individualmente, procurasse encontrar a resposta. Todas saíram procurando desvendar o segredo do fogo.

Passado algum tempo, uma mariposa voltou cega de um olho, afirmando que havia chegado perto demais e que a luminosidade da vela a tinha ofuscado, e que continuava sem entender os mistérios da luz. Outra voltou com uma asa queimada, reconhecendo que sua experiência não fora satisfatória. Por séculos, as mariposas não entenderam por que a luz as extasiava tanto. Até que um dia uma voou na direção de uma lamparina com tanta determinação que morreu queimada. Nesse dia, a mariposa-rainha falou: "Somente esta mariposa conheceu o mistério do fogo, mas nós nunca saberemos."

A experiência com Deus é muito semelhante a essa fábula. É um encontro com o transcendente que não pode ser contido na dimensão do saber empírico. Ninguém aprende sobre o eterno valendo-se das mesmas ferramentas experimentais de um cientista. Portanto, estão errados os ateus que buscam na exatidão matemática ou na pesquisa astronômica os meios de provar a existência de Deus. Estão também errados os teólogos que tentam responder às

acusações dos ateus com "argumentos ainda mais sólidos" sobre a realidade divina.

A experiência com Deus é espiritual, portanto, mulheres e homens naturais não conseguem alcançá-la ou discerni-la. O crente ouve uma voz inaudível, sente-se acompanhado por uma presença imperceptível e aprende verdades inapreensíveis. Infelizmente, o Ocidente iluminista, positivista acredita poder abraçar as verdades espirituais com as mesmas ferramentas que usa para estudar química e biologia. Quando Jesus afirmou que suas ovelhas ouvem a sua voz, ele não se referia à audição física, mas a uma intuição espiritual que precisa ser desenvolvida como uma sensibilidade imaterial.

A experiência com Deus é sempre inédita. E cada encontro com Deus será original, nunca previsível. As religiões, com seus ritos, procuram domesticar o sagrado, mas Deus não se permite engaiolar por qualquer liturgia. Não existe uma rede grande o suficiente que prenda o Todo-Poderoso, que é livre para agir como e quando quer. Em diversas ocasiões, Deus manifestou sua presença com um vazio imenso. Em outras, *"as abas de suas vestes enchiam o templo"*. Ele sempre frustrou magos e feiticeiros que prometiam controlar seus atos. Os verdadeiros profetas sabiam que Deus não se deixa manietar por qualquer amarra.

A experiência com Deus é sempre pessoal, intransferível. A maneira como cada um entende e percebe o Senhor é única. Por isso, ele é o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Ele é o Deus que se relaciona com cada pessoa com absoluto respeito à sua individualidade. O Senhor conhece as pessoas pelo nome e se manifesta com total respeito à história de cada uma.

Sendo assim, a experiência com Deus requer radicalidade. Para percebê-lo é preciso um vôo tão profundo e radical como o da mariposa que morreu. Conhecer a Deus é mergulhar no mistério, mesmo que isso exija a própria existência. Os que tangenciam a flama com curiosidade nunca aprenderão sobre o divino.

Na Índia, contam que um mestre meditava à beira do rio. Um discípulo aproximou-se pedindo ajuda, pois não conseguia ter um

encontro significativo com Deus em seus exercícios espirituais. O mestre tomou o jovem pela mão, levou-o até o rio e o forçou a ficar debaixo d'água, segurando-o pelo cabelo. Depois que deixou o rapaz quase três minutos sem fôlego, puxou-o de volta para que, desesperado, buscasse pelo ar. O mestre então lhe ensinou: "Se você buscar a Deus com a mesma intensidade como procurou o oxigênio que lhe dá vida, certamente, o achará." A Bíblia promete que acharemos o Senhor *"quando o buscarmos de todo o coração"*.

Assim, quando cada um procura conhecer a Deus e se entrega com radicalidade a essa busca, descobre a razão última da vida.

Não permita que seus dons e talentos ofusquem a principal preocupação de Deus com sua vida.



Carta a um jovem

Respondo à sua correspondência, meu prezado jovem – chamo-lhe de jovem porque constato pertencermos a gerações diferentes – com uma ponta de tristeza. Tristeza porque o percebi confuso, cheio de sentimentos prematuros para sua vocação pastoral. Em seus primeiros passos, você já se percebe numa luta inglória; sua angústia transborda rancores. Isso não é bom. Nessa época, sua vida deveria estar cheia de visões, sonhos e ideais utópicos.

Outros servos de Deus e profetas também se indignaram com o mundo que os rodeava. Precisamos apenas tomar cuidado para jamais projetar, mesmo inconscientemente, nossas próprias inadequações no mundo e nos outros. Não viva com azedumes, não viva a culpar o próximo. Considere a parábola da trave e do argueiro. Conheço vários pastores que camuflam seus defeitos procurando identificar aberrações alheias. Eles acreditam que assim se sentirão justificados e menos pecadores. Lembre-se: nossa humanidade não é composta só de luzes; todos temos sombras. Como é fácil atirar pedras. Não devemos ser exageradamente rigorosos com nós mesmos e nem inclementes com nossos semelhantes.

Por outro lado, fiquei feliz com sua correspondência; ela revela que você não se acomodou. Aliás, sinto-me lisonjeado e satisfeito em poder ajudá-lo com um pouco da minha experiência colhida em quase 30 anos como pastor.

Não permita que seus dons e talentos ofusquem a principal preocupação de Deus com sua vida. O que o Senhor tem para fazer

em você é, e deverá sempre ser, maior do que qualquer coisa que ele tenha para fazer por meio da sua vida. Nós somos o projeto dele. Deus não quer nos usar como abelhas de uma colméia; ele deseja nos moldar à imagem de seu Filho.

Preocupei-me com seu orgulho. Você descreveu seus últimos sucessos ministeriais e detectei um pouco de soberba. Cuidado! Não quero desanimá-lo de sempre querer se aperfeiçoar. Continue se esmerando para fazer o melhor, mas guarde minhas palavras: Deus não nos mede pelo que fazemos, e sim pelo que somos.

Fuja da tentação de almejar fama, prestígio ou riqueza. Eu poderia citar o nome de vários obreiros que naufragaram em seus ministérios porque buscaram as luzes da ribalta. Eu mesmo fui tentado nessa área. Porém, há mais de 30 anos, um rabino detectou minha sanha de querer aparecer e amorosamente me advertiu: "Meu filho, aprofunde sua caminhada com Deus e deixe que ele decida se vai exaltá-lo ou não." Hoje, retransmito-lhe o que ouvi com um acréscimo meu: "Se você buscar fama e prestígio, talvez um dia seja célebre, mas condenará seu ministério à superficialidade."

Aprenda a ser discreto. Você não foi chamado ao estrelato. Siga seu Mestre na senda do Calvário buscando servir, sempre disposto a dar sua vida pelos seus amigos, e sem jamais buscar outra recompensa senão a alegria de ser usado por seu Salvador.

Foi bom constatar sua coragem. Noto seu destemor com os desafios pastorais e proféticos. Jesus realmente enviou seus discípulos como ovelhas no meio de lobos. Todo pastor precisa encarar os incômodos de sua missão e saber que sofrerá oposição dos que desdenham a verdade. Quem deseja seguir os passos do Nazareno sofrerá investidas; apanhará com quem defende a justiça e viverá abraçado aos que choram. Nossos esforços pelo Reino virão regados de lágrimas.

Você citou alguns pastores como referências de seu ministério. Tome cuidado para não idealizá-los. Lembre-se de que há diferença entre o personagem, o mito e a pessoa real. Nem sempre os indivíduos dos ambientes públicos coincidem com os da vida privada. Recordo-

me de um amigo que se desviou com o escândalo de um "grande" líder porque não aceitava que ele fosse capaz de cometer aqueles deslizes. Mas ninguém é imune de cometer lapsos. Todos dependem das misericórdias de Deus e todos precisam da sua graça.

Nessa troca de experiências nasceu um grande carinho por sua vida. Seus dilemas me transportaram ao início de minha carreira. Finalmente, não esqueça nunca que não importa como começamos, mas como terminamos na vida. Ambicione concluir sua jornada repetindo as mesmas palavras de Paulo: *"Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé"* (2Tm 4.7).

Com medo de ser feliz

Eu não acredito que alguém possa achar a felicidade. Vou tentar explicar. Por muito tempo, embarquei na idéia de que a felicidade significava um estado de gozo, alegria ou, sei lá, que conduziria as pessoas a um nirvana terrestre.

Por volta dos 40 anos, imaginava a felicidade como um retorno. Feito um Marcel Proust, busquei recuperar o tempo de meus verdes anos; quis reviver aventuras inconseqüentes, idealismos quixotescos e fantasias onipotentes. Revirei gavetas em busca de antigas fotografias, voltei ao riacho no qual pesquei lambaris com papai. Nessa jornada, tornei-me um arqueólogo ensandecido, caçando tesouros. Porém, quanto mais procurei, mais descobri escombros. Minha cidade, amores, fantasias estavam cobertos de pó. Constatei que me tornava mais melancólico, e minha tristeza ficou proporcional à minha recusa de deixar o passado em sua sepultura.

Fui me tornando introspectivo, e a felicidade insistia em se distanciar de mim. Procurei, então, avivar a fé. Pensei: "Ninguém melhor do que Deus para fazer-me feliz." Reli os Salmos, mudei de autores, refiz meu momento devocional e focalizei espiritualidades diferentes. Inútil. Quanto mais me aproximei de Deus, mais me angustiei com os miseráveis, com a morte de adolescentes no tráfico e com o sofrimento das mães de excepcionais.

Mas, alucinado com a promessa de ser feliz, não poupei esforços. Tentei blindar o coração das dores alheias. Imaginei ser feliz repetindo a máxima sartriana: "O inferno são os outros." "O ego-

centrismo", pensei, "não é de todo ruim, pois preciso me precaver das mesquinharias e dos atropelamentos alheios". O pior aconteceu! Desconfiado e protegido por fossos, não encontrei amigos para repartir alegrias.

Fiz da felicidade uma obsessão, sem desistir, mesmo com a proximidade da velhice. Como aumentavam as chances de contrair doenças graves, tive pressa. Convivi com a morte de meus pais, despedi-me de amigos e encarei a minha decadência inevitável. Mas a felicidade insistia em se afastar. Com urgência, acabei ansioso, semelhante ao soldado que dispõe de duas horas para o descanso – percebe cada minuto e fica tão nervoso que não relaxa.

Tornei-me um goleiro que escolhe o canto errado na hora do pênalti. Tentei voltar ao lado a que me opus e, por mais que me contorcesse, não alcançava a felicidade. Nesse contrapé, confrontei o senso comum da felicidade.

Descobri que ela é passageira e, por isso, tão preciosa. Quem tentar segurá-la se frustrará. A felicidade se dá num momento impreciso; é tão frágil que se esgarça, tão volátil que evapora, tão efêmera que vira pó; só tem permanência na memória. Somos felizes à medida que guardamos o que um dia nos marcou. A felicidade não passa de cheiros que lembram pessoas e lugares inesquecíveis; é um *de já vu* que ressuscita eventos submersos; é conversa de amigos narrando casos.

Descobri que a felicidade é subproduto, nunca um fim; ela não pode ser meta existencial. Ela é desdobramento da virtude, borboleta que pousa suavemente nos ombros de quem ama a bondade, defende a justiça e cultiva a solidariedade; não se esconde no pé do arco-íris, não espera numa praia paradisíaca e não escolhe os bem-sucedidos.

Felizes os que se deitam exaustos depois de cumprir seus deveres; que emprestam o ombro aos aflitos, que padecem pela justiça e que se arriscam pela paz.

Iludi-me com uma felicidade que só aconteceria se me mantivesse ingênuo, se me condenasse à ignorância e anestesiasse a alma. A felicidade convive com a tensão. Por isso, é melhor a angústia à

alienação, a dúvida à certeza, a tensão ao descaso, a incoerência à intolerância.

Quero aprender a ser bondoso mesmo que isso custe muito: a minha felicidade. Jesus abriu mão de sua prerrogativa de ser feliz para perdoar os pecadores. Mesmo que os religiosos tenham-no assassinado, seu gesto salvou multidões. Caso acompanhe suas pegadas, vou sentir-me realizado e não importa se serei feliz.


COISAS ABOMINÁVEIS
E LOUVÁVEIS

Coisas abomináveis e louváveis

Na década de 60, Paulo Mendes Campos escreveu uma crônica "sobre coisas abomináveis" na vida moderna, que ele considerava "crimes contra a criatura humana". Revendo o ano que passou, eu também consigo me lembrar de uma porção de coisas abomináveis:

Televangelista prometendo bênção para quem mandar dinheiro para seu programa; culto que demora a acabar devido a 300 homenagens; testemunho de milagre mirabolante, que nem Deus acredita; profecia que promete casamento; megaevento internacional que promete abalar o mundo; e-mails com teorias conspiratórias sobre a nova lei que fecha igreja e prende pastores; promessa de que todas as carteiras do trabalho serão preenchidas; estudo bíblico provando que o vinho das bodas de Caná era suco de uva; seminário para pedir perdão pelos crimes da guerra do Paraguai; os crimes brasileiros contra o Paraguai; o silêncio dos evangélicos sobre a adolescente presa em cela masculina; as penitenciárias brasileiras; e-mail anônimo; cartão de visita de pastor com 38 títulos; guerra, sermão em que o texto serviu de pretexto; o brilho nos olhos dos pastores quando almoçam com políticos; piadas racistas; violência doméstica; saber que um presbítero citou o apóstolo Paulo para oprimir mulher e filhos; evangelista que previu o dia da volta de Cristo; "breakfast with the president" para abençoar as tropas que invadiram o Iraque; igreja que não respeita a lei do silêncio; usar o maquiavelismo de que os fins justificam os meios para encobrir

desmandos religiosos; desonestidades aceitas para que o evangelho seja anunciado; pastor que amaldiçoa os que saem de sua comunidade; música apaixonada que substituiu o namorado por Jesus; pastor com terno de grife prometendo que Deus enriquecerá o servente da construção; leilão de ofertas, tipo: "Deus me revelou que 10 vão contribuir com mil reais"; cantor que passa mais tempo pregando do que cantando; gracejos de pastor sem mensagem; grito de quem imagina mandar em Deus; paletó e gravata em Teresina; bateria fora do ritmo; "voçê" grafado assim, com cedilha; reunião secreta na padaria para dividir a igreja; desfalque na fundação social; notícia de mais um político evangélico envolvido com corrupção; alpinismo social gospel.

Mas nem tudo é abominável, existem coisas louváveis, plenas de alegria:

"A Volta do Filho Pródigo" do Henri Nouwen; a revista Enfoque sem nenhuma pedrada pelo que escrevi; acolher crianças especiais; a paz de uma criança dormindo; a ternura de mãos se encontrando; mutirão para construir asilo de velhos; amigo abraçando outro enquanto oram de joelhos; oferta para projetos missionários na África; terminar de ler "O Evangelho Maltrapilho"; o filme "A Vila"; hinos da Harpa ou do Cantor Cristão; crianças encenando o Presépio; sermão expositivo; "causos" do folclore evangélico; cultos rurais iluminados com lampião; congresso "Geração 90" da Mocidade Para Cristo; congressos da Vinde; topar com irmãos na fé em lugares imprevisíveis (e não se envergonhar); pizzaria lotada de jovens cristãos no domingo; batismo em lagoa; olhos marejados do noivo enquanto a noiva entra na igreja; o *Pai Nosso* de mãos dadas; novo-convertido; louvores no ritmo de samba; o dízimo de viúva; flanelógrafo; cantata de Páscoa, seminário sobre justiça social; coleta seletiva de lixo; igreja com reunião dos AAs; político assistindo culto até o fim; piano de cauda; esboço do sermão projetado em telão; Santa Ceia; culto na linguagem dos sinais para surdos; Bíblia em Braile; joelhos dobrados; mãos suadas antes da pregação; passeata contra a violência do Rio de Janeiro; sonhar voando; dormir cansado e não

sonhar nada; voltar para o Brasil; lembrar o primeiro hino que ouviu; missionários que trabalham com os índios; conferência missionária; amigo que presenteia CD; apagar notícias ruins da internet antes de abri-las; rir dos tropeções; ler a Bíblia para um querido doente; poder afirmar no velório: "Contudo, eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra"; parar com a lista das coisas louváveis sabendo que elas excedem as abomináveis.

Sabendo que o egoísmo nasce do diabo, rejeito seus ardis. Não sonegarei meus afetos, não vou ilhar-me, indiferente ao meu semelhante...

Meu inimigo sou eu

Vez por outra sou atacado por um inimigo atroz: eu mesmo. Delimito meu mundo, e meus únicos vizinhos tornam-se meus desejos; sem reconhecer a ferocidade dos meus egoísmos, contento-me com minha insignificância. Nessas alucinações entrópicas, descubro a gênese de meu egocentrismo. Ele acontece quando, depois de lutar por ideais, cobrar atitudes das pessoas e propor um mundo mais justo, sou acometido pelo desejo de mandar tudo para o espaço e cuidar só do estreito quintal de minha vida.

Há pouco tempo deu-me uma vontade louca de desistir de tudo e me mudar para bem longe. Meio desencantado com minha geração, tive um ímpeto de me aposentar precocemente; talvez comprar uma casinha no sertão, diminuir minhas demandas financeiras e passar o resto dos meus dias lendo, pescando e curtindo a companhia sempre prazerosa de minha mulher.

Quando já me preparava para viver como uma cigarra selvagem, sem muita preocupação senão com minha própria felicidade, por acaso, li um pequeno trecho do poeta mexicano Amado Nervo (1870-1919). Suas palavras ressoaram dentro de mim com tanta força, que adiei minha aposentadoria por tempo indeterminado:

> Todo homem que te procura vai pedir-te alguma coisa; o rico aborrecido, a amenidade da tua conversa; o pobre, o teu dinheiro; o triste, um consolo; o débil, um estímulo; o que luta, uma ajuda

> moral. Todo homem que te busca, certamente há de pedir-te alguma coisa. E ousas impacientar-te!
> Infeliz! A lei oculta, que reparte misteriosamente as excelências, dignou-se outorgar-te o privilégio dos privilégios, o bem dos bens, a prerrogativa das prerrogativas: dar. Tu podes dar!
> Deverias cair de joelhos e dizer: Graças, meu Deus, porque posso dar! Nunca mais passará por meu semblante uma sombra de impaciência.

Ao terminar a leitura, lembrei-me de que o conceito de liberdade cristã não contempla qualquer egocentrismo. Anjos egoístas se transformaram em demônios; homens, em pecadores; e o mundo, num inferno. Assim, decidi resistir a essa tentação de abandonar minha vocação. Resolvi que asfixiarei essas inclinações que desafiam a minha fé e exorcizarei a vontade de parar – ela arrastará meu coração para o conforto dos tímidos que não herdarão o reino de Deus.

André Comte-Sponville tratou da generosidade em seu *Pequeno Tratado das Grandes Virtudes* (Martins Fontes) e concluiu que

> a generosidade, como todas as virtudes, é plural, tanto em seu conteúdo como nos nomes que lhe prestamos ou que servem para designá-la. Somada à coragem, pode ser heroísmo. Somada à justiça, faz-se eqüidade. Somada à compaixão, torna-se benevolência. Somada à misericórdia, vira indulgência. Mas seu mais belo nome é seu segredo, que todos conhecem: somada à doçura, ela se chama bondade.

Devemos lembrar que a prioridade maior da fé não consiste em defender verdades, mas em aprender a amar. Jesus disse em João 13.35: *"Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros."* Há algum tempo venho propondo que o principal curso dos seminários deveria ser "Agapeologia", objetivando mostrar que ninguém pode se considerar um seguidor de

Cristo se não dividir seu lanche, como fez um menino no milagre da multiplicação, e se não lavar os pés dos desafetos, como fez Jesus na noite em que Judas o traiu.

Reconheço a dificuldade de abrir mão da minha reputação para não deixar que melindres tirem minha alegria de servir, insistirei em me dar incondicionalmente àqueles que nem valorizam meus gestos de bondade. Reconheço que a trilha mais confortável conduz ao isolamento e que, muitas vezes, sinto facilidade em responsabilizar o próximo pelos meus infernos. Mas esse impulso de buscar isolar-me não nasce do Deus Trino que desde sempre convive em perfeita harmonia. Um projeto de vida egocêntrico é luciferiano.

Sabendo que o egoísmo nasce do diabo, rejeito seus ardis. Não sonegarei meus afetos, não vou ilhar-me, indiferente ao meu semelhante; não tentarei fugir para os confins do universo; e nem farei da minha cama um abismo de lamúrias. Atenderei ao apelo de Paulo: *"E vós, irmãos, não vos canseis de fazer o bem (...) sabendo que o vosso trabalho não é vão no Senhor"* (2Ts 3.13; 1Co 15.58).

...como se faz uma catarse? ...Vá para um lugar bem longe, onde não tenha ninguém por perto e grite com todas as forças. Pode berrar como um selvagem...



Catarses

Existem chavões surrados – "a vida dá muitas voltas"; clichês medonhos – "a vingança é prato que se come frio"; desejos ferozes – "eu vou te esperar numa esquina chuvosa"; expectativas macabras – "quero estar perto quando caíres no abismo".

Mesmo tendo caído no lugar comum, essas frases comunicam aqueles momentos em que as fibras do coração se contraem de ódio, em que a enxurrada de adrenalina satura o corpo e o sangue tinge os olhos de carmesim. Aí, não servem as sábias considerações e os muitos conselhos para que não abriguemos tais sentimentos. Resta, então, optar entre fazer catarse ou endoidecer.

Catarse seria, portanto, um recurso para desentranhar o que não presta de dentro do peito. Mas como se faz uma catarse?

Sugestões. Vá para um lugar bem longe, onde não haja ninguém por perto e grite com todas as forças. Pode berrar como um selvagem, um religioso, um torcedor do Corinthians ou um grevista na porta da fábrica. Se vierem palavrões, não tenha receios de soltá-los a pleno pulmão; caso se lembre de expressões chulas de sua infância, não se envergonhe. Pode dizer: "seus filhos de umas fulustrecas", "arre pilula" e outras.

Esmurrar dizem também ser bom. Mas, entre matricular-se numa academia de boxe e socar o volante do carro, prefira o volante – ele nunca revida. Logo que o trânsito engarrafar, esmurre com força e repita: "Droga, droga, droga!" Para quem vive em casa com quintal, aconselho que plante uma bananeira e, vez por outra, dê

socos em seu caule, que é macio e não fere as mãos – depois, não esqueça de abraçá-la.

A Bíblia contém excelentes salmos que podem ser repetidos em momentos de extrema zanga; o 109, por exemplo:

Fiquem órfãos os seus filhos e a sua esposa, viúva. Vivam os seus filhos vagando como mendigos, e saiam rebuscando o pão longe de suas casas em ruínas. Que um credor se aposse de todos os seus bens, e estranhos saqueiem o fruto do seu trabalho. Que ninguém o trate com bondade nem tenha misericórdia dos seus filhos órfãos. Sejam exterminados os seus descendentes e desapareçam os seus nomes na geração seguinte. Que o Senhor se lembre da iniqüidade dos seus antepassados, e não se apague o pecado de sua mãe. Estejam os seus pecados sempre perante o Senhor, e na terra ninguém jamais se lembre da sua família... Ele gostava de amaldiçoar: venha sobre ele a maldição! Não tinha prazer em abençoar: afaste-se dele a bênção! Ele vestia a maldição como uma roupa: entre ela em seu corpo como água e em seus ossos como óleo... Assim retribua o Senhor aos meus acusadores, aos que me caluniam.

Sugiro, por último, o exemplo de Jesus. Seu procedimento e seus conselhos também podem ajudar quem quer livrar-se da ira. Uma de suas recomendações para não transbordar ódios é trancar-se num quarto e ficar algum tempo em profundo silêncio, procurando harmonizar-se com a bondade de Deus. De acordo com Jesus, o Pai que vê em segredo recompensará aqueles que se recolhem nessa solitude.

Existe ainda a possibilidade de caminhar um pouco mais do que se espera. Essa atitude deixa qualquer inimigo desarmado e constrangido pela gratuidade do amor. Quem generosamente se oferece para carregar o fardo de um canalha rompe com os ciclos da maldade e da infâmia.

Já testei algumas dessas alternativas e estou convencido de que seguir Jesus não só promove catarse como cura.

Viver não é para amadores

Todos vivem em constante tensão. A vida é complexa, muitas vezes, paradoxal e plena de riscos. A vida não é um passeio despretensioso. Cada pessoa é responsável e ao mesmo tempo vítima das circunstâncias. Cada estrada que se escolhe conduz a novas bifurcações e cada decisão gera desdobramentos mil. Os poetas, os místicos e os filósofos já perceberam que se precisa de siso e responsabilidade na imensa e difícil aventura de viver. Cada instante é inédito e exige o máximo cuidado.

Viver não é para amadores. Cada opção produz ondas iguais às da pedra jogada no meio de uma lagoa. As decisões, semelhantes a círculos concêntricos, espalham-se e as marolas se dissolvem nas margens do lago. Na vida, porém, as conseqüências dos atos se alastram para sempre. Cada pessoa deve lembrar-se de que não tem controle das conseqüências de suas escolhas, que repercutirão eternamente.

Viver não é para amadores. Os pais influenciam os filhos, os filhos formam famílias e tanto as bondades como as maldades se reproduzirão. Crianças sofrem seqüelas por terem crescido em famílias disfuncionais, muitas oprimidas por mães castradoras, que não conseguem criar os filhos. Se cada pai soubesse a importância da paternidade na formação emocional e nos valores éticos de seus filhos, menos pacientes procurariam as clínicas psiquiátricas e menos penitenciárias seriam construídas.

Viver não é para amadores. Sem saber organizar os desejos, a vida pode se perder com projetos irrelevantes; sem dar sentido ao

cotidiano, a vida patina no tédio. São necessários princípios, verdades e valores para direcionar a vida. As pressões do dia-a-dia destroem aqueles que não têm força para fazer as escolhas responsáveis.

Viver não é para amadores. Os indivíduos precisam uns dos outros, mas se arranham mutuamente. O próximo tanto pode ser fonte de alegria, como de frustrações. Quem tenta isolar-se para não passar por decepções, empobrece. Não é possível resguardar-se do amigo sem perder o viço. Só viverá bem quem não considerar o outro um inferno. O céu pertence aos que aprenderam a relevar as inadequações alheias. O longânimo tem chance de ser feliz.

Viver não é para amadores. A existência é imprevisível. Não há como se controlar a história ou situar os eventos futuros em qualquer lógica. Por mais que os religiosos prometam, os filósofos pretendam e os sociólogos estudem, a história não obedece aos trilhos do destino. De repente, sempre de repente, chega o improvável e nessa hora, precisa-se de coragem para não desistir. A viagem rumo ao futuro requer brios.

Viver não é para amadores. Equilibrar lazer e dever, ócio e trabalho não é fácil. Muito lazer produz tédio e muito dever, estresse. A preguiça acompanha o ócio e a fadiga o trabalho. O sábio avisou que há tempo para todas as coisas: "tempo para plantar e tempo para arrancar o que se plantou, tempo de cozer e tempo de rasgar, tempo de juntar e tempo de espalhar o que se juntou". Portanto, só vive quem sabe transitar entre os eventos tão contraditórios.

Viver não é para amadores. Depressão e riso, alegria e tristeza formam a história de cada um. Quem foge da tristeza acaba neurótico e vive em negação, sempre à procura de um mundo de ilusões. Quem não sabe rir termina inclemente em busca de gente para povoar o seu purgatório.

Viver não é para amadores. O sofrimento do mundo é grande demais para ser evitado. Contudo, é preciso ter alegria para celebrar aniversários, casamentos e formaturas. Os que se blindam contra a dor universal podem se tornar cínicos; por outro lado, os que se martirizam arriscam-se a ser inconseqüentes.

Viver não é para amadores. O tempo passa velozmente, carregando tudo e todos. A humanidade se angustia com areia da ampulheta e com o pêndulo do relógio que não cessam de avisar que os dias do calendário são escassos. Alguns não percebem que jogam a vida fora com melindres bobos e com vaidades e megalomanias onipotentes. Eternizar cada instante constitui o segredo da felicidade.

Viver, definitivamente, não é para amadores, portanto, "se algum de vocês tem falta de sabedoria, peça-a a Deus que a todos dá livremente, de boa vontade; e lhe será concedida." Que ninguém se atreva a querer levar a vida só.

A bem-aventurança que ainda não alcancei

Meu pai faleceu no dia 6 de dezembro de 2005. Em sua morte, lembrei-me de que ele não tergiversou no golpe militar de 1964. Preso, sofreu tortura na cadeia e, mesmo depois de julgado e inocentado, foi expulso das Forças Armadas. Implacavelmente patrulhado pelo regime, meu pai foi um exemplo de firmeza. Em seu funeral, agradeci a Deus o seu maior legado em minha vida: dignidade.

Percebo que não alcancei algumas virtudes; não me encaixo na bem-aventurança de Mateus 5.10: "Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, pois deles é o reino dos céus."

Não posso me incluir nessa promessa porque nunca fiz vigília solitária nas calçadas dos hospitais públicos que desprezam o direito do pobre, nunca marchei pelos idosos ou me arrisquei por crianças abandonadas; não me amarrei a uma árvore para não permitir que ela fosse cortada pela gula da especulação imobiliária; não fiz greve de fome por nenhuma causa...

Não posso reivindicar ser incluído neste versículo do Sermão da Montanha se, para mim, o tráfico internacional de prostitutas não passa de apenas uma notícia bizarra. Ainda não articulei nenhuma passeata contra o avanço da pedofilia. Como posso me considerar bem-aventurado se analiso o Movimento dos Sem-Terra com lentes ideológicas, e não percebo naqueles marchantes maltrapilhos seres humanos carentes de dignidade?

Depois que enterrei meu pai, meditei na minha vocação e agora atino sobre os porquês de nunca terem me algemado ou perseguido. Fui institucionalizado. O sistema me engoliu. Por toda minha vida, aceitei passivamente que as bandeiras ideológicas fossem arriadas pelo poder do capital. Ingenuamente não escutei quando um pastor chinês me advertiu, há mais de 20 anos, de que nenhuma ideologia, partido político ou sistema religioso consegue resistir ao poder do capital. Assim, de braços cruzados, deixei minha geração capitular diante do consumismo materialista. De uma arquibancada, assisti a muitas igrejas se transformarem em balcões de serviços religiosos e muitos pastores virarem mercadejadores da Palavra.

Jesus prometeu recompensa aos perseguidos por causa da justiça. Mas não posso esperar tal galardão. Minha vocação profética foi simbólica, com pouca densidade. Sempre achei mais fácil criticar do que me envolver. Esqueço que o movimento desencadeado por Rosa Parks contra as leis racistas do sul dos Estados Unidos só progrediu porque Martin Luther King marchou pelas ruas do Alabama. O *apartheid* da África do Sul só foi desmantelado porque o bispo anglicano Desmond Tutu transformou seus sermões em ação política e o metodista Nelson Mandela passou 30 anos na cadeia.

Confesso. Ainda não me vejo digno da felicidade de receber o mesmo galardão dos profetas. Enquanto eles defenderam os órfãos e as viúvas, eu me contentei em pregar uma mensagem desencarnada. Por anos, falei do céu para fugir das injustiças que me rodeavam; prometi salvação como forma de mitigar o sofrimento dos pobres. Não atinei para a advertência de Tiago (1.27): *"A religião que Deus, nosso Pai, aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades e não se deixar corromper pelo mundo."*

Frei Betto também foi preso na ditadura. Na clausura, ele notou que seus algozes procuravam humilhá-lo. Usavam artifícios legais para mudar sua condição de preso político para um criminoso. Assim, ele fez uma greve de fome como forma de resistência. Depois de vários dias sem alimentação, debilitado e perigosamente

próximo da morte, seus familiares tentaram dissuadi-lo: "Betto, pare! Nossa maior dádiva é a vida", aconselharam. "Não a jogue fora por um detalhe jurídico", insistiram. Resoluto, ele respondeu: "Não. A maior dádiva que recebi de Deus não foi a vida, e sim minha dignidade."

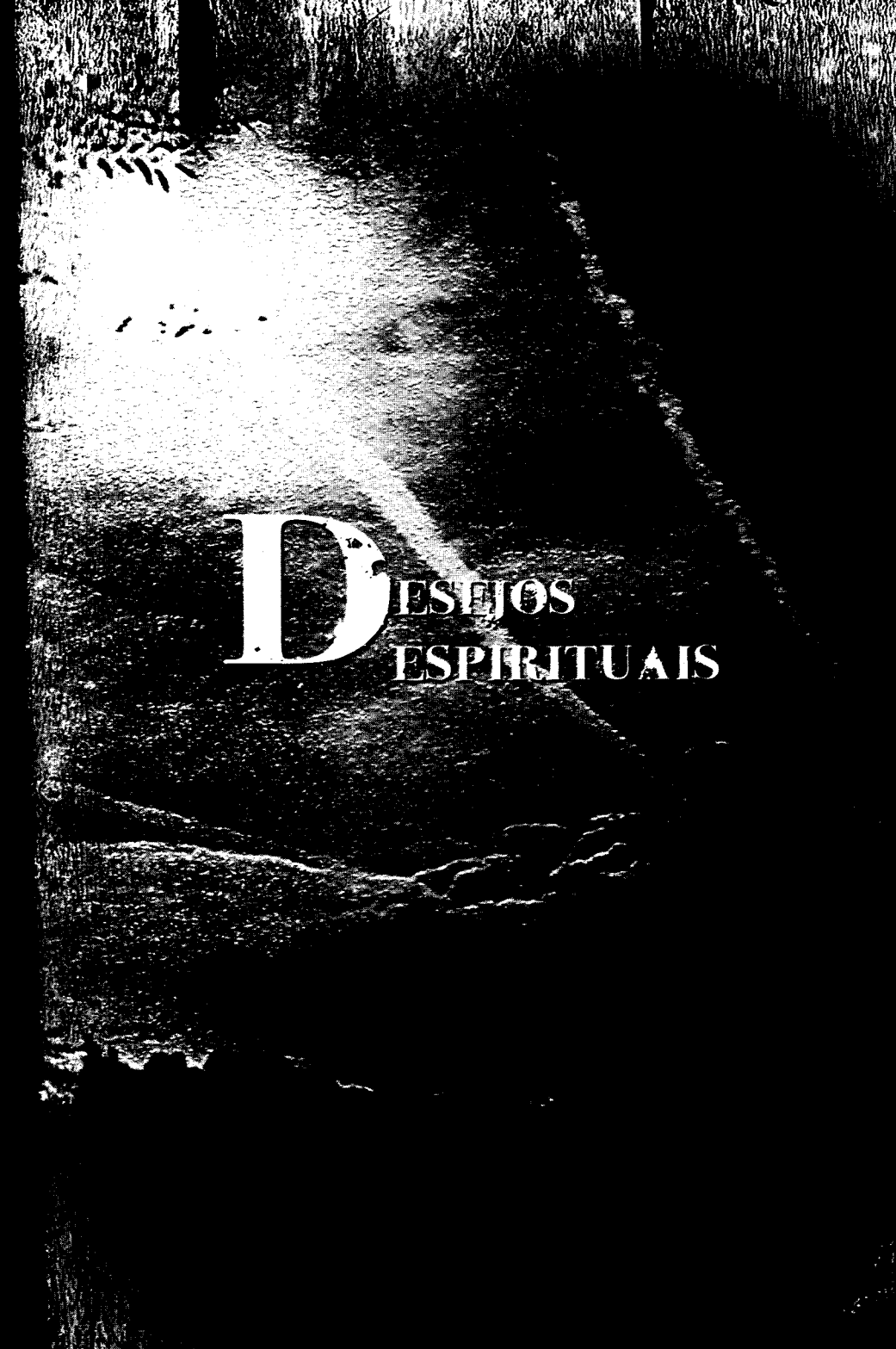
Sei que preciso aprender muito antes de fazer minha última travessia; espero ser incluído na bem-aventurança dos justos, repetindo o que disse Paulo (At 20.24): *"Não me importo, nem considero minha vida de valor algum para mim mesmo, se tão-somente puder terminar a corrida e completar o ministério que o Senhor Jesus me confiou."*

SEM PERDER A ALMA



Promovendo luz,
amizade
e esperança

Quem ama não cobra explicações,
nunca esconde segundas intenções
e jamais tolera astúcias.


DESEJOS
ESPIRITUAIS

Desejos espirituais

Mesmo com o estresse do dia-a-dia, mesmo precisando lidar com as paixões carnais, mesmo reconhecendo que existem tentações diabólicas, todos devem nutrir desejos espirituais. Uma verdadeira espiritualidade começa com uma inquietação com os valores efêmeros da vida e uma enorme sede pelos valores eternos. O transcendente brota na alma do verdadeiro cristão e ele passa a olhar para o céu.

Todos devem ansiar por amor. Os pensamentos precisam nascer no ninho dos afetos, e as conversas, dispensar o relógio; atender ao telefone sem reclamar; acolher os que choram sem querer explicar o motivo do sofrimento. Quem ama não cobra explicações, nunca esconde segundas intenções e jamais tolera astúcias. Quem ama arregaça as mangas, enche bacias d'água e não se importa de ajoelhar-se.

Todos devem ansiar por alegria. E fazer festa como o canário no nascer do sol; bailar como a palmeira na praia; cantar como o gaúcho na roda do chimarrão; soltar-se como o crente pentecostal. Como é bom antecipar um riso farto e tranqüilo, livre de culpas. Só quem sabe exorcizar a sua própria casmurrice consegue trocar um espírito trombudo por folguedo nos pés.

Todos devem ansiar por paz. Só os que aprenderam a lidar com seus conflitos relacionais, a perdoar, a calçar os chinelos alheios e esperar a hora certa de ter "aquela conversa franca" são serenos. Ninguém deve imaginar-se sem tensões, desavenças ou incompre-

ensões; a desordem faz parte da vida e só há harmonia completa na morte. Mas existe, sim, uma paz que nasce quando se resolvem as discordâncias com maturidade.

Todos devem ansiar por paciência. Por isso, ser menos nervoso com os simples, indisposto com os frágeis, irritadiço com os lentos. A falta de paciência brota dos narcisismos doentios, das falsas onipotências. Não se pode acreditar nas propagandas institucionais nem se embriagar com a exuberância de suas próprias palavras. Como ninguém é um eleito especial, todos devem esperar pelos que se atrasam e não se aborrecer quando tiverem de repetir o que acabaram de explicar.

Todos devem ansiar por amabilidade. Por isso, devem ser menos empreendedores e mais sensíveis, menos paladinos e mais solícitos. Um herói sem alma é um tirano. O demônio é um valente que perdeu o coração. Só os amáveis se parecem com Deus. Portanto, cada um deve permitir que sua vida se torne como o cristal que fragmenta a luz. E que a refração de sua amabilidade se espalhe como cordialidade, benevolência, compreensão, camaradagem.

Todos devem ansiar por bondade. Por isso, devem aprender a ser generosos. Avareza não consta no dicionário divino. Os bondosos não têm receio de falar como o pai na parábola do filho pródigo: *"Meu filho, tudo o que tenho é teu."* A bondade se antecipa às carências e se dispõe a abençoar, como mãos de Deus.

Todos devem ansiar por fidelidade. Quando o leal está por perto, os amigos descansam. A lealdade, ao contrário da traição, é celebrada por militares, sacerdotes e poetas. Deus só pede de seus filhos uma virtude: a perseverança. Todos os fiéis ganharão a vida mesmo que nunca alcancem qualquer sucesso, vão à falência ou decepcionem. O fiel persiste até o fim da estrada; se terminar a jornada destruído, mesmo assim será louvado.

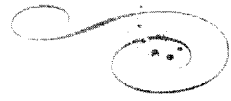
Todos devem ansiar por mansidão para poder viver sem cobrar seus direitos de Deus e do mundo. Só os mansos são livres para se solidarizar com o sofrimento dos pobres e dos frágeis. Eles não suspiram por mais bênçãos porque aprenderam a ser felizes com a sua

realidade. Contentamento é uma virtude que pousa, unicamente, no coração dos mansos. Na mistura do desapego com a mansidão, há serenidade; apenas os despreocupados herdarão a terra.

Todos devem ansiar por domínio próprio para saber lidar com seus apetites, paixões e desejos. Porque a temperança não se deixa vencer pelos instintos, os devassos não triunfam. Somente aqueles que restringem seus desejos não viram gananciosos. Quem não se enfeitiça com suas paixões é mais forte que um guerreiro.

Espero que você tenha observado que acabei de listar cada fruto do Espírito, conforme Paulo descreveu em sua carta aos Gálatas (5.22), com o intento de suscitar desejos espirituais. Se os crentes desejarem um novo Pentecostes, serão batizados no amor de Deus e mais parecidos com Jesus de Nazaré.

Confissões de um peregrino



Quando eu era menino, mamãe me aconselhava a tomar cuidado com os meus amigos. Depois, quando cresci mais, meu pai repetiu para mim o surrado provérbio: *"Dize-me com quem andas e te direi quem és."* Não consigo avaliar se consegui obedecer-lhes, mas, por outros motivos, venho trocando de amigos.

Cheguei à meia-idade bem decepcionado com a palavra "amizade". Como reluto para não me tornar cético, busco andar ao lado de verdadeiros amigos, porém, isso não é fácil.

Por causa da internet, consegui encontrar um companheiro bem antigo, que imaginei ser um bom amigo. Eu havia perdido o contato com ele há alguns anos. Redigi uma mensagem cheia de afetos e saudade e supliquei-lhe que retomássemos nossos vínculos. Acrescentei que anelava por companhia. Ele agradeceu a minha "carta eletrônica" e propôs que, daquele dia em diante, compartilhássemos nossos esboços de sermões. Quase chorei. A última coisa que eu queria dele era o "esqueleto" de suas pregações. Mesmo com tantas decepções, insisto em garimpar bons amigos.

Quero ser amigo de quem valorize a lealdade. Depois que a ditadura militar soltou meu pai, ele continuou estigmatizado como um "subversivo". Um dia papai me contou, com lágrimas nos olhos, que seus antigos colegas da Aeronáutica desciam a calçada para não se verem obrigados a cumprimentá-lo publicamente. Ainda guardo esse trauma e, sinceramente, não consigo lidar com amizades que

só se mantêm por causa de conveniências, qualquer uma. Quero acreditar em amizades que não se intimidam com censuras, que não retrocedem diante do perigo e que não abandonam na hora do apedrejamento. Amigos não desertam.

Quero ser amigo de quem eu não precise me proteger e que não tenha medo de mim. Não creio em companheirismos repletos de suspeitas. Os grandes amigos são vulneráveis. Conversam sem se policiar, rasgam a alma e sabem que seus segredos jamais serão lançados em rosto ou expostos publicamente.

Quero ser amigo de quem não se melindra facilmente. Por mais que tente, continuo tosco; magôo meus amigos com meus silêncios, com minha introspecção e, muitas vezes, com meus comentários ácidos e impensados. Portanto, preciso de amigos que tolerem minhas heresias, minhas hesitações e meus pecados. Busco amizades que agüentem o baque das minhas inadequações. Preciso de amigos teimosos.

Quero ser amigo e não um mero cúmplice de vocação. Já preguei em algumas igrejas de que – após o pastor ter me deixado na calçada do aeroporto – nunca mais tive notícias. Não quero colocar meu nome em conferências e congressos que me dêem prestígio ou que eu sirva só para reforçar a programação. Não tolero manifestações artificiais de coleguismo restritas a cultos festivos. Para mim, nada é mais ridículo do que ficar proclamando que somos uma "só família" em Cristo para depois sair criticando uns aos outros com farpas venenosas.

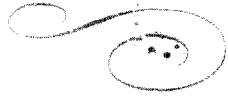
Quero ser amigo de quem não se contenta em reencaminhar mensagens reencaminhadas de *PowerPoint* da internet. Não gosto de cartões de aniversário com frases prontas e com obviedades. Acredito que os verdadeiros amigos têm o que repartir e que sentem necessidade de expressar seus sentimentos, suas dúvidas e principalmente seus medos e desesperos. Amizades superficiais são mais danosas para o espírito do que inimizades explícitas.

Quero ser amigo de quem não é muito certinho. Não tolero conviver com gente que nunca tropeça nos próprios cadarços, que

nunca teve sonho erótico e que mantém a língua sob controle absoluto. Vez por outra, gosto de relaxar, rir do passado, sonhar coisas malucas para o futuro e conversar trivialidades. Quero amigos que se deliciem em ouvir uma mesma música duas vezes para perceber a riqueza da letra; que comentem o filme que acabaram de assistir, o último livro que leram e que, numa mesma conversa, elogiem e espinafrem políticos, pastores, atores, árbitros de futebol e sejam capazes de chorar com poesia.

Quero terminar meus dias e poder dizer que, mesmo descrendo das ideologias, dos sistemas econômicos e das instituições religiosas, acredito em verdadeiras amizades porque tive bons amigos. Até porque Deus não só nos ama, como também nos chama de amigos.

Benditos supérfluos



Tempo não é dinheiro. A vida não pode consistir apenas em coisas essenciais. Para existirmos, é preciso também aprender a valorizar algumas extravagâncias, geralmente consideradas desnecessárias. A cultura ocidental está se tornando mais triste e mais maluca porque vive debaixo do imperativo da eficiência. Hoje, qualquer atividade não produtiva é logo descartada em nome da excelência máxima. Ninguém quer perder tempo. Porém, mesmo quando os avanços tecnológicos prometem uma vida mais fácil, com o passar do tempo, todo mundo parece com a cara mais cansada; padecendo de estresse.

Essa exaustão latente adoece. As pessoas se deprimem e, ansiosas, correm, correm, sem saber ao certo aonde querem chegar; ávidos por não "perder tempo", mulheres e homens vivem preocupados em listar suas prioridades para alcançar um suposto grau de eficácia. Assim, poetas, músicos, pintores, pensadores e místicos ficam relegados às margens da sociedade, como vagabundos improdutivos.

Pior entre os evangélicos. Já me deparei com vários líderes que fizeram muito mal a suas famílias. Homens e mulheres que, no afã de ganhar o mundo, perderam suas almas. Tornaram-se burocratas da fé, empresários eclesiásticos e profissionais da religião. Eficientíssimos em suas funções, mas empobrecidos em sua humanidade. Esses, infelizmente, capitularam as exigências do mundo da produtividade. Não foram capazes de discernir as forças do mal que os assediavam. Alguns chegaram a construir megadenomina-

ções, mas perderam a simplicidade do primeiro amor; tornaram-se bem-sucedidos, contudo, provavelmente terminarão seus dias sem amigos verdadeiros.

A vida não deve concentrar-se em operosidade; não se podem comparar os seres humanos a abelhas. O ócio, o lazer, a descontração fazem parte igualmente do viver e não são meros intervalos de descanso que só preparam a próxima tarefa.

Os supérfluos, maravilhosos, devem ser apreciados como um fim em si mesmo; e são muitos:

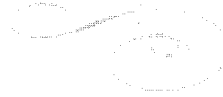
Escutar o canto da cigarra no verão; dar de presente um perfume caríssimo a quem a gente ama; preparar uma linda festa no casamento; dormir à tarde no feriado; ler histórias de fadas para o filho na hora de dormir; ir a pé comprar pão na padaria; pescar numa beira de rio; sentar à tardinha para ver o pôr-do-sol; ouvir música instrumental sem letra para deixar a imaginação voar; dormir cedo; estudar ornitologia; ler biografias; aprender outro idioma; matricular-se num curso que ensina a escrever poemas; soltar pipa; ler um capítulo do livro de Provérbios por dia, sincronizando com o calendário; deixar tudo o que tem para ser feito, navegar até o outro lado do lago e descansar; transformar seis grandes potes d'água em vinho; visitar um asilo de idosos só para conversar com eles; ler romances; praticar algum esporte; gastar várias horas tagarelando numa refeição; montar quebra-cabeça com os netos; aprender a jogar xadrez; contar anedotas aos amigos; assistir a uma cantata infantil; ouvir as histórias de um pastor velhinho; caminhar no parque; lembrar de músicas antiqüíssimas ao lado de amigos numa noite enluarada; visitar museus; escalar alguma montanha só para ver a paisagem; pedalar bicicleta com os netos; ensinar uma criança a assobiar; fazer cafuné; meditar; comprar terno novo para uma data especial; presentear flores; escrever um cartão para um amigo num dia sem importância; tomar café; comprar um *songbook* do Chico Buarque; assistir a filmes de amor; estudar música clássica para aprender a gostar de Bach; ajudar a avó a cuidar do jardim.

Graças a Deus por Davi, Picasso, Rembrandt, Machado de Assis, Clarice Lispector, Tom Jobim e tantos outros que "perderam tempo" com supérfluos; por isso nossa vida não se tornou tão árida. Temo que a fé cristã deixe de ser um centro de vida abundante. O Cristianismo brasileiro precisa pedir que Deus levante urgentemente mais poetas, mais artistas, mais sonhadores, gente que o mundo poderia até considerar desocupada, mas capaz de nos inspirar a sonhar com um mundo mais bonito, mais pleno de ideais e mais próximo do reino de Deus, que não se resume a comida e bebida, mas, é, entre outras coisas, alegria.

Caminhar livre é caminhar responsável;
rechaçar a condição de subserviente;
e não se deixar conduzir com coleiras.



Para uma espiritualidade libertadora



Deus nos concedeu vida e com ela uma dádiva extraordinária: liberdade. Os filhos de Deus foram chamados para cumprir o propósito último da criação alcançando uma independência semelhante à de Jesus Cristo. Ele usou sua liberdade para fazer o bem, submetendo-se voluntariamente a Deus. Caminhar livre é caminhar responsável; rechaçar a condição de subserviente; e não se deixar conduzir com coleiras. Somente os livres reconhecem sua dignidade humana, criada à imagem de Deus, e, sem servilismo, não baixam a cabeça para os opressores.

Religiosos também tentaram fazer seus seguidores rastejar. Ao longo da história, o clero já montou estruturas com o intuito de escravizar pela intimidação, pavor e morte. Aterrorizavam porque ameaçavam com maldições divinas. Entretanto, é possível se precaver contra aqueles que ousam manipular e oprimir em nome de Deus.

1. Cuidado com instituições que prometem desgraça para os que se desligam delas. Uma organização que precisa resguardar a lealdade de seus membros com intimidação se inspira no diabo. Deus não propõe que seus relacionamentos se alicercem em suborno ou coerção.
2. Cuidado com líderes que tentam defender suas posições, proclamando ter recebido uma unção especial do céu. Eles se acham inquestionáveis. Porém, entre os humanos,

ninguém fala "ex-cátedra" porque nenhuma profecia é de particular interpretação.

3. Cuidado com qualquer revelação misteriosa, que não pode ser contestada. Não aceite o estigma de rebelde só porque buscou compreender uma determinada doutrina. Uma pessoa não pode ser considerada insubmissa quando pergunta com motivações genuínas. Um culto legítimo precisa de racionalidade.
4. Cuidado com novas verdades que, de tão inéditas, sequer os apóstolos perceberam. Todo conceito novo deve produzir uma sensação de já ser conhecido, mas que pode precisar de maior elucidação ou sistematização. Toda grande heresia nasceu de pessoas que se acreditaram profetas de oráculos inéditos.
5. Cuidado com práticas que só acontecem em lugares de portas fechadas. Experiências religiosas em ambientes secretos tendem à promiscuidade ou ao autoritarismo. Não merece crédito quem precisa esconder o que pratica por medo de exposição. Deus é luz e deseja que se anunciem suas verdades de cima dos telhados.
6. Cuidado com líderes que se envaidecem com seus títulos e gostam de tratamentos formais. Jesus rejeitou a adulação piegas das pessoas e ensinou que seus seguidores não poderiam chamar ninguém de mestre, pois somente Deus merece honrarias como essa.
7. Cuidado com organizações que se estruturam com hierarquias de poder. O reino de Deus não funciona como os governos deste mundo, onde os fortes comandam. Igrejas que valorizam degraus e incentivam o embate político formam lideranças domesticadas, que sempre concordam com os influentes do andar de cima. Os que desejam "chegar ao topo" correm o risco de vender a própria alma.
8. Cuidado com líderes que amam o dinheiro, principalmente os que enriqueceram. Eles se enxergam merecedores do

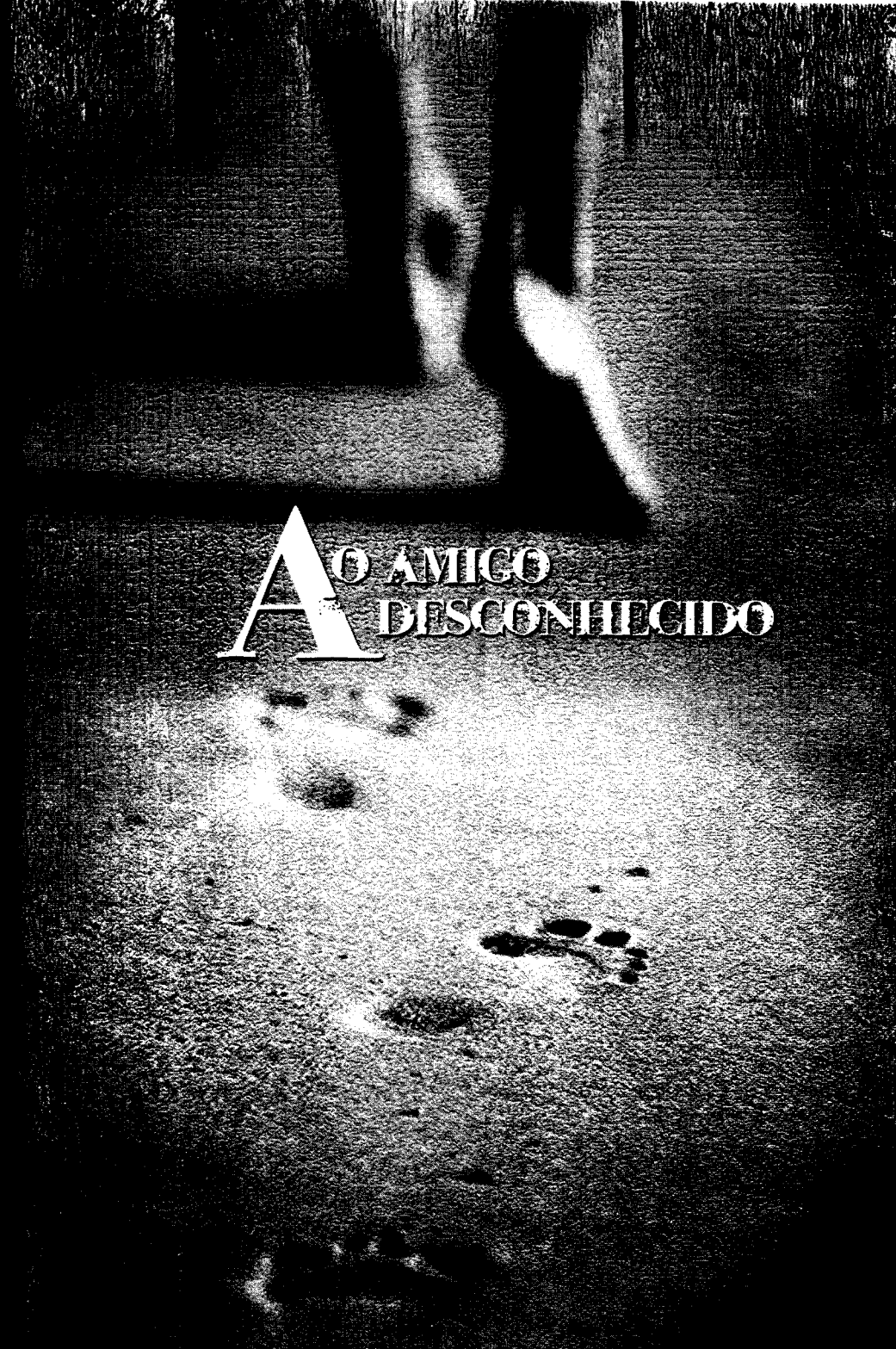
melhor, sonham com projetos faraônicos e usam a lógica maquiavélica de que os fins justificam os meios; criam estruturas dispendiosas, carentes de um volume absurdo de recursos e, logo, não sabem se adoram para arrecadar ou se arrecadam para continuar adorando. Jesus já virou mesas de instituições assim.

9. Cuidado com igrejas que possuem um grupo de privilegiados no alto de sua estrutura. Essa elite blinda o líder de conviver com o povo e ele acaba desumanizado, pois perde contato com a realidade da vida e não ouve críticas; mal nota que seus bajuladores só querem preservar privilégios.
10. Cuidado com mensagens que enfatizam exageradamente a culpa. Um legalista precisa de pessoas que nunca se percebem livres. Ele não acredita em maturidade cristã, capitaliza com as inadequações humanas e tiraniza seus auditórios. Evangelho significa boa notícia e deve gerar ambientes felizes, nunca paranóicos.

Há mais de dois mil anos João admoestou seus leitores a provar os espíritos (1Jo 4.1). Nunca precisamos seguir seu conselho tanto como agora.

Reverencio os parceiros de caminhada
que embarcaram em meus sonhos
mais delirantes.




AO AMIGO DESCONHECIDO

Ao amigo desconhecido



Hoje despertei tomado do maior carinho por meus amigos anônimos. Estranho, mas explico. Ao longo de vários anos, não me encontrei com um grande número de pessoas, que não sei o nome e mal conseguiria reconhecer numa multidão. Amigos leais, que me acompanham, sofrem com minhas dores e celebram os meus escassos triunfos.

Reverencio as senhoras idosas, verdadeiras mães adotivas, que ralaram os joelhos em oração, intercedendo ao Todo-Poderoso para que eu não me perca em minhas loucuras. Devo a estas santas mulheres o meu coração continuar imantado ao divino. Elas serviram de escudo contra possíveis setas inflamadas disparadas para me ferir. Como não reverenciar a amizade de quem jamais procurou se impor? Discretíssimas, reconheço que elas nunca recorreram à pieguice para se mostrarem necessárias. Canto à liberalidade com que me amaram e pacientemente me aturaram.

Reverencio os parceiros de caminhada que embarcaram em meus sonhos mais delirantes. Retrocedo aos tempos de minha juventude e vejo como fui precipitado. Graças a pessoas prestativas e generosas que tiraram do pouco que tinham não me tornei um retumbante fracasso. Fico comovido só de imaginar o quanto foi necessário de empenho, entusiasmo e energia humana para permanecer solidário aos projetos que já criei.

Reverencio os mestres, conselheiros e mentores que me inspiraram em circunstâncias que não me lembro direito. Tive professores

no ensino médio que me deram valores éticos. Sentei-me aos pés de homens e mulheres na escola dominical de minha primeira igreja que formaram os alicerces de minha fé. Conversei com alguns comunistas amigos de meu pai que eram radicalmente comprometidos com seus ideais; eles ainda me ajudam a não tergiversar em minhas convicções. Muitos desses desapareceram pelas estradas da vida; eu jamais conseguiria descrever seus rostos, mas a minha vida tem um pedaço de cada um.

Reverencio os que se sentaram nos auditórios em que falei, ensinei, preguei. Eu via platéias, multidões algumas vezes. Mas jamais esqueci que ali estavam pessoas, mulheres e homens vivendo circunstâncias concretas. Tive consciência em diversas ocasiões da minha inadequação em dar-lhes conteúdos com força de lhes ajudar a navegar os perigosos oceanos da vida. Hoje sou grato aos que me escutaram e conseguiram garimpar no cascalho de minhas muitas palavras alguma pepita de sabedoria.

Reverencio os que ouviram notícias sobre mim pela boca de terceiros e não se apressaram em me apedrejar. Tornei-me um homem público. Minha história passou a ser discutida em mesas de pizzaria. O conteúdo do que escrevi virou debate em rodas de estudantes e alguns detalhes de minha privacidade, especulação de fofoqueiros. Versões horrorosas, muitas vezes sórdidas, de minha vida passaram de boca em boca até que fui julgado herege, apóstata, demoníaco. Contudo, algumas pessoas me escreveram para dizer, simplesmente, que não importava o que espalhavam, elas confiavam que eu não era nada do que se dizia. Esse tipo de lealdade, que continua acreditando, sem que haja qualquer evidência, foi minha salvação. Em momentos tenebrosos fui surpreendido, muitas vezes, por desconhecidos dispostos a colocar o pescoço a prêmio.

Reverencio os que continuam lendo meus textos. Quando me sento para escrever não consigo imaginar quem serão os meus leitores. Os que nada sabem sobre os traumas de minha infância e adolescência talvez pensem que sou exageradamente dramático. Os que desconhecem minhas idas e vindas espirituais, certamente me

terão por hesitante. Os que não testemunharam minhas profundas decepções adultas vão me considerar ressentido, azedo. A noção que minhas palavras alimentarão suas vidas com dignidade, auto-estima, esperança, perdão e vida, me constrange.

Não saberia retribuir concretamente o carinho que recebi de meus amigos anônimos. Resta-me reafirmar o meu compromisso de continuar. Repito o que Fernando Pessoa transformou em lema. Para mim, navegar é preciso; viver não é preciso. Por esses anônimos, vou transbordar em versos, integrar em santidade e dar-me em sacrifício de amor.

Donos do mundo

"Bem aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra."

Algumas virtudes são filhas bastardas. Ninguém dá muita bola para elas, permitindo que mofem no rol das verdades que não se conectam à vida normal. São consideradas práticas reservadas aos mosteiros, ou a quem ambiciona ser canonizado.

Quem, num mundo como o atual, gostaria de ser manso, essa virtude que soa como fraqueza, falta de consistência ou subserviência?

Os muito machos não desejam ser mansos porque evitam parecer afeminados. As mulheres não toleram a sugestão de ser mansas porque suspeitam que exista por detrás de tal proposta uma ideologia para reforçar a secular dominação patriarcal sobre elas.

Convém procurar desmistificar o que seja mansidão. A raiz da palavra descreve apenas uma pessoa simples, humilde ou gentil.

Manso é quem não conquista nada pela violência e que, em seus projetos pessoais, mostra-se cuidadoso com o próximo.

As maiores ameaças à nossa humanidade estão ligadas ao poder e suas seduções. O poder nos torna arrogantes, frios, duros e inclementes. Somente a fragilidade nos torna dóceis, amáveis e de fácil relacionamento.

Tornamo-nos raquíticos quando ambicionamos o poder, mas nos fortalecemos quando acolhemos o singelo.

Os mansos são maleáveis, ensináveis e permitem o **amadurecimento**, enquanto a rigidez do poderoso o infantiliza. O **simples**

pede: "Fale, que eu quero crescer." O soberbo afirma: "Não preciso aprender mais nada."

A altivez gera afastamentos, enquanto que a humildade nos capacita a conviver com o próximo. A empáfia nos impede de admitir que nosso próximo nos corrija. Assim, estancamos e nunca amadurecemos.

Quando crescemos em mansidão, aprendemos contentamento. Inúmeras tristezas nascem da frustração de sabermos que não possuímos o controle do nosso futuro; angustiados, somos tangidos, percebendo que nossa felicidade flutua de acordo com as marés circunstanciais.

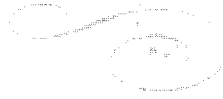
Só os mansos abrem mão de suas falsas onipotências.

Só os mansos aprenderam a navegar despretensiosamente pela existência.

Só os mansos estão dispostos a perder a vida.

Só os mansos herdarão a terra.

Em respeito aos tristes



Confesso que sou introspectivo e, muitas vezes, melancólico. Quando ainda era criança, gostava de ficar debaixo de uma árvore, sozinho, para pensar na vida. Continuo assim. Prefiro o silêncio às festas, as refeições com poucas pessoas aos banquetes. E, se não tomar cuidado, facilmente caio em depressão.

Essa minha índole quieta não me importuna, mas eu percebo que ela causa alguns constrangimentos na comunidade evangélica. Poucas vezes escrevi textos cinzentos, mas logo fui docemente aconselhado a não repetir tal deslize. Avisaram-me que os crentes não estão preparados para lidar com a tristeza. E que as pessoas gostam de artigos otimistas. Realmente! O movimento evangélico se alastrou no final do século XIX, num tempo em que se respirava um clima de grande otimismo. Acreditava-se que, em poucos anos, evangelistas, missionários e pastores converteriam o mundo, antecipando o iminente reino milenar de Cristo. Nosso berço foi embalado com a promessa de que seríamos a "última geração antes do arrebatamento". Nascemos num clima de euforia. Portanto, não toleramos qualquer mensagem que revele um jeito menos bem-sucedido de encarar a vida.

Sinto-me censurado quando exponho meus sentimentos contaminados de uma vaga e doce tristeza. Sentimentos que, a bem da verdade, me comprazem e me conduzem à meditação. Mas como explicar isso para minha geração? Fico sem saída, pois não quero

só escrever textos sobre como me sinto campeão; recuso teatralizar minha solidez e não quero enganar sobre minha santidade.

Em diversas ocasiões tenho a sensação de que estou só entre gigantes da fé. Haveria mais gente como eu? Sei que existem profetas, poetas e santos que também convivem com o desalento. Celebro a honestidade de todos os que, corajosamente, detectam sentimentos menos brilhosos e, iguais a mim, não se sentem culpados.

Ditosos os que choram, pois reconhecem que a vida não é composta só de luzes. Quem busca apenas o riso, querendo perenizar o prazer, cairá no profundo abismo do desencanto. Só os tristes sabem os segredos das noites sem lua e que algumas dimensões nobilíssimas da nossa humanidade somente se expressam em corredores de morte. Grandes são todos os que permanecem em pé mesmo quando não há luz nenhuma.

Ditosos os que entram em contato com suas angústias. Os que ocultam suas inquietações com frases e clichês religiosos se condenam à superficialidade. Não existe tese religiosa que consiga se impor com mais força que a própria vida. De nada vale repetir *slogans* que prometem um mundo cor-de-rosa. Mais cedo ou mais tarde virá a tempestade que assola a casa. Ventos contrários varrerão projetos cautelosos, e quem não edificar sua vida na verdade ruirá implacavelmente.

Ditosos os que não se consideram emocionalmente incólumes. Eles sabem que ninguém possui controle direto sobre suas emoções e reconhecem, inclusive, que serão traídos pelos incidentes do cotidiano. Eles vão até o fundo do poço e não se sentem fracassados, pois sabem que tanto alegrias como tristezas são passageiras.

Ditosos os que admitem suas depressões. Eles não tentam sublimar as inquietações com ativismos. Sofrimento é a única dimensão da vida comum a todos os homens e mulheres. Quem tenta blindar-se das tristezas precisa também se proteger da alegria. Fugir do sofrimento significa amortecer a felicidade.

Ditosos os que podem lamentar em público. Eles não precisam de sorrisos plásticos, de discursos demagógicos ou da arrogância

religiosa, pois se sentem acolhidos em sua honestidade. Eles sabem que não serão apedrejados quando se mostrarem frágeis, porque vivem entre amigos verdadeiros.

Ditosos os que se parecem com Jesus de Nazaré. Ele nunca mentiu sobre sua angústia ou solidão. No jardim, afirmou: *"Minha alma está triste até a morte."* Na cruz bradou: *"Pai, por que me desamparaste?"* Mesmo depois desses desabafos, Deus lhe deu um nome que está acima de todo nome. Se o Filho Unigênito pôde falar assim, ninguém deve temer revelar o tamanho de sua vulnerabilidade.

Esses ditosos podem seguir tranqüilos pela vida, porque a tristeza, segundo Deus, não é para a morte. Aleluia.

Relutamos contra a consciência
de que a todo instante o passado cresce
e o futuro diminui.



A mais dura lição

Morremos aos poucos, sempre devagar e dolorosamente. Esperneamos para não sumirmos. Recusamos imaginar que um dia vamos abrir mão dos nossos delírios onipotentes que nos dão a sensação de que nunca envelheceremos.

Ninguém gosta da idéia de desaparecer. Vivemos nos iludindo, evitando a noção do nosso fim. Como é difícil ter de romper com os narcisismos e jogar fora a prepotência da eterna juventude.

A morte é uma despedida. Mais que um rompimento com o passado, um adeus a esta vida. Relutamos contra a consciência de que a todo instante o passado cresce e o futuro diminui. Esforçamo-nos para perenizar nossa memória, idealizando os eventos já acontecidos.

Muitas vezes, agimos como o jogador que não aceita pendurar as chuteiras e que, por mais que se esforce, sabe que suas pernas não obedecem ao comando da mente. Um dia, resignado e revoltado com o vexame dos últimos jogos, ele aceita voltar para as arquibancadas, mas cheio de amargura. Para compensar o declínio, não consegue celebrar o presente. E vive a apedrejar os outros.

Todos relutamos em abrir mão do passado. Nostálgicos, procuramos reescrever nossa história, assumindo o papel de heróis abnegados e santos imaculados. Esquecemo-nos, entretanto, de mencionar nossas inadequações e que suamos a camisa com vaidades inúteis. Esfolamos nossos joelhos com messianismos delirantes e passamos noites em claro porque buscávamos agitar a galera.

As instituições também se recusam a contemplar a morte. Mas elas, um dia, vão acabar. Algumas igrejas rejeitam ser o grão de trigo que aceita sua fragilidade para dar muito fruto. Os crentes, infelizmente, não admitem que sejam efêmeros e isso vem de suas origens. No final do século XIX, aconteceu uma enorme controvérsia devido ao liberalismo teológico alemão e os primeiros evangélicos se fortaleceram em oposição a essa teologia.

Dessa forma, já em seu nascedouro, o movimento se definiu como uma reação a uma ameaça externa. Sua identidade se construiu de dentro de trincheiras argumentativas, nos debates. Daí a necessidade de sempre haver um inimigo qualquer: o darwinismo, o comunismo, a contracultura da década de 60, a pós-modernidade, o Islamismo, o divórcio, o aborto, os homossexuais.

Com essa atitude, os evangélicos facilmente assumiram uma mentalidade militar. A linguagem bélica de alguns hinos é significativa; convidando os crentes para combater o mundo; as recentes "batalhas espirituais" procuraram transformar as igrejas em quartéis e os convertidos em soldados (felizmente, tais mobilizações se mantêm no campo simbólico da religião; caso contrário, também haveria homens-bomba cristãos). Nesta ambiência, os evangélicos se acham imbatíveis e não cogitam falar em morte.

Os pentecostais também precisam aprender mais sobre a virtude de morrer. No pentecostalismo prevalece a noção de que o poder do Espírito Santo torna o crente, prioritariamente, produtivo; sua marca é eficiência espiritual.

Esta percepção pode desembocar em ativismo. A busca de uma eficácia sobrenatural que prova a "unção" faz as pessoas confundir bons relatórios com integridade. O fascínio por sinais grandiosos comprovaria a eleição divina, por isso, vários obreiros manipulam os apelos de conversão e falseiam os milagres. No afã de mostrar o poder do Espírito criam uma atmosfera que não aceita a fragilidade como virtude.

Entretanto, a verdadeira espiritualidade pentecostal deveria ensinar que Cristo morreu na cruz não só para nos substituir, mas

para que sigamos seu exemplo. Ele enviou seu Espírito para que os verdadeiros cristãos possam aprender a dizer: "Estou crucificado com Cristo."

Jesus nos ensinou que morrer é vocação e honra – *"foi nos dado o privilégio de não apenas crer em Cristo, mas também de sofrer por ele"* (Fp 1.29). Mesmo que sua mensagem sobre a morte contradiga a lógica humana, os crentes não desistem de segui-lo – *"pois quem quiser salvar a sua vida a perderá, mas quem perder a sua vida por minha causa a encontrará"* (Mt 16.25). A morte, portanto, não é inimiga dos crentes – *"porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro"* (Fp 1.21).

Minha prece ao Todo-Poderoso

Senhor, tu habitas no inacessível e operas no mistério. Sei que te aproximas do abatido e do contrito, por isso, peço-te: ouve meu clamor, pois meu pecado está diante de mim e não arvoro nenhuma virtude para ser aceito por ti. Não pretendo impressionar-te com falsas onipotências; sou carente de tua misericórdia.

Não te imploro que me poupes das contingências da vida. Estou disposto a trafegar existencialmente por estradas esburacadas e cheias de remendos. Abro mão de imaginar-me blindado e que não experimentarei percalços, doenças, morte ou angústias. Não, Senhor meu, não espero uma sorte melhor do que a de milhões de irmãos meus.

Cada vez que tento orar por algum favor material, sinto-me péssimo. Lembro-me do Sermão da Montanha e, por reconhecer teu cuidado e tua graça, proíbo-me de pedir-te comida e vestimentas. Como posso suplicar que te concentres em mim quando existem milhões sofrendo miseravelmente nas redondezas das grandes cidades? Não posso me considerar único quando existem inúmeros idosos morrendo antes de conseguirem ser atendidos nos hospitais públicos. Dá-me a graça de buscar em primeiro lugar o teu Reino.

Sou um pequeno burguês que jamais poderia pedir-te qualquer benefício além do que já tenho. Antes de bater em tua porta, assalta-me a visão de mães carregando seus filhos com paralisia cerebral para intermináveis sessões de fisioterapia; vejo as casas de taipa sem feijão; não posso evitar as cenas de meninos com

latas d'água na cabeça. Como ansiar por privilégios enquanto existirem Darfur, Luanda, Nampula, Mumbai, Pirambu e tantos lugares esquecidos?

Espero de ti um coração de poeta que sofre com a angústia não percebida dos esfomeados. Dá-me uma zanga profética para encarnar tua ira diante da injustiça. Imploro-te o saber do cientista social para explicar os porquês da rapinagem do sistema econômico selvagem que promove tanta desgraça.

Quero achegar-me à sala do trono e achegar-me ao *misterium tremendum*, onde os anjos escondem o rosto, para ouvir de teus lábios o mandado de levar adiante a tua causa. Dá-me o teu Espírito para que nunca me intimide diante do olhar sisudo dos confortáveis. Permita que eu encarne o teu poder compassivo e expresse tua missão.

Aspiro um coração manso e um espírito tranqüilo para viver com integridade. Espero poder estender minha mão a quem tombou na beira da calçada. Reconheço que muitas vezes me acovardo com a agonia humana. Não quero esconder-me atrás de afirmações religiosas. Se evito ajoelhar-me diante dos piores pecadores para não lhes lavar os pés, não sou digno de chamar-me teu discípulo. Por isso, preciso aprender o significado mais profundo do que significa participar de teus sofrimentos. Se ainda não assimilei o valor de abrir mão da vida para ganhá-la, de perdê-la para achá-la, é porque não aprendi que o grão de trigo precisa morrer para dar muito fruto.

Peço-te que me ajudes a enfrentar corajosamente os riscos e os acasos deste mundo perigoso, hostil e imprevisível. Entendo que viver sem apelar para socorros mágicos e extraordinários continua difícil demais para mim. Assim, instrui-me e tua Palavra será suficiente para que eu organize minhas escolhas. Espero poder afirmar: bastam-me tuas verdades e princípios para que eu seja mais que vencedor.

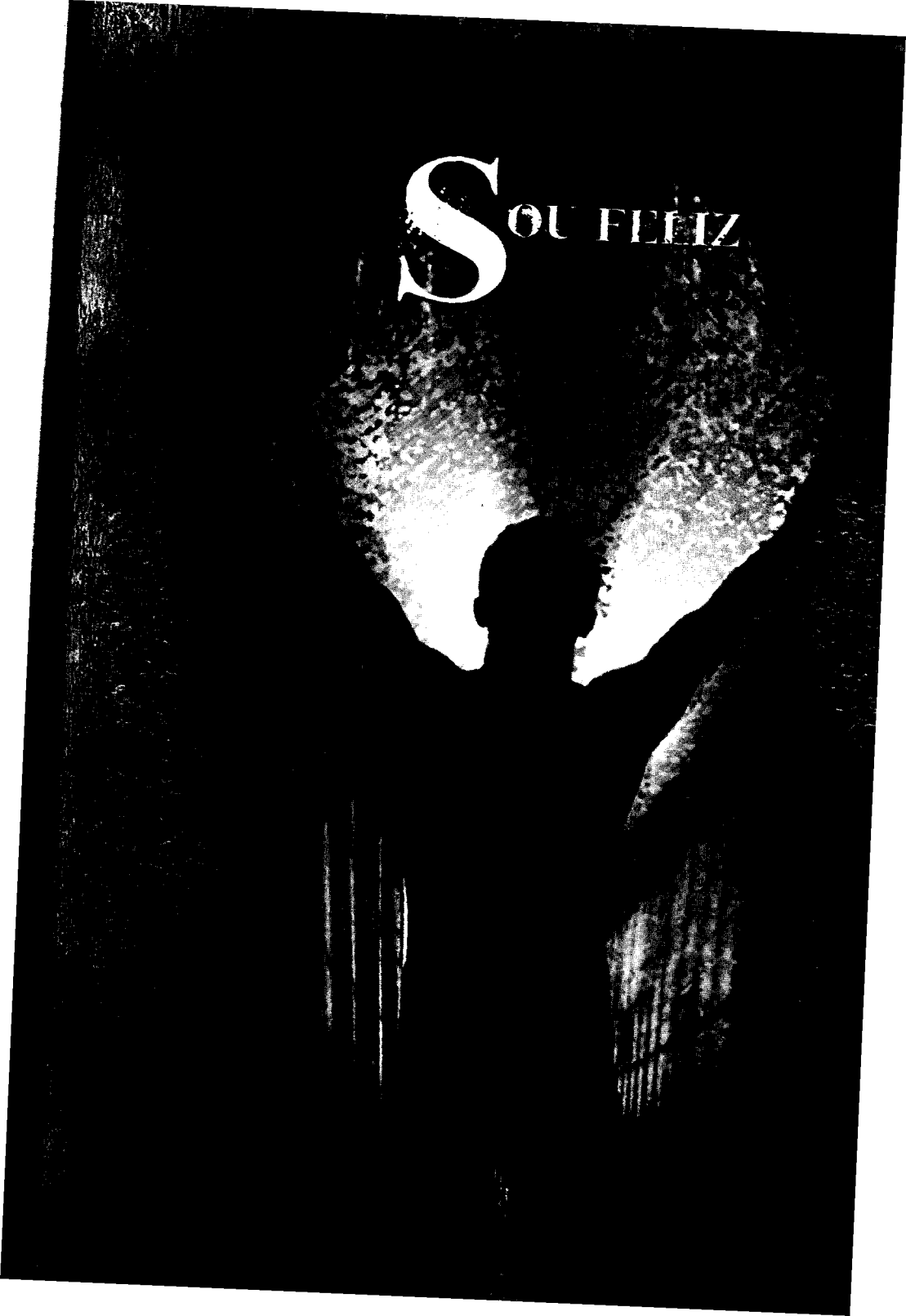
Em momentos tristes, ajuda-me a repetir as palavras de Jesus: *"Agora meu coração está perturbado, e o que direi? Pai, me salva desta hora? Não; eu vim exatamente para isto, para esta hora. Pai, glorifica*

o teu nome!" (Jo 12.27,28). Preciso de tua companhia para resistir à tentação de esperar livramentos que me pouparão da arena da vida. Assim eu seria um covarde. Não quero que teus inimigos digam que eu te sigo como uma fuga. Não pretendo viver alimentando ilusões em nome da esperança.

Pai, põe um guarda em meus lábios para que não jorrem palavras irresponsáveis quando falar contigo. Sei que posso ter o mesmo sentimento que houve em Jesus, que se esvaziou de toda pretensão onipotente para doar-se amorosamente pelos seus irmãos.

Silenciosamente, eu me prostro e suplico: ajuda-me a andar humildemente ao teu lado fazendo o bem e praticando a justiça, e isso será tudo.

Amém.


SOU FELIZ

Sou feliz



Estou contente por viver em um país latino-americano. Abandonei os moinhos de vento dos delírios quixotescos da juventude. Não reluto contra as rugas que se aprofundam em minha face. Não tenho medo de repensar convicções que julgava inabaláveis. Sou feliz.

Bastam-me poucos amigos. Ao redor de uma mesa, conversar qualquer coisa, zombar de todo mundo, inclusive de nós mesmos. Gosto de ambientes em que sou livre para rir e chorar. Sou feliz.

Na madrugada, corro sozinho por duas horas. Percorro ruas esburacadas. Suo. Bebo água gelada e guardo a doce sensação que ganhei o dia. Exijo do meu corpo que não se acomode. Brigo com a minha preguiça. Subo na balança. Restrinjo minha sanha por doce. Sou feliz.

Leio romance. Toco uma melodia calma. Deito-me na rede. Deixo meu coração transcender. Acolho o silêncio para meditar. Falo com Deus com sussurros. Gosto das alvoradas quietas. Tento lembrar o que sonhei para rir dos teatros que meu inconsciente cria. Sou feliz.

Escrevo, escrevo, escrevo. Espremo a alma para que as palavras nasçam. Sofro, suo, corrijo. Quero despejar no texto não o personagem, mas o sujeito de minha história. Sinto-me lisonjeado com as ressonâncias positivas e desafiado com as críticas. Enfurecido, muitas vezes por ser incompreendido, quero parar. Mas o bendito vício de escrever me dominou e sei que não consigo me libertar. Sou feliz.

Brinco com meus netos. Converso com o Naran antes de ele dormir. Seu tirocínio espiritual me encanta. "Vô, não vai ser bom brincar de esconde-esconde com Jesus quando eu chegar ao céu." "Por que Naran?", pergunto. "Vô, a gente não consegue se esconder de Jesus, mas ele sempre se esconde de nós". Quando não vejo Gabriela e o Felipe, fico chateado de não acompanhar cada fase do crescimento deles. Sou feliz.

Tenho uma mulher maravilhosa. Primeiro, misericordiosa. Cuidadosa com minha saúde. Minha defensora como ninguém. Os que se atreveram me magoar depararam-se com uma leoa, pronta para atacar. Sensual, fogosa e carinhosa. Sou feliz.

Estudo. Pesquiso. Sou irrequieto com o saber. Questiono. Confronto, mesmo sabendo que as muitas indagações só podem gerar mais inquietação. Aprendi a gostar de autores que não fazem parte de minha tradição de fé. Cansei de afirmações pueris sobre a vida. Procuro evitar o lugar comum. Inscrevo-me em colóquios. Ouço os mestres e não me canso de estudar. Sou feliz.

Pastoreio pessoas queridas. Freqüentam minha comunidade de fé, idosos, adolescentes, mães solteiras, empresários, funcionários públicos, profissionais liberais, crianças com síndrome de Down, surdos, desempregados e muitos, muitos jovens. Eles me enchem de orgulho. Perspicazes, aprofundam conceitos que eu gastei décadas para aprender. Responsáveis, vivem uma espiritualidade liberta de jugos. Sou feliz.

Abro álbuns e celebro a minha história. A sabedoria dos meus avós ainda me inspira e conduz. O olhar doce da tia Gelsa persiste na minha poesia. A grandeza do papai somada à resiliência da mamãe são tesouros inestimáveis. Sou feliz.

Plantei árvores, escrevi livros e tive filhos. Deito a cabeça no travesseiro com a sensação de ter me esforçado para ser íntegro. Jamais comi o pão da preguiça. Nunca cobicei a glória alheia. Caso Deus abrevie meus dias, quando o encontrar, direi sem gaguejar: fui feliz.

SOLI DEO GLORIA



Ricardo não apenas escreve. Apaixona-se em forma de letras. Um dos mais corajosos escritores em língua portuguesa, seus textos têm tempero lírico raramente visto, sendo impossível lê-los sem sermos envolvidos por muitas emoções, idéias geniais, sons, sabores, cores e cheiros...
Experimente para ver.

Ronaldo Rodrigues Alves

Quem lê Ricardo Gondim não se surpreende ao conhecê-lo pessoalmente. Seus leitores lhes são sempre íntimos. Não nos poupa de quaisquer de suas fraquezas, inadequações e belezas. Já o achei um corajoso, hoje acho a coragem um simulacro e o Ricardo, um "covarde". Mas sua covardia é uma virtude solidária. De tão sensibilizado pelo que enxerga e sente não consegue ficar só. Faz de nós, seus leitores, o que de José de Arimatéia foi feito na jornada de Jesus. Seu texto nos arranca da margem leviana da leitura e nos inclui na gravidade de seu coração, sua jornada, sua cruz, seus devaneios, suas verdades, sua paixão. Irresistivelmente ao seu lado, desesperadamente mais próximos de nós, graciosamente mais perto de Deus.

Elienai Cabral Junior

Leio meu amigo Ricardo Gondim como quem ouve alguém pensar alto. Poucos escritores têm essa coragem e capacidade. Considero suas reflexões imprescindíveis àqueles que anseiam re-significar o evangelicalismo e estão comprometidos com o pensar teológico a partir de uma reflexão visceral, realista e piedosa.

ED René Kivitz

"Alaridos ufanistas insistem em apregoar o 'mover', o 'derramar' e o "fluir' de Deus no Brasil. Ricardo Gondim é uma das vozes dissonantes que escolheu outro verbo no infinitivo: 'refletir'. Seus textos combinam sensibilidade e franqueza em doses obrigatórias para a restauração da saúde do rebanho. Afinal, como disse Martin Copenhaver, 'a dúvida também é um dom'."

Sérgio Pavarini
jornalista e blogueiro

MK editora

ISBN 978-85-78450-03-8